5:800
4:500
10:300

# ORAÇÕES SAGRADAS
OFFERECIDAS
AO
# SERENISSIMO SENHOR
# D. JOÃO,
# PRINCIPE REGENTE,
POR
## FR. BENTO DA TRINDADE,

*Religioso Agostinho Descalço, Jubilado, Doutor, e Lente actual de Theologia do Seminario Episcopal de Olinda, Qualificador do Santo Officio, Examinador das Tres Ordens Militares, e Synodal do Bispado de Pernambuco, Missionario Apostolico, e Prégador da Real Capella da Bemposta.*

---

*TOMO IV.*

LISBOA:
NA OFFICINA DE J. F. M. DE CAMPOS.
1817.
*Com licença da Meza do Desembargo do Paço.*

*Legat, qui volet; et interpretetur, ut volet: et si peccatum invenerit . . . non irrideat: sed potiùs, si est grandi charitate, fleat ipse, ad te Patrem omnium fratrum Christi tui.*

S. Aug. Confes. lib. 9. 6. 11.

# SERENISSIMO SENHOR.

*TOdo o merecimento, e recommendação deste pequeno Volume, que tenho a honra de offerecer a VOSSA ALTEZA REAL, he o de conter as maximas da Religião, e das virtudes, de que VOSSA ALTEZA REAL nos dá os mais edificantes,*

*e persuasivos exemplos, e a protecção ao mesmo tempo, que VOSSA ALTEZA REAL por isso mesmo se dignará conceder-lhe, como humildemente rogo, e espero da constante piedade de VOSSA ALTEZA REAL, de quem tenho a honra de ser,*

*SENHOR,*

Humilde Vassallo, e Criado

*Fr. Bento da Trindade.*

# SERMÃO

DO

# CORAÇÃO DE JESUS,

Prégado na Real Capella da Bemposta.

*Sicut dilexit me Pater, & ego dilexi vos.*

Eu vos tenho amado, assim como meu Pai me amou.

Do Evang.

DEpois de ouvir estas palavras do Evangelho presente, podemos nós desconhecer a bondade, e ternura ineffavel daquelle bom Coração, que as inspirou a Jesu Christo? Podemos ser insensiveis ao amor infinito, que nellas se manifesta? E deixar de conhecer os sentimentos sublimes daquelle Coração Santissimo, que nos *amou em caridade perpétua*, (1)

(1) Jerem. 31. ℣. 3.

que nos abrio o seu seio, que nos lavou em seu sangue, e se fez a nossa victima, e o preço infinito da nossa felicidade? Não, Senhores; neste Oraculo só do Evangelho nós somos obrigados a conhecer, e adorar no Divino Redemptor hum Coração infinitamente sensivel, amoroso, terno, santissimo, amabilissimo. Hum Coração divinamente generoso nos seus affectos, terno em seus sentimentos, humilde em seus sacrificios, elevado em os seus designios, benigno, omnipotente, glorioso em todos os seus effeitos. Hum Coração divino, e humano ao mesmo tempo, limitado, e immenso, exinanido, e inexhaurivel, paciente, e glorioso; sempre habitado de Deos, cheio de Deos, e todo digno de Deos: principio da vida de hum Deos homem, espelho da Divindade, visivel imagem da invisivel substancia. Hum Coração, cuja extensão he immensa, cuja bondade infinita, cuja ternura ineffavel, cuja santidade summa, cuja gloria incom-

prehensivel: fonte de toda a doçura, origem de todo o bem, delicias das nossas almas, ternura do nosso amor, objecto glorioso de nossas adorações: o nosso asylo, o nosso centro, a nossa corôa, a nossa gloria. Hum Coração .... mas posso eu descrevello? Sublimes Intelligencias do Empireo, gloriosos Cortezãos dessa habitação de luz, que o contemplais sem cessar, e que bebeis em sua immensa doçura torrentes de delicias ineffaveis, dizei vós o que sentis do Coração de Jesus, e ensinai-me a descrever os seus ineffaveis sentimentos.

Isto he, nos diz o Evangelho, hum Coração, que nos ama. Mas com que excesso, e de que modo? Assim como meu Pai me tem amado, diz o Divino Senhor, assim he que eu vos amei: *Sicut dilexit me Pater, et ego dilexi vos.* Que semelhança, que fineza! He logo o amor do Padre para Jesu Christo como a regra, e o exemplar do amor do mesmo Jesus para com os ho-

mens. São logo estes hum objecto á proporção tão amado a este bom Coração, quanto este o he para o amor Paterno. He em fim o amor para com os homens, como o sentimento dominante, e muito especial do Divino Coração de nosso bom Redemptor. Que incomprehensivel prodigio de bondade! Empreguemos neste ponto as nossas piedosas reflexões. Contemplemos com a mais justa attenção este excesso de ternura do Coração de Jesus, e passemos a vêr neste discurso quanto elle nos amou, e quanto merece ser amado.

Adoravel Coração do meu Redemptor Divino, fonte de luz inextinguivel, *que illuminas a todo o homem*; (1) ardente pira de amor, que nos inflammas docemente; he hoje em os teus auspicios, que eu me animo a descrever teus amorosos sentimentos. Dá-me pois, eu to supplico, o auxilio opportuno da tua

---

(1) Joan. C. 1. ℣.

doce influencia. Manda desse luminoso throno hum raio da tua luz, que possa dirigir o meu espirito, e abrazar o meu Coração nas mesmas chammas, que exhalas. Faze, que eu te contemple, te sirva, louve, e adore, e te faça conhecer, servir, louvar, e adorar a todos, os que me ouvem. Eu me abandono todo ás tuas inspirações, e aos teus movimentos. Regúla minhas idéas, sentimentos, e palavras, e falla tu mesmo em meu lugar, e em meu auxilio.

## PRINCIPIO.

*Maravilhosas são, Senhor, as vossas obras, e a minha alma o reconhece muito bem.* (1) Cantava o Rei David. Ellas se manifestão claramente logo na primeira scena, que o Senhor offerece no principio ás nossas vistas. O mundo todo he tirado em hum instante do seu na-

---

(1) Psalm. 138. ℣. 13.

da; (1) o cáhos toma huma fórma vistosissima. Immensos globos de luz espalhados nas esféras fórmão brilhantes linguas de fogo para dar testemunho ao Creador. O nada se faz docil, e fecundo á sua voz omnipotente: de hum punhado de terra sahe o homem já perfeito. A luz, esta bella creatura, sem a qual todas as mais nos serião escondidas, a luz, digo, apparece de improviso, enche todos os espaços, e faz vêr as grandes obras da dextera omnipotente do Excelso. O ar enche todo o vão de hum espaço immenso. A terra se cobre de flores, e vegetaes. As aguas correm para o lugar, que o Creador lhes destinou, todas as creaturas do Senhor se mostrão boas, e o seu Divino Amor reverbera em todas ellas.

Que brilhantes testemunhos deste amor prodigioso vai o Senhor descobrindo pela successão dos tempos? O mundo todo magnifico, perfeito, e po-

---

(1) Genes. C. 1.

voado, submergido em hum diluvio total, e restabelecido depois na sua perfeição antecedente! os filhos de Israel multiplicando como as estrellas do Ceo, e as areias do mar! Arrancados ao captiveiro do Egypto entre maravilhas, e protentos, conduzidos no deserto pela direcção Divina; marchando a pé enchuto entre as ondas do mar; nutridos de hum pão Celeste! Entrando victoriosos em hum Paiz Estrangeiro, sempre abençoados de Deos, e sempre protegidos, e amados! Que testemunhos, oh Deos! do vosso amor infinito, e que motivos tão fortes, e tão justos para me fazer exclamar com Moysés no meu assombro: Senhor, altissimo Senhor, quem he semelhante a vós, magnifico em santidade, que obrais tantas maravilhas! *Domine, quis similis tibi, magnificus in sanctitate ... faciens mirabilia!* (1)

São com effeito grandes, magni-

---

(1) Exod. C. 15.

ficos, maravilhosos estes prodigios da bondade, e amor do nosso Deos; mas toda a sua magnificencia, e grandeza se esconde, e desapparece comparada com o amor, que nos mostra o Coração de Jesus. Sim, Senhores; nessas antigas maravilhas eu reconheço, e adoro, he verdade, hum amor muito effectivo, mas não hum amor affectivo: vejo hum amor maravilhoso nos effeitos, mas não penetrado de affectos: vejo hum amor, que encanta os nossos sentidos, mas não que seja affectado pelos nossos sentimentos: vejo em fim hum amor summamente executivo, omnipotente, fecundissimo em mil prodigios brilhantes; mas não hum amor affectuoso, enternecido, e acompanhado das impressões, que o fazem violento, e doloroso á humanidade.

Antes do Senhor se fazer homem, e tomar em nosso obsequio hum coração humano, amava-nos, he verdade, mas com hum amor suavissimo, que não lhe custava alguma dôr, alguma pena, ou sacrificio vio-

lento. Amava-nos com bondade, mas não nos amava com paixão, conhecia os nossos males, mas não os compadecia. Como era impassivel, amava sem padecer. Mas depois que quiz tomar por nosso amor hum coração como o nosso, então foi, diz o Apostolo, que sentio por experiencia os effeitos de hum amor paciente, e affectuoso: (1) *Didicit ex iis, quæ passus est.* Era necessario, segundo a sublime Theologia do mesmo Apostolo, fazer-se semelhante a nós em a natureza, e respirar por hum coração susceptivel de impressões, para se fazer por hum novo modo misericordioso, e compassivo: *Debuit per omnia fratribus assimilari, ut misericors fieret.* (2)

Era necessario em fim a Jesu Christo este Coração Santissimo, para lhe poder inspirar os affectos de hum amor, que sem deixar de ser

---

(1) Ep. ad Hebr. C. 5. ℣. 8.
(2) Ad Hebr. C. 2. ℣. 17.

eterno, principiava a ser de novo, e sem perder o ser de omnipotente, experimentasse contradicções, difficuldades, dôr, ternura, saudade, e todas as impressões innocentes de hum amor humano, e divino ao mesmo tempo. De hum amor, que, segundo os seus diversos objectos, e motivos, podesse sentir a tristeza, alegria, a compaixão, e todos os diversos sentimentos, que affectão a humanidade para poder condoer-se de nossa ignorancia, e miseria, dividindo em si mesmo as nossas enfermidades: *Qui condolere possit iis, qui ignorant, & errant; quoniam & ipse circumdatus est infirmitate.* (1)

Assim convinha que Jesu Christo experimentasse os nossos males, para poder constituir-se hum fiel mediador, e verdadeiro Pontifice, capaz de se condoer de nossas enfermidades: *Non enim habemus Pontificem, qui non possit compati infirmitatibus nostris*; (2) sendo por tudo tenta-

(1) Ad Hebr. C. 5. ℣. 2.
(2) Ep. ad Hebr. C. 4. ℣. 15.

do por semelhança com os homens, sem com tudo ter peccado: *Tentatum per omnia pro similitudine absque peccato.* (1) Sem este Coração humano o Senhor podia bem crear-nos por sua omnipotencia; amar-nos por sua bondade, e perdoar-nos em fim por sua misericordia; mas não podia compadecer sensivelmente os nossos males por semelhança de natureza, e de sentimentos. Só depois que se dignou respirar por hum coração da mesma massa do nosso, he que tomou sobre si nossas miserias, e supportou verdadeiramente as nossas dôres: *Verè languores nostros ipse tulit, & dolores nostros ipse portavit.* (2)

Que diversidade com effeito de dôres, de impressões, e de sentimentos não padeceo o Coração de Jesus em todo o tempo, que respirou sobre a terra? Logo que foi formado no ventre purissimo de Maria,

---

(1) Ubi supr.
(2) Isaias C. 53. ℣. 4.

o amor para com os homens foi, para o dizer assim, o seu sentimento como natural, e dominante. Nascendo humilde em Belém, começa a derramar por nós as suas lagrimas. Na sua Circumcisão se faz nosso Salvador pela effusão de seu sangue. No resto de sua vida se dóe de nossas miserias, e se consola na esperança de nosso resgate proximo. Desterrado em Egypto se entristece; voltando á Pátria, e ao Templo, se alegra; orando a seu Eterno Pai, se eleva em alta contemplação; vendo profanar seu Templo, se mostra como apaixonado. Olhando para a Cidade ingrata, chora enternecido sobre ella. Vendo desgarrar-se a ovelha do rebanho, se afflige; achando-a, se alegra; reduzindo-a, se applaude, e felicita. Orando dentro do Horto, desfalece; sendo prezo, flagellado, cuspido, crucificado, soffre, humilha-se, conforma-se com a vontade do Padre; expirando finalmente, deixa traspassar com huma lança este Coração Santissimo, que

lhe suggerio tantos affectos. e palha ainda por nós todo o resto do seu sangue, faz sahir desta ferida os saudaveis Sacramentos, abre-nos nesta grande chaga a entrada para o seu Coração, recolhe-nos dentro delle, e nos deixa em fim com a mais viva saudade, e com a firme promessa de a vir alliviar, ficando sempre entre nós no Divino Sacramento.

Que mais podia executar o bom Senhor para nos mostrar a ternura do seu Coração Santissimo? Havia sacrificado tudo ao nosso bem; lagrimas, sangue, vida, divindade, thesouros infinitos de sabedoria, e de graça, tudo, tudo havia sacrificado em nosso obsequio. Havia fundado a sua Igreja, instituido os Sacramentos, e sellado com seu sangue os caracteres indeleveis de huma nova alliança. Havia-nos dado tudo, tinha-se dado a si mesmo, e isso por muitos modos. Nascendo, se nos deo por companheiro; na meza por alimento: *Se nascens de-*

*dit socium, convescens in edulium*: morrendo, se deo em preço; nos Ceos se nos dá em premio: *Se moriens in pretium; se regnans dat in præmium.* Que restava depois disto? Dulcissimo Coração, que suggeriste estes divinos excessos, tu não serás poupado, ou excluido destes grandes sacrificios; tu serás antes a corôa de todos, e a consummação de suas obras: *Cor suum* (1) *dabit in consummationem operum.*

Jesus não espalhará em fim alguma graça sobre os homens, em que o seu Coração não tenha parte, e de que não seja mesmo a origem. Se nos attrahe com bondade, se nos soffre com paciencia, se nos ama com ternura, se nos adopta em graça, se nos corôa em gloria, aquelle bom Coração he o principio fecundo de todas estas finezas. As torrentes da misericordia, que como *aguas* abundantes, *saltão á vida* (2) *eterna*; e estes *rios* de

(1) Eccles. C. 38. ℣. 31.
(2) Joan. C. 4. ℣. 14.

graças, e de beneficios, *cujo impeto alegra* (1) *a Cidade de Deos*, tudo dimana largamente desta fonte copiosa do Coração de Jesus.

Todas as cogitações, e sentimentos, diz o Senhor, procedem do coração: *De corde exeunt cogitationes.* (2) E estas serão necessariamente taes, qual for o coração, que as produz. Quaes devem ser pois os sentimentos de hum Coração desenhado desde a eternidade, formado, e escolhido pelo mesmo Senhor, que devia respirar por sua palpitação? De hum Coração formado pelo Espirito Santo do sangue purissimo, innocentissimo da mais pura, mais perfeita, e mais celeste de todas as creaturas? Hum Coração, que devia ser o Throno, e o Templo animado da Santissima Trindade, gloria do Pai, principio da vida temporal do Filho, chefe de obra singular do Espirito Santo? Hum Coração finalmente, que



(1) Psalm. 45. ℣. 5.
(2) Matth. C. 15. ℣. 18.

devia lavar no seu sangue a todos os peccadores, e satisfazer por elles a Deos em todo o rigor de justiça, não só sufficiente, mas muito superabundante? Ah! Deixai-me, Senhores, exclamar aqui com S. João Chrysostomo, fazendo o elogio de S. Paulo: Oh Coração! Dulcissimo Coração, mais elevado, que o Ceo, mais extenso, que o orbe, mais luminoso, que o Sol, mais firme, mais forte, e mais constante, do que o diamante mesmo: *Oh cor*, (1) *coelo altius*, *orbe extentius*, *sole clarius*, *adamante fortius*. Feliz a alma, que te serve, ama, e adora; e que celébra, e promove estes cultos verdadeiramente magnificos, e gloriosos, dignos de seu divino objecto, e de sua origem promotora, augusta, religiosa, devotissima, digna mil vezes de receber aqui os nossos justos louvores, se nos fosse permittido repartir neste lugar com a creatura, por mais au-

---

(1) S. Joan. Chrys. in Laud. Paul.

gusta, e mais louvavel que seja, os obsequios, e os incensos devidos só áquelle Santissimo Coração, que com tanto excesso nos amou, como vos tenho mostrado; e que tanto merece ser amado, como passo a mostrar-vos.

## II. PARTE.

NÃo ha estimulo mais forte, diz o meu Santo Agostinho, para excitar o amor, do que prevenir o amado com anticipadas finezas: *Nulla maior* (1) *est ad amorem invitatio, quam prævenire amantem.* Porque he necessario, continúa o Santo Padre, ter hum coração muito insensivel, e duro, para não amar por correspondencia, quem se considera amado por fineza: *Quia nimis durus est animus, qui si nolite dilectionem impendere, nolit rependere.* Deste principio incontesta-

(1) S. Aug.

vel vós estais concluindo já, quanto devemos amar ao Coração de Jesus. Elle nos amou primeiro, anticipou-se em amar-nos, e nos prevenio muito antes com hum amor extremoso: *Ipse prior dilexit nos.* (1) Amou-nos divinamente por hum beneficio gratuito de sua bondade summa, sem o merecermos de algum modo, antes de o conhecermos, e antes mesmo de existirmos. Que digo eu? Amou-nos, diz S. Bernardo, não só antes de existirmos, mas quando lhe resistiamos: *Dilexit non existentes, sed et resistentes.* (2)

Sim, meu Deos, eu não existia ainda, estava submergido no meu nada, e impossibilitado sem vós a sahir delle, quando o Coração do meu Redemptor Divino formava comvosco o designio de meu ser, ordenava os meus dias, e preparava os meios para minha salvação. Desde então foi servido contemplar-me, interessar-se ao meu bem, offerecer

(1) Joan. Ep. 1. C. 4. V. 10.
(2) S. Bern.

por mim todo o seu sangue, e ama-me finalmente todo nada, como eu era, ou como eu ainda não era: *Dilexit non existentes.* Amou-me ainda depois disto no mesmo tempo, em que eu punha todos os obstaculos ao seu amor, quando desprezava as suas graças, e resistia aos seus auxilios: *Dilexit ... et resistentes.*

Amou-nos, sim, em todo tempo; e isto não com hum amor esteril, e de simples complacencia; mas com hum amor terno, efficaz, perseverante, fecundo em muitas graças, com que nos prevenio, nos buscou, soffreo, e perdoou muitas vezes. Com hum amor, que lhe fez sacrificar tudo ao nosso bem, e não poupou cousa alguma, que podesse promover a nossa felicidade. Amou-nos finalmente com hum amor, que nos chegou a dar o seu mesmo Coração, e chega a pedir o nosso. *Præbe, fili mi, cor tuum mihi*: (1)

---

(1) Prov. C. 23. ℣. 26.

Dá-me, filho meu, o teu coração. Eu o poléra arrancar por violencia, parece nos quiz dizer, mas quero, que tu mo dês livremente, e por vontade, para ser a tua dádiva para ti mais meritoria, e para mim mais agradavel: *Præbe, fili mi.* Filho meu. Isto he pois hum Pai, que pede o teu coração. Poléra mandar como Senhor, mas pede-o como Pai, para o enriquecer de seus dons, e o santificar em sua graça: *Cor tuum.* O teu coração; que he ainda mais meu por muitos titulos; porque o formei de nada; porque lhe infundi a vida, porque o resgatei com o meu sangue, porque o regenerei no baptismo, e nutri na Eucharistia, e santifiquei nos Sacramentos: *Cor tuum mihi.* A mim, que sou seu Senhor, a mim, que sou seu amante, que só o posso encher, e glorificar eternamente, a mim, que sou o seu primeiro principio, o seu fim, o seu centro, a sua felicidade, o seu tudo: *Præbe, fili mi, cor tuum mihi.* Que

petição! Que bondade! Que ternura!

Isto he pois hum Deos, que pede, e que pede á creatura o mesmo coração, que elle creou. Hum Deos, que ternamente nos ama, e ordena, que o amemos, e se agasta contra nós, se deixamos de o amar. Meu amabilissimo Senhor, aproveito-me aqui das mesmas palavras do meu Santo Agostinho, e quem sou eu, meu Deos, para vós fazerdes caso do meu coração, e do meu amor: e não só vos dignardes permittir, mas mandar, que eu vos ame, agastando-vos comigo, se deixo de vos amar? *Quid tibi sum ego, Domine, ut amari jubeas a me, et irascaris mihi, si non faciam?* Ah, Senhor! e não he isto para mim a maior honra o permittir que vos ame, e o maior de todos os castigos, e mizerias não amarvos? Heu! *parumne est ipsa miseria, si non amem te?* Que sou eu? Ou que vem a ser todo o homem, para o engrandecerdes tan-

to, que lhe chegueis a pedir o seu coração, e lhe presenteis o vosso? *Quid est homo, quia magnificas eum, aut* (1) *quid apponis erga eum cor tuum?*

Com effeito, Senhores, ao considerar, e conferir a grandeza, a independencia, e magestade de Deos com a nossa summa miseria, parece, que a maior de todas as graças, que o Senhor nos podia conceder, era só o soffrer, que o amassemos, e consentir, que lhe pedissemos a honra incomparavel da sua graça, e amizade; soffrer em fim, que lhe offerecessemos o nosso coração em holocausto, sem termos com tudo a ousadia de lhe pedirmos o seu, ou aspirar-mos á sua correspondencia; com tudo o bom Senhor a pezar da infinita distancia, que vai delle á creatura, não só nos permitte a posse do seu Coração Santissimo, mas prevenindo as nossas súpplicas, o offerece, e o

(1) Lib. Job. C. 7. ℣. 17.

dá quasi a nosso pezar. Falta pouco para constranger-nos, como aos convidados, para a sua grande cêa, para que nós o acceitemos.

Oh infinita bondade de meu Deos! E he necessario mais, ou he necessario tanto para excitar em nós hum amor ternissimo, ardentissimo a hum Senhor tão amavel? He necessario tudo isto para lhe dar-mos este miseravel coração, que prostituimos a tantos objectos vis, e deixamos dominar de tantas paixões infames? Que! Senhores. Pede-nos Jesu Christo o coração, e ouzamos recusar-lho? Manda-nos, que o amemos, e duvidamos pagar-lhe este tributo justissimo? Sollicita o nosso amor, merece-o infinitamente por mil titulos: dá-nos a este preço a sua gloria, e recusamos amallo? *Filii hominum, usquequo gravi corde?* (1) Filhos dos homens, até quando sereis duros, e inflexiveis de coração? Almas mortaes, in-

(1) Psalm. 4.

sensiveis, corações de gêlo, e de ferro, he pois tão difficil, e penoso para vós o amar a Jesu Christo? Quanto a mim, meu Divino Redemptor, eis-me aqui bem convencido, e penetrado da vossa immensa bondade. Eu vos amo, Senhor, e adoro humildemente a ternura ineffavel de vosso amor infinito. E pois que me permittis a graça de vos offerecer este miseravel coração, que tendes em vão sollicitado tantas vezes, eu vo-lo entrego agora contrito, e humilhado. Dignai-vos, Senhor, eu vo-lo rogo pela vossa summa bondade, dignai-vos de o acceitar. Habitai-o, enchei-o todo de Vós: e reinai unicamente dentro delle. E se não o achais digno de vossa divina habitação, como com effeito não he, creai, Senhor, em mim outro coração puro, que seja digno de Vós. *Cor mundum* (1) *crea in me Deus*: Hum coração sensivel ao vosso amor,

---

(1) Psalm. 50.

fiel em vos corresponder, desvelado em vos servir, constante em vos amar, venturoso em vos possuir, e vos louvar no tempo, e na eternidade feliz, e gloriosa. Assim seja.

# SERMÃO
## DAS
# QUARENTA HORAS,

Prégado na Sé da Bahia.

*Dereliquerunt Dominum, blasphemaverunt Sanctum Israel, abalienati sunt retrorsum.*

Deixárão ao Senhor, blasfemárão o Santo de Israel, retrocedérão nos seus caminhos.

Isaias Cap. I.

QUando Israel ingrato aos beneficios de Deos rompia sua alliança, e se entregava tristemente a toda a dissolução de suas impiedades: quando, renunciando o esplendor, e magnificencia do seu culto, deixava as solemnidades de Sião para adoptar os ritos, e superstições de Samaria: quando, desprezando os preceitos da Lei Santa,

se abandonava indignamente á intemperança, á impureza, e a todos os excessos de sua libertinagem: quando, em fim Jerusalem se achava nas mesmas dolorosas circumstancias, em que vemos, especialmente nestes dias, a esta infeliz Cidade; então foi que, inflammado Isaias nos ardores de seu zelo, não podendo mais conter a sua dôr, e o seu silencio, o rompeo em fim com estas dolorosas expressões: ai do Israel ingrato, e rebelde ao seu Deos, povo indócil, e propenso á iniquidade; filhos degenerados de Abrahão, e de Jacob! *Væ genti peccatrici, populo gravi iniquitate,* (1) *semini nequam, filiis sceleratis*! Deixárão ao Senhor seu Deos, blasfemárão a santidade de seu nome, e retrocedêrão nos caminhos de sua divina lei. O seu templo magestoso, delicias de toda a terra, se acha solitario, e deserto até nos dias mais plausiveis de suas so-

(1) Isaias Cap. I.

lemnidades. A presença do Senhor tão benéfica, e tão amavel se lhes faz tão fastidiosa. Os seu augustos mysterios, seus canticos, seus sacrificios, seus ritos, bem longe de os attrahir ao pé de seus altares, são para este povo ingrato outros tantos objectos de apostazia, e de desprezo: *Dereliquerunt Dominum, blasphemaverunt, &c.*

Senhores, por mais que eu queira encobrir a ignominia, e opprobrio do nosso Christianismo em lhe applicar estas palavras, confessemos a verdade, não podemos deixar de nos reconhecer neste retrato. Não Senhores, o Profeta não podia pintar com côres mais vivas, e naturaes, a nossa criminal conducta nestes dias tenebrosos de prostituição, e liberdade. Que observamos com effeito, que não verifique fielmente esta triste profecia? Que vemos nós, que não seja deserção do Santo Templo, indifferença, e desprazer na solemnidade presente, irreverencia, e distracção na presen-

ça do Senhor, repugnancia, e fastio para o contemplar, e receber no Divino Sacramento? Immodestias, indecencias, intemperança, dissoluções ímpias, e escandalosas são os espectaculos, que vemos; talvez menos criminaes, do que aquelles, que não vemos.

Este he, dizem alguns, este he hum tempo destinado aos prazeres do mundo. Ha dias de penitencia, e dias de liberdade. He necessario contemporizar hum pouco com o que he uso, e costume, e accommodar-nos a estas alternativas de mortificação, e de prazer, dando ao tempo o que he seu, e a Deos o que lhe pertence. Mas são estes os sentimentos proprios de hum Christão, que renunciou no Baptismo o mundo, e as suas pompas? Desde quando foi permittido dividir o tempo entre Deos, e o demonio, e dedicar ora a hum, ora a outro os dias, e os sacrificios? Que tempo em fim se poderá roubar impunemente ao Supremo

Arbitro, Juiz, Despensador, e Senhor dos tempos, e dos momentos, que o Padre reservou ao seu poder, e á sua discrição? Destruamos pois, Senhores, este frivolo pretexto de huma pertenção tão indiscreta; confundamos hum prejuizo tão ímpio, e tão contrario a toda a boa razão, religião, e probidade, e passemos a vêr pelo contrario, que se em algum tempo devemos dar a Deos hum testemunho mais sensivel da nossa religião, he muito especialmente neste triduo. E porque? Porque os excessos de amor, e bondade, que o Senhor pratíca nestes dias em nosso obsequio naquelle Divino Sacramento, devem excitar mais vivamente o nosso reconhecimento, e amor para com elle. I. Ponto. Porque as muitas offensas, que recebe de nós nos mesmos dias, devem inspirar nos mais, do que em outro qualquer tempo, os mais vivos sentimentos de penitencia, compunção, e desaggravo. II. Ponto. Em huma palavra: as finezas, que

o Senhor pratica nestes dias, e as offensas, que recebe, eis-aqui a materia bem digna da vossa meditação, e do presente discurso. Valha-me a graça divina, que humildemente invoco, e a vossa piedade, e attenção, que desejo merecer.

## PRINCIPIEMOS.

POr muito violentos, e repetidos que sejão os ataques dos Atheos, e dos Idólatras contra a nossa Religião divina, elles não me parecem tão crueis, e odiosos, como os que lhe presentão os máos Christãos na sua ímpia liberdade, e na sua conducta antichristã, e escandalosa. Sabe-se muito bem, que as baterias dos incredulos Deistas, Materialistas, e Atheos, são esforços de inimigos declarados, e rebeldes, a quem todas as armas servem, com tanto que sejão offensivas; e todo o manejo agrada, huma vez que seja conducente á hostil destruição

da Religião, e da crença, que combatem. Mas a guerra declarada, que fazem os máos Christãos ao mesmo Christianismo, que professão, são projectos de domesticos, de filhos, e de falsos parciaes não suspeitos de intenção, e hostilidade maligna, e por isso mais insidiosos, mais crueis, mais triunfantes. Que o homem inimigo sobresemêe sizanea no bom campo do Senhor, isso he hum effeito natural do seu caracter hostil, insidioso, e maligno; mas que o mesmo feitor, ou herdeiro deste campo, destrua a propria seara, rejeite a sua colheita proveitosa, e queira só recolher em lugar della fructos de morte, e de maldição, eis-aqui na verdade hum designio bem preverso, e detestavel, e o triunfo mais completo dos ímpios, e dos incrédulos, inimigos crueis de Jesu Christo, e do seu Santo Evangelho.

E com effeito, Senhores, se hum idólatra, ou Atheo se propozesse a explorar a conducta dos Christãos,

especialmente nestes dias, e a confrontasse bem com a divina lei, que professamos, que diria, ou julgaria de nossa Religião, e de nós mesmos? Que! Hum povo, diria elle, que nos diz, que reconhece, e adora a hum só Deos, multiplicando tantos idolos ao seu culto, quantos são os objectos criminaes de mil paixões desordenadas? Hum povo, que nos quer persuadir, que este seu Deos está realmente presente nos seus altares, apartando-se, e fugindo delles, ou insultando com desattenções a sua mesma presença? Hum povo, que publica, que este seu mesmo Deos se lhes dá em alimento, desdenhando o recebello, e trocando este sustento divino pelos excessos indecentes de huma meza profana, tratando-nos ao mesmo tempo de barbaros, ímpios, infiéis, vivendo elles mesmos na maior impiedade, e mais infiéis, do que nós, á sua lei? Que monstruosa contradicção de crença, e de costumes? Huma lei de temperança,

e de pureza, e práticas ao mesmo tempo de intemperança, e de luxuria? Huma lei de mortificação, e de humildade, e obras de sensualidade, e de soberba? Huma lei finalmente de religião, e piedade, e acções de iniquidade, e de Atheismo! Que reunião tão monstruosa de paradoxos absurdos! Que cáos tão tenebroso de contradicções, e de horrores! Ao menos nós não somos tão incoherentes na seita, que professamos. He verdade que não adoramos a Deos, mas isso he porque não reconhecemos, nem cremos em alguma divindade. Não temos religião, porque nella encontramos estas contradicções escandalosas. Não praticamos alguma virtude, porque vemos, que aquelles, que tem religião, não são mais virtuosos, do que nós. Mas se admittissemos os dogmas dos Christãos, não obrariamos tão contradictoriamente, como elles.

Senhores, ensinai-me a responder a esta grande objecção, ou di-

gnai-vos de lhe responder vós mesmo. Somos réos, miseraveis, peccadores, ingratos, inconsequentes. Confundamo-nos, choremos. Eis-aqui toda a resposta. Mas como se póde escusar a impiedade daquelles mesmos Christãos, que não só dão armas aos incredulos na sua conducta escandalosa, mas lhes ministrão nos seus costumes, e discursos ímpios toda a materia para o seu triunfo; adoptando por vaidade, e por capricho o seu mesmo modo de pensar, e de viver? Como se póde vêr sem commoção, e sem dôr aos mesmos filhos da Igreja rebellar-se contra esta boa mãi, desprezar, contestar, e combater os seus sagrados mysterios, e preceitos? Maligna raça de viboras, que despedaçais cruelmente o mesmo seio da mãi, que vos gerou, quem vos poderá livrar da justa vingança do Senhor? *Genimina* (1) *viperarum, quis vos liberabit ab ira ventura?*

---

(1) Luc. C. 3. ℣. 7.

A que se dirigem pois os vossos esforços vãos contra a Santa Religião, que combateis? Ella permanecerá sempre firme em sua fé, em quanto vós, desgraçados, perecereis cobertos de confusão, e de maldições entre os mortos para sempre. A sentença está dada pela eterna verdade: *Erunt decidentes sine honore, et in contumelia inter mortuos in perpetuum.* (1) Para que multiplicar pois vossos ataques em vão? Talvez vos lisongeareis de triunfar, e de abolir toda a fé, e probidade; mas o triunfo será todo do Inferno, e as expensas todas vossas. Triunfareis, mas de quem? Da Religião, e da Igreja; mas em que vos mereceo ella tanta indignação, e tanto odio? Que mal vos tem ella feito? Pelo contrario, ella vos recebeo nos braços; recolheo-vos no seu seio; nutrio-vos de hum pão celeste; constituio-vos seus domesticos, seus confidentes, seus herdeiros; ado-

---

(1) Lib. Sapient. C. 4. ℣. 19.

ptou-vos em seus filhos, e vos distribuio benignamente as mais copiosas bençãos. Para que rebellar pois contra esta boa mãi, e contra o seu Divino Esposo, que a estabeleceo, e a protege? Para que offender tão injustamente a este amabilissimo Senhor, e Pai Divino, que vos assiste, vos soffre, e vos convida á sua meza naquelle adoravel Sacramento? Para que offender a hum Senhor tão amavel, que nunca vos offendeo, e que sempre vos favoreceo, e abençoou com os maiores excessos de beneficencia, e de bondade?

Como posso eu commetter huma tão grande perfidia, e ingratidão, dizia o casto José, quando sua Senhora o provocava ao adulterio, como posso eu commetter huma tão grande perfidia, e ingratidão contra o meu bom Senhor, que me tem feito tanto bem, e me não fez mal algum? Como me atreveria eu a ser tão ingrato, e aleivoso, que attentasse á sua honra, e ao decóro de sua esposa contra a fi-

delidade, que devo a hum Senhor tão benigno, que me confiou a sua casa, e tudo quanto tem nella? *Ecce Dominus meus, omnibus mihi traditis, ignorat quid habeat in domo sua.* (1) Como posso pois ultrajar a hum tão bom Senhor, e bemfeitor, e peccar contra o meu Deos? *Quomodo possum malum hoc facere, et peccare in Deum meum?* (2)

Ah, Senhores! Que lição tão opportuna para os Christãos, de quem fallo, e para todos nós? Quanto seria racionavel, que imitando o bello exemplo deste moço generoso, nós dissessemos, como elle, quando se offerecesse a tentação: como posso eu resolver-me a offender ao meu Senhor, e ao meu Deos, que se mostra comigo tão misericordioso, e tão amavel, e commetter este peccado? *Quomodo possum malum hoc facere, et peccare in Deum meum?* Como posso rebellar-

(1) Lib. Genes. C. 39. ℣. 8.
(2) Ibi Sap.

me contra hum tão bom Senhor, e contra a Igreja sua esposa, a quem só devo obedecer, e respeitar? *Quomodo possum malum hoc facere*? Como posso ser traidor, infiel, inconfidente á sua casa, que elle confiou á minha fidelidade, e ao meu zelo? *Quomodo possum*? Como, devendo zelar, e defender o sagrado de seu templo, me farei o aggressor da sua profanação? *Quomodo possum*? Como esqueceria eu o beneficio de me chamar á sua Igreja, e de me admittir á sua divina meza, para consentir no adulterio, na infidelidade, e no peccado? *Quomodo possum malum hoc facere, et peccare in Deum meum*?

He com effeito desculpavel entregarmo-nos á dissolução, e liberdade no mesmo tempo, em que Deos se digna especialmente visitar-nos, assistir-nos, e chamar-nos ao Celestial banquete do Divino Sacramento, e praticar em nosso favor tantas finezas? Porque o Senhor se mostra mais misericordioso, e mais be-

nigno nestes dias, seremos nós por isso mesmo mais dissolutos, mais infiéis, e mais ingratos para elle? Será pois a sua mesma misericordia, e bondade o motivo, e o pretexto da impiedade, e da nossa ingratidão? Não, meu Divino Senhor, eu vos louvarei em todo tempo, e muito especialmente nestes dias, em que vos mostrais tão misericordioso, e tão amavel. Que outros filhos ingratos desertem do vosso templo, fujão da vossa presença, quanto a mim só me agrada, e me convem unir-me todo a vós, e pôr em vós unicamente toda a minha consolação, e toda a minha esperança: *Mihi autem adhærere Deo bonum est, et ponere in Deo meo spem meam.* (1) Eu vos amarei, meu Deos, minha fortaleza, e meu refugio, tanto mais fiel, e fervoroso nestes dias, quanto nelles vos mostrais mais misericordioso, e quanto mais sois offendido. Sim, Se-

---

(1) Psalm. 72. ℣. 28.

nhores, devemos ser mais fiéis, e reconhecidos ao Senhor nestes dias, não só porque nelles se mostra mais benigno para nós, como vos mostrei; mas porque neste mesmo tempo he mais que nunca offendido, como passo a mostrar-vos.

## II. PARTE.

AMbicionando sempre Lucifer á semelhança, e igualdade ao Altissimo, tem procurado em todo o tempo dividir com elle os altares, as adorações, e os sacrificios, e usurpar alguma parte do seu culto. Vendo com emulação sacrilega, que o Senhor tem consagrado especialmente alguns dias ao seu louvor divino, em que receba de nós hum testemunho mais solemne, e mais sensivel do nosso respeito, e amor, imitando, e contrafazendo sempre a Suprema Divindade, e aspirando temerario a collocar o seu solio a par do seu mesmo Creador, pertende

ter, como elle, alguns dias, em que lhe offereçamos tambem os incensos, as honras, e os sacrificios devidos ao Ser Supremo. A pezar da temeridade sacrilega de seu soberbo arrojo, este espirito maldito consegue com ignominia da Religião, e da razão o desejado effeito de suas pertenções ambiciosas. Os homens, os Christãos mesmos ( quem o poderia crêr? ) os Christãos, que justamente detestão este inimigo infernal, se submettem, com especialidade nestes dias, á sua inexoravel tyrannia, recebem as suas leis, e lhe offerecem sacrificios semelhantes, e iguaes áquelles do Ser Supremo. Que digo eu? Semelhantes, ou iguaes? Direi antes na minha mais viva dôr: sacrificios maiores, mais dolorosos, mais públicos, mais solemnes, preferindo, oh impiedade! oh cegueira! preferindo a infame escravidão deste cruel inimigo á gloriosa adopção de filhos de Jesu Christo; não só claudicando, como o Israel inconstante entre Deos, e

Baal; mas preferindo este idolo vil, e abominavel áquelle Senhor Santissimo. Este lhes diz pelo seu Profeta Joel: *Convertei-vos para mim de todo o vosso coração em jejum, em lagrimas, e gemidos*; (1) e o demonio lhes diz pelo contrario com o rico avarento: *Comei, bebei, banqueteai, e alegrai-vos.* (2) O Apostolo lhes grita em nome do Senhor: *Não vos entregueis ás comidas, e bebidas, nem ás desenvolturas, e impurezas, mas vesti-vos da graça de Jesu Christo*; (3) e o demonio lhes faz dizer com os ímpios, de que falla Salomão: *Aproveitemo-nos do tempo, e dos seus prazeres; e não haja lugar, ou condição, em que não triunfe a nossa luxuria.* (4) Jesu Christo lhes diz em fim no Evangelho: *Vinde a mim todos, que estais gravados, e afflictos*; (5) e o demonio

(1) Joel C. 2. ℣. 12.
(2) Luc. C. 12. ℣. 19.
(3) Ad Roman. C. 13. ℣. 13.
(4) Lib. Sap. C. 2. ℣. 8.
(5) Matth. C. 11. ℣. 28.

lhes faz dizer: Apartai-vos de nós, que não queremos saber o caminho, por onde vos devemos procurar: *Recede a nobis: scientiam viarum tuarum nolumus.* (1)

Em meio desta opposição entre Jesu Christo, e o demonio sobre qual delles cahirá a escolha; e preferencia? Qual delles tem nestes dias maior sequito, ou partido? Meu Deos! De que triste confusão sinto cobrir-se a minha alma neste horroroso parallelo! Eu me não atrevo, Senhores, a decidillo. Decidi o lá vós mesmos. Confrontai os concurrentes, que vem adorar, e receber a Jesu Christo no Divino Sacramento com o número infinito dos que o desprezão, offendem. Comparai os que aqui se convertem a Deos em lagrimas de penitencia com os que riem dissolutos em frivolos divertimentos. Este he hum tempo de prazer, e liberdade, dizem elles, e não de penitencia, e tristeza. Insen-

---

(1) Job. C. 21. ℣. 14.

sátos! E qual he o tempo, que Deos destinou para o peccado, e quaes aquelles momentos, que concedeo para se perderem na ociosidade, e passatempo? Serão acaso os dias do Carnaval aquelles, que Deos tenha abandonado ao serviço do demonio? Que! os dias, em que Deos he mais offendido, serão para hum Christão os de maior divertimento, e de maior alegria? Quando a innocencia se perde, quando a modestia se atropella, quando os peccadores se multiplicão, quando a salvação se arrisca, quando Jesu Christo se offende, e o demonio triunfa, então he que nos devemos entregar mais livremente aos jogos, e a espectaculos profanos? Quando os perigos são maiores, então he que nos devemos entregar ao descuido, ao prazer, e ao descanço?

Ah, Senhor! Como me posso eu lembrar de descanço, e de allivio, (dizia Urias a David, quando este o mandava descançar em sua casa) como me lembrarei de descan-

ço, e de allivio, estando o vosso exercito em risco de ser vencido, a Santa Arca do Senhor exposta a cahir nas mãos dos inimigos, e o meu General expondo a sua vida sobre o campo da batalha? Como me lembrarei, como me entregarei ás comidas, e bebidas, e descançarei nos braços de minha esposa, estando vosso throno abalado, e a vossa gloria em perigo? *Arca... Israel... habitat in papiliónibus, et dominus meus Joab... super faciem terræ manent; et ego comedam, et bibam, et dormiam cum uxore mea?* (1) Não, não, Senhor, eu não commetterei huma fraqueza tão indigna de hum vassallo fiel: *Non faciem rem hanc.*

Que generosos sentimentos tão dignos da nossa imitação, e tão proprios, e opportunos para confundir o nosso prazer intempestivo! E com effeito, Christãos, o nosso Divino Senhor se acha como em

---

(1) Lib. 2. Reg. C. 11. ℣. 11.

campo exposto ás nossas irreverencias, e ultrajes naquelle adoravel Sacramento: todo o inferno em armas lhe faz violenta guerra nestes dias; o seu povo se acha todo em risco de ser vencido; huns se rebellão contra elle, outros desertão de seu campo, e quasi todos o abandonão, e offendem. E será este o tempo mesmo, em que especialmente tratemos de comidas, e bebidas, de jogos, e divertimentos?

Que indigna fraqueza he esta, dizia o Senhor aos seus discipulos, que indigna fraqueza he esta vossa, e que somno tão intempestivo vos opprime? Agora he que dormis, e descançais, quando os meus inimigos se desvelão, e Judas, sem se lembrar de dormir, se avança com huma tropa de soldados em armas para me prender: quando seu odio o desperta, e todos estão vigilantes, então he que não podeis vigiar huma só hora comigo? *Non potuisti una hora vigilare mecum?* (1) Mas



(1) Matth. C. 26. ℣. 40.

que lhes diria o Senhor, se, em lugar de dormirem por causa de tristeza, ou de cançaço, elles se entregassem ao riso, e divertimentos, em quanto seu Divino Mestre desfalecia de tristeza, e de agonia mortal? He esta pois, dizia elle, huma boa occasião de vos alegrar, e divertir? Achais-vos mais satisfeitos, e contentes, quando eu estou mais afflicto, e quando sou mais offendido? E he a minha mesma tristeza, e afflicção, que causa vossa alegria?

Que he isto pois, Christãos ouvintes? Achais vós depois disto permittidos, e escusados os vossos divertimentos? Aonde está a nossa fé, o nosso amor, e respeito para Jesu Christo? Que feito he do nosso Christianismo, e de nossa mesma razão? Que commercio, pergunta o meu Santo Agostinho, que commercio tendes vós ainda com as obras, e pompas do demonio, que renunciastes no baptismo? *Quid tibi cum pompis diaboli, quibus renuntias-*

*ti*? (1) Que convenção, ou alliança póde haver entre Deos, e este infernal inimigo? Até quando claudicareis, como os infiéis Israelitas, entre o Senhor, e Baal, já incensando a este, e já adorando aquelle; agora entrando na Igreja com os bons Christãos, e logo passar daqui aos espectaculos com os ímpios? *Modo ingrediens in Ecclesiam . . . post modicum in spectaculis*? (2) Acabai pois de decidir por huma vez, e tomar vosso partido. Se o Senhor he o vosso Deos, observai as suas leis: *Si Dominus est Deus, sequimini eum.* E se o vosso Deos he Baal . . . Mas que hia eu a dizer? Não, meu Deos; nós não vacillamos mais na decisão. A nossa escolha está feita. A vós só, Senhor Altissimo, louvamos, adoramos confessamos nosso Senhor, e nosso Deos. A vós só, Eterno Pai, a vós só, Filho Unigenito, a vós, Paraclito Divino, reconhece-

(1) S. Aug. Serm. ad Cathec.
(2) Ibi.

mos, louvamos, sacrificamos com os Anjos, Archanjos, Potestades, e todas as Jerarquias. A vós com ellas confessamos, e clamamos: Santo, Santo, Santo, grande Senhor dos Exercitos; e só em vós esperamos não ser eternamente confundidos. Disse.

# SERMÃO

DO

# SS. SACRAMENTO,

Prégado na Sé de Braga.

*Ergo ne credibile est, ut habilet Deus cum hominibus super terram!*

He crivel, que Deus se digne habitar com os homens sobre a terra!

II. Paralip. 6. 18.

ASim exclamou no seu muito justo assombro o mais sábio de todos os Reis á vista da infinita bondade do Senhor em ser servido habitar no Templo magestoso, que lhe havia edificado. Salomão, Senhores, pertende fazer ao Senhor hum sacrificio digno de sua magnificencia, e grandeza. Os effeitos correspondem promptamente aos seus vastos designios. A construcção ma-

ravilhosa de seu Templo he felizmente consummada. A santa Arca da alliança he logo conduzida em triunfo, e collocada dentro delle com a mais augusta pompa. Os grandes Sacerdotes, os Levitas, os Chéfes, e os Principaes das Tribus concorrem com todo o povo á grande solemnidade; e a vasta extensão do Sanctuario, e dos seus pórticos póde apenas abranger a immensa multidão dos concurrentes.

Que apparato tão magnifico de pompa, e religião se não admira então no Templo, e em toda a Côrte! A terra se vê banhada do sangue de huma infinidade de victimas; o ar fórma espessas nuvens de fumo dos holocaustos; os altares gemem opprimidos do pezo das oblações; o estrondoso som dos instrumentos alegres, retumba nas elevadas abobadas com harmonia suavissima. Riquissimos pavilhões de purpura ornão o vasto interior do augusto Sanctuario; o oiro, os metaes, e as pedrarias, dispostas com

arte maravilhosa, fórmão de todas as partes huma perspectiva brilhantissima; tudo reverbera a Magestade Suprema do Senhor, que alli se adora; a sua Divina Presença se faz sentir em huma nuvem, que o manifesta, e o esconde ao mesmo tempo, e o piedoso Rei exclama nos muitos justos transportes de sua religião, e piedade: he crivel, que hum Deos de tanta grandeza se digne habitar aqui com os homens sobre a terra! *Ergo ne credibile est, ut habitet Deus cum hominibus super terram!*

Mas que diria este grande Principe, se em lugar da nuvem caliginosa, que obscurecia o seu Templo, e fazia fugir delle ao povo atterrado, elle visse a Divina claridade, que illumina aos nossos na residencia do Senhor naquelle altar, e nos attrahe a elle docemente? Que diria, se em lugar da Arca Santa, das victimas inanimadas, dos sacrificios de sangue, das imagens tenebrosas, e imperfeitas, e de tudo

quanto admirou então a Synagoga, elle visse a gloria da nossa Santa Igreja na presença, e na posse do Divino Sacramento? Não he já pois o sangue das victimas carnaes, que hoje se vê correr sobre os nossos altares; não a espessa nevoa, que faz conhecer só pelos effeitos a Magestade de Deos; não a arca inanimada, o fumo dos holocaustos, e os sacrificios antigos, que devem excitar hoje aqui o nosso assombro, e o nosso culto: he a luz, a verdade, o protótypo de todas estas imagens. He o augusto sacrificio da lei nova, o sangue da nova alliança, a obra do Senhor por excellencia, a sua real presença, o corpo, e o sangue de hum Deos homem, que se faz nossa comida no Sacramento do altar.

Que prodigio, Senhores, da magnificencia, e bondade do Excelso! Que gloriosa preferencia da Santa Igreja Christã sobre a Synagoga Judaica! Contemplemos pois, Senhores, por hum pouco esta preferen-

cia incomparavel da nova sobre a antiga alliança, e passemos a vêr neste discurso o quanto a real presença do Senhor no Divino Sacramento he benefica, e gloriosa á sua Igreja Santa. Raios luminosos, e ardentes, que dimanais desse throno, vinde illuminar o meu espirito, e inflammar o meu coração, em obsequio do Divino Sacramento, que confesso, e adoro na minha mais profunda submissão.

## PRINCIPIEMOS.

QUe agradavel perspectiva offerece á nossa fé a Igreja Universal assistida, e consagrada com a presença real de Jesu Christo naquelle adoravel Sacramento! Que brilhante, e luminoso apparece o monte santo, aonde o Senhor se manifesta! Que magestosos os véos, e os pavilhões, que encerrão sua Soberana Magestade! Era pois nas vistas agradaveis da gloria incomparavel desta Mãi universal a Igreja Santa,

que exclamava David nos seus proféticos transportes: quanto amaveis são os Tabernaculos do Senhor Deos das virtudes: a minha alma suspira, e desfalece nos desejos de o vêr, e de o adorar nos atrios desta sua gloriosa habitação! *Quam dilecta Tabernacula tua, Domine virtutum, concupiscit, et deficit anima mea in atria Domini!* (1) He pois a Igreja Santa, que S. João nos descreve naquella bella esposa, que via descer do Ceo brilhante no explendor do seu ornato, rodeada de hum lustre magestoso, para receber dignamente ao Divino Senhor, e seu Esposo: *Paratam sicut sponsam, ornatum viro suo.*

Esta he aquella Cidade mysteriosa, e augusta, que Ezequiel nos descreve toda cheia de graças, e de riquezas, mas cujo nome glorioso era ser habitação de Deos! *Et nomen civitatis Dominus ibidem.* (2) Cidade gloriosa, e magnifica, como

(1) Psalm. 83. ℣. 1.
(2) Ezeq. C. 11 ℣. 13.

a descreve o Evangelista, que he sempre illuminada da claridade divina, mas que toda a claridade lhe provém daquelle cordeiro immaculado exposto no Sacramento: *Claritas Dei illuminavit illam, et lucerna ejus est agnus.* (1) Ella he sempre luminosa, agradavel, santissima; mas he do mesmo Sacramento, donde lhe provém as luzes, e a santidade. Este foi aquelle dom preciosissimo, com que o Senhor quiz dotar, e enobrecer esta sua amada esposa, para a fazer, diz S. Paulo, huma Igreja illustre, e gloriosa: *Ut exhiberet sibi gloriosam Ecclesiam.* (2) Esta era a graça singular, que devia elevar os seus troféos sobre a gloria, e magestade dos Reinos, e dos Imperios. Este era o brazão, e a divisa, que devia distinguir a Sara fiel, e verdadeira da Agar (3) estranha, e intrusa; a Senhora da escrava; e a luminosa Igreja da obs-

(1) Apocal. C. 11. ¥. 13.
(2) Ad Ephes. C. 5. ¥. 17.
(3) Genes.

cura Synagoga. Este era o dom preciosissimo, que devia distinguir hum do outro Testamento, mostrar a preferencia da lei nova sobre a antiga alliança; *o espirito, que anima sobre a letra; que mata*; (1) a doce, e amavel caridade sobre o servil temor; e a vantajem de filhos sobre a qualidade de servos.

Que a antiga Synagoga se glorie pois altiva da grandeza de seu Templo, da magnificencia dos seus ritos, do esplendor do seu culto, da pompa dos seus sacrificios, da multidão de suas victimas, e de todos os mais privilegios, que a distinguírão das Nações: que Israel se felicite de ter em seus arraiaes a Arca Santa, de possuir o Tabernaculo, de se nutrir do manná, de saciar a sua sêde de huma agua milagrosa, e de outros muitos privilegios, com que o Senhor o distinguio; elle era reservado a ti só, Igreja Santa, a gloria de reunir a bella realidade de

(1) II. Ad Corinth. C. 3. ℣. 6.

todas estas figuras, e de gozar a presença de teu Deos, não instantanea, e fugitiva, como a gozou (1) Moysés; não figurada, e obscura, como no antigo Templo; (2) não espantosa, e terrivel, como no monte Sinai; (3) mas doce, benigna, consolante, para nos santificar em seus dons, para nos alimentar de si mesmo, para nos conceder a sua graça, e nos communicar mesmo a sua gloria, e a sua divindade. Não he já a sombra, e a figura, he a luz, e a realidade. Não he a carne das victimas, não he o pão de Elias, os azimos da lei velha; mas a bella realidade de todas estas imagens; he o mais precioso dom de Jesu Christo; o seu corpo, e o seu sangue; elle mesmo, todo Deos, que se faz nosso alimento: *Caro mea vere est cibus, et sanguis meus vere est potus.*

Por certo, Christãos ouvintes,

---

(1) Exod. C. 33. v. 22. e 23.
(2) II. Paralip.
(3) Exod. C. 22.

que não ha povo tão feliz, nação tão abençoada, fóra da Igreja Santa, que reconheça Divindade tão intimamente unida a si mesmo, como se une a nós o Senhor no Sacramento: *Non est alia natio tam grandis, quæ habeat deos approinquantes sibi, sicut Deus noster adest nobis.* (1) Pobres gentios! desgraçados infiéis, que viveis separados desta Mãi universal! vós adorais deoses de pedra, e de páo, que não se podem condoer dos vossos males, ou interessar ao vosso bem. Em vão banhais com vosso sangue, e vossas lagrimas os altares immundos destes deoses crueis, e sanguinarios. Em vão implorais o seu auxilio, e lhes pedis o alimento. As suas estatuas mudas, cégas, insensiveis, e carcomidas de bichos, não podem vêr o vosso culto, nem ouvir as vossas súpplicas. Vós os invocais em vão, como os adoradores de Baal; o idolo insensivel dorme hum somno eter-

(1) Exod. C.

no ao doloroso estrondo de vossos gritos. Deoses miseraveis, e cruéis; elles vos apartão mesmo de suas aras profanas, e vos não dão confiança de vos chegardes a elles. Pobres homens! vinde admirar aqui as bondades do verdadeiro Deos, que adorão os Christãos naquelle altar. Elle nos admitte, nos convida, e nos attrahe não só á sua presença, mas mesmo á sua meza. Não faz apartar de si com ignominia, nem ainda aos imperfeitos. Expõe-se ás adorações, e aos ultrajes dos bons, e dos máos Christãos, liberaliza universalmente a todos sua Divina presença; a todos offerece o seu perdão, a sua amizade, e as suas graças. Dá-se sem commutação aos que o querem receber. Attende aos nossos votos, recebe os nossos suspiros, remedêa os nossos males, e nos concede em fim todos os bens. Elle nos procura mesmo; sollicita o nosso amor; illumina a nossa fé; anima a nossa esperança; promove de toda a sorte a nossa felicidade.

Bem longe de nos atterrar com o rigor de seus castigos, elle não diffunde desde aquelle altar mais, que luzes de sabedoria, e de fé, raios de beneficencias, e bondades, chammas de caridade, e zelo; dons celestiaes, e suavissimos; graças universaes, e abundantes; virtudes sublimes, e perfeitas; prodigios de amor, e de ternura. Aqui acha facilmente o peccador o perdão de seus delictos, o justo adiantamento nas virtudes, e todos o remedio de seus males. He pois desta origem feliz do Divino Sacramento, donde recebemos a fé, que nos illumina; a caridade, que nos liga; a graça, que nos santifica; a misericordia, que nos salva; a gloria, que nos premêa. He em fim da graça do Sacramento, donde recebe a Igreja o explendor de sua origem, o lustre do seu diadema, a santidade de seu culto, a rapidez dos seus progressos, a gloria de seus triunfos.

Sim, oh Igreja de meu Deos! se tu reinas felizmente em toda a

terra ; se elevas em toda a parte os teus Templos ; se vês prostrar em tua presença aos grandes Reis da terra ; se te conservaste inexpugnavel entre as perseguições dos Cesares , e Tyrannos ; se a pezar do fanatismo dos póvos , e sofismas dos incrédulos conservas inalteravel a pureza de teus dogmas ; se santos , e incontaminados brilhão sempre os teus altares ; se perfeitos , e augustos se manifestão teus ritos ; se puros , e suavissimos fumégão os teus incensos ; se valorosos , e invenciveis se mostrão os teus heróes , he , oh Igreja de meu Deos , á presença real do Sacramento , e á sua recepção , a quem deves singularmente estes gloriosos triunfos.

Que provas desta verdade nos presentão os fastos do Christianismo desde a sua origem ! Ahi marchão os primeiros discipulos do Senhor a conquistar todas as nações ao Evangelho. Armados com a virtude daquelle Divino Páo , elles atravessão os mares , e paizes mais

remotos, convencem aos incrédulos; convertem a muitos póvos; sustentão violentissimos combates; obrão prodigios inauditos; e enchem o mundo todo do explendor de seus exemplos, e gloria de seus triunfos. Sobre as suas pizadas os Martyres vão proseguir esta generosa marcha. Nutridos, e animados com o mesmo Sacramento, elles se mostrão superiores ao rigor dos supplicios; vencem a força dos Cesares, affrontão a ferocidade dos algozes, sóbem alegres aos cadafalsos, espalhão alegremente o seu sangue, e se mostrão, dizia o grande Chrysostomo, terriveis, como leões, aos Tyrannos, e demonios: *Tanquam leones ignem spirantes... facti diabolo terribiles.* (1) Valorosos Athletas, Virgens tenras, e delicadas, que vencestes ao mundo conspirado contra vós, e fizestes desmaiar com a vossa fortaleza aos ferozes algozes, que despedaçárão vossas carnes in-

(1) Chrysostom. Serm. de Sacram.

nocentes, dizei ao mundo, espantado do vosso grande valor, se não foi do Divino Sacramento, donde vos procedeo essa força tão superior ao vosso sexo?

Dilatai, Senhores, as vossas vistas por toda a extensão do Universo nos primeiros seculos do Christianismo, e vereis os carceres entulhados de Christãos carregados de cadêas, pállidos, mirrados, espirantes com o rigor da fome, e dos supplicios; e ao mesmo tempo invenciveis nos tormentos pela virtude da Santa Eucharistia, que os dispunha ao martyrio. Mil cadafalsos banhados no sangue destas victimas da fé, suas carnes dilaceradas com açoutes, suas entranhas descubertas, seus membros despedaçados, seus ossos meio queimados; as onças, os tigres, e os leões engordados com a carne, e sangue destes Martyres: eis-aqui, diz S. João Chrysostomo, o que elles podérão soffrer armados com a graça, e virtude do Divino Sacramento.

Desviai agora as vossas vistas desses espectaculos de sangue, e de carnagem, e dilatai-as pelos campos apraziveis da Igreja. Aqui vereis a hum grande penitente escondido em huma cova, cuberto de seu cilicio, mirrado com os seus jejuns, adoçando as suas austeridades com o prazer todo celeste de receber o Divino Sacramento, que faz as suas delicias, e o torna insensivel ao rigor de suas grandes penitencias. Alli encontrareis a hum solitario com os joelhos em terra, banhada de suas lagrimas, e do sangue de suas flagellações, arrebatado em meditação altissima, transportado de prazer, e unido todo ao seu Deos, pela efficacia, e virtude da Santa Eucharistia. Hum se arrebata em extasis deliciosos, acabando de a receber na communhão; outro he banhado em lagrimas de ternura; outro entôa seus canticos ao Senhor, que o nutre docemente naquella divina meza; outro espira finalmente tranquillo, e consolado no osculo, e nos braços do Se-

nhor, e vôa gloriosamente aos Ceos a eternizar as suas acções de graças.

Oh ineffavel virtude do Divino Sacramento! oh delicia suavissima da Santa Eucharistia, porque não renovais em nossas almas estes effeitos suavissimos! Não he, Senhores, porque se diminuisse a virtude daquelle Divino Pão: não he porque seja hoje menor a sua força para nos communicar as mesmas graças. Não, Senhores; este Divino Manná não se corrompe já mais, nem perde a sua efficacia, e o seu sabor, como o do antigo povo. Mas a nausea, e fastio, que temos para o receber, a nossa indisposição, e repugnancia, com que chegamos áquella divina meza, eis-aqui todo o motivo, porque o mesmo Sacramento não produz nas nossas almas os effeitos suavissimos, que produzia antigamente, e produz ainda hoje naquellas almas venturosas, que dignamente o recebem. Sim, Senhores, eu digo ainda hoje, e vós me

sois testemunhas, almas fiéis, que chegais á meza da communhão com as justas disposições, que ella requer. Vinde-nos dizer aqui a consolação, e doçura, que espalhou nas vossas almas. Dizei-nos quaes forão os effeitos suavissimos, que produzio nas vossas almas, quando o recebestes contritos, e fervorosos! Que luzes! que inspirações! que graças não derramou no vosso espirito! Que lagrimas tão ternas, tão consolantes corrêrão então dos vossos olhos! Que projectos de emenda, e virtude! Que paz, que suavidade, que doçura! Viestes então, como o filho pródigo, lançar-vos entre os braços daquelle Divino Pai. Recebeo-vos com ternura, limpou a vossa immundicia, cubrio a vossa nudez, saciou a vossa fome, acceitou as vossas satisfações, reconciliou-se comvosco, entrastes mais intimamente na sua communicação, e na sua graça; prometteste-lhe então hum fiel reconhecimento, hum verdadeiro amor, huma fidelidade

eterna; renunciastes a tudo o que podesse offender de novo ao bom Senhor; sentistes toda a doçura desta reconciliação dulcissima; a graça vos fez ver os seus novos attractivos; a innocencia vos mostrou os seus encantos; a virtude, e a santidade vos estendia os braços, e vos offerecia as suas castas delicias. Livre já da escravidão da culpa a vossa alma começava a respirar huma doce liberdade. Deos principiava a reinar no vosso coração humilhado, e contrito; o inimigo commum bramia de raiva, e de desesperação, por havereis escapado á sua infame tyrannia, em quanto os Anjos no Ceo applaudião a vossa felicidade. Ereis então aos olhos do Senhor a estimada ovelha reduzida ao rebanho; o filho restituido á sua casa, e aos seus braços, o objecto da sua contemplação, da sua ternura, das suas mais doces complacencias, o seu filho favorecido, abençoado, e amado. Oh doces, ou saudosos momentos! Como passastes com

tanta velocidade, e me quizestes mostrar vossa doçura ineffavel para me fazer infeliz em vos perder tão depressa! Que triste fatalidade me privou de tanto bem! Voltemos pois, Senhores, áquelle tempo feliz de nossa conversão, e penitencia. Renovemos aquelles bons propositos, que fizemos ao Senhor, da nossa fidelidade. Choremos aos seus pés a nossa ingratidão; confessemos as nossas culpas, e cheguemos com humilde confiança áquelle throno de graça. Vamos receber aquelle Divino Pão, e saciar-nos de suas castas delicias. O Senhor nos convida hoje á sua divina meza, e nos communicará com as doçuras da graça o penhor da eterna gloria. Assim seja.

# SERMÃO
# DA FESTA
## DE
# N. SENHORA DAS DORES,

Prégado na Igreja dos Religiosos Capuchinhos Italianos do Recife.

*Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus.*

Estava junto á Cruz de Jesu Christo sua Mãi.

Do Evang.

E De que modo estava esta Mãi piedosissima junto á Cruz de seu Filho? Em que situação tão dolorosa se offerece ella ás nossas meditações? Ah Senhores! a cabeça inclinada por seu desfalecimento, os cabellos cahidos ao acaso, gotejando hum suor frio; o rosto pállido, e desmaiado, os olhos modestos, e

chorosos, ora levantados ao Ceo, ora empregados na Cruz, ou no sangue espalhado ao redor della; seus ouvidos atroados tristemente do estrondo das blasfemias, que soárão no Calvario; os braços cahidos de fraqueza, ou cruzados sobre o peito; o coração traspassado de huma espada de dor vehementissima; o sangue gelado do pavor, e dos terrores, que o monte fatal lhe presentava; sua imaginação occupada firmemente da Cruz, do sangue, da agonia, dos opprobrios, da morte de seu Filho, e de todas as circumstancias, que a precedêrão, acompanhárão, e seguírão. Seus pés immoveis, como hum rochedo; sua alma como submergida em hum abysmo de angustias; sua memoria recordando vivamente todas as qualidades saudosas, e amaveis deste Filho amabilissimo; sua infancia, sua mocidade, sua vida, sua morte; a ternura dos seus osculos em a sua adoravel meninice, os seus abraços dulcissimos, as suas vistas ternas,

e insinuantes; sua formosura, suas graças, suas obras, seus mysterios, seus milagres; tudo, tudo quanto podia excitar a sua mais viva dor, e saudade. Eis-aqui como estava a Senhora junto á Cruz de seu Filho: *Stabat juxta Crucem Jesu Mater ejus.*

Emendemos pois á vista disto o apparato festivo de nossa solemnidade: cubramos de luto, e de tristeza estes sagrados altares. Convertamos em suspiros, e gemidos os nossos festivos canticos; imitemos antes o pranto da triste Virgem, e suspendamos, como os Hebreos em Babylonia, os instrumentos alegres, e os hymnos de Sião na terra alheia.

Mas que, Senhores! podemos nós accusar a Santa Igreja dos seus júbilos na solemnidade presente? podemos deixar de reconhecer a grande Virgem sempre feliz, e gloriosa em todos os seus mysterios? Não he ella em todo o tempo cheia de graça, e de gloria, bemdita entre todas as mulheres, e reconhecida

bemaventurada por todas as gerações? Sim, Senhores, a gloria, e a exaltação compete sempre á Mãi de Deos em todos os tempos, e circumstancias de sua vida Santissima, e ainda mesmo nas angustias, e dores do Calvario, porque ainda que a perspectiva deste não offereça exteriormente mais, do que opprobrio, dor, e humiliação, elle encerra com tudo hum fundamento fecundissimo de gloria, de exaltação, e de triunfo para Maria Santissima. Ella he pois neste mysterio, como em todos os mais, feliz, bemdita, gloriosa, e as suas mesmas dores, bem longe de diminuirem sua gloria, a fazem mais sólida, mais completa, e mais brilhante; tanto pelas heroicas virtudes, que a Senhora praticou neste mysterio, quanto pelas graças abundantes, com que o Senhor recompensou a sua humiliação, e as suas dores. Penetremos pois o véo, que nos esconde as circumstancias alegres, e consolantes destes dolorosos

mysterios, e vejamos a Maria Santissima toda feliz, e gloriosa na maior intensão das suas dores; ou as suas mesmas dores alegres, consolantes, e gloriosas para Maria Santissima. He todo o fundamento do elogio presente. Oh tu, que só pódes dar leis, sabedoria, e palavras aos ignorantes, e humildes, que te invocão: inspiração celeste, luz Divina, tu vês a minha indigencia; soccorre-me com o teu auxilio.

## PRINCIPIEMOS.

FAzer ao justo feliz na mesma infelicidade, glorioso, e exaltado na maior humiliação, satisfeito, e alegre na triste adversidade, accreditado, e applaudido pelo meio da calumnia; elevado ao cume da grandeza pelos degráos do maior abatimento: (1) chamar ao escravo José

(1) Genes. C. 41. v. 41., e 43.

do carcere para o throno: (1) fazer trocar a Mardoqueo o sacco, e o cilicio pela purpura real: mudar vorazes leões em obsequiosos amigos de Daniel no meio delles: (2) soprar fresca viração entre as chammas de huma ardentissima fornalha em obsequio dos tres meninos Hebreos: (3) trocar o luto, e confusão de Suzana em motivo, e testemunho de gloria, e de exaltação: (4) fazer de hum pobre pastor como o Deos de Faraó: (5) fazer os tormentos agradaveis, as humiliações consolantes, a morte amavel, e preciosa: mudar em fim todas as leis da natureza em obsequio da virtude humilhada, e abatida, eis-aqui como a sabedoria Divina parece brincar, e recrear-se no Universo, que creou: *Ludens in orbe terrarum.* (6)

---

(1) Lib. Esth. C. 10.
(2) Daniel C. 3.
(3) Daniel C.
(4) Daniel C. 13.
(5) Exod. C. 13.
(6) Proverb. C. 8. ℣. 31.

E eis-aqui ao mesmo tempo o que vemos claramente praticado com Maria Sacrosanta no meio das suas dôres. Todas as penalidades do Calvario se convertem para ella em gloria, e exaltação. Seu filho crucificado; o seu sangue espalhado, e calcado ao redor do seu patibulo; o luto, e a tristeza espalhada em toda a terra; a dôr incomparavel da Senhora, presenciando todas as circumstancias da paixão, e morte deste seu filho dulcissimo, tudo isto assim triste, e doloroso, como he, se torna felicidade, merecimento, e triunfo para esta Mãi piedosissima.

*Húmilhou-se* profundamente no Calvario á imitação de Jesu Christo para ser, como elle, *exaltada, e para receber hum nome superior a todo nome.* (1) Padeceo muito, he verdade, mas convinha que assim mesmo padecesse, como seu Divino exemplar; para entrar com el-



(1) Ep. ad Philip. C. 2. V. 8.

le na posse da sua gloria: *Oportuit . . . pati , et ita intrare in gloriam suam.* (1) Era conveniente em fim, que se mostrasse a mais abjecta das Mãis, e o opprobrio das mulheres; bem como Jesus se mostrára o opprobrio dos homens, e abjecção do povo, para apparecer gloriosa, como elle, na presença do Senhor. Assim se lhe tornárão gloriosas as suas intensas dôres, fazendo-se para a Senhora huma origem fecunda de merecimento, e de triunfo pelas virtudes heroicas, que nellas exercitou.

Nos outros grandes mysterios de gloria, e de prazer da Santa Virgem, Deos parece fazer tudo em obsequio, e beneficio desta creatura bemditissima. A sua predestinação gratuita, a graça de sua Conceição, a sua maternidade gloriosa, a pureza do seu parto, a sua coroação, e glorificação no Empyreo, tudo foi obra do Senhor, e beneficio

(1) Luc. 24. ℣. 26.

gratuito de sua bondade summa. No mysterio porém das suas dores, tudo parece ser obra da Senhora com a graça de Deos, que a dirigia. A santa conformidade com a vontade do Padre na morte de seu Unigenito Divino: a resignação, e fortaleza, com que ella mesma o sacrificou pelo seu consentimento: a constancia, e piedade, com que presenciou, e compadeceo todos os tormentos, e humiliações do Senhor crucificado: a caridade ardentissima, com que preferio a nossa salvação á mesma vida de seu filho, tudo erão heroicas virtudes nascidas das suas dores, e que nenhum outro mysterio lhe tinha dado occasião de exercitar.

E que Senhores! tantos actos de virtudes, e virtudes tão sublimes, tão perfeitas, podião deixar de ser recompensadas com graças abundantissimas, e doces consolações? a mesma *consciencia da obra boa*, como se explica Chrysostomo, não chama ella o prazer, e complacen-

cia ao justo feliz, que a executa? Vós o sabeis muito bem; o justo não padece já mais sem consolação, e huma alma virtuosa encontra as suas delicias no exercicio da virtude. Tudo se converte em bem, diz o Apostolo S. Paulo, para os que amão a Deos: *Diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum.* (1) E á proporção do amor cresce o gosto, e satisfação de padecer pelo objecto amado. E que coração houve já mais tão abrazado no amor de Deos, do que o de Maria Santissima, para supportar as suas dôres em transporte de prazer? Tantas Virgens delicadas, tantos Athletas da fé achárão suas delicias nos tormentos mais crueis, e rigoroso martyrio, porque sua grande caridade adoçava os seus supplicios, e Maria Santissima, o exemplar, o modélo, e a Rainha dos Martyres teria menos amor, menos fé, menos virtude para fazer as suas dô-

(1) Ad Roman. C. 8.

res alegres, consolantes, gloriosas? Não, Senhores, ella podia dizer com o Santo Rei Ezequias: a minha alma desfaleceo pela vehemencia da dôr, mas eu supportei a sua amargura intensissima em huma profunda paz: *In pace amaritudo mea amarissima.* (1)

Assim se enculcava Paulo cheio de consolação, e prazer em meio das grandes tribulações, que o affligião: *Repletus sum consolatione, superabundo gaudio in omni tribulatione.* (2) Assim confessava David, que o Senhor o havia consolado na oppressão mais dolorosa de suas perseguições, e de seus trabalhos: *Quantas ostendisti mihi tribulationes . . . . et consolatus es me.* (3) E assim Maria Santissima podia dizer nos seus dolorosos mysterios com o mesmo Rei Profeta; á proporção das muitas dôres, e angustias de meu afflicto coração,

(1) Isaias C. 38.
(2) II. Ad Corint. C. 7. ℣. 4.
(3) Psalm. 70. ℣. 20.

as vossas consolações, Senhor, alegrárão a minha alma: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.* (1)

Eu vejo com effeito esta Santissima Virgem como abysmada de dor, e de amargura na morte de Jesu Christo, e eu a vejo ao mesmo tempo em hum abysmo de prazer, e complacencia, por vêr a nossa redempção effeituada. Que devo escolher entre sentimentos tão contrarios? Acompanharei a Senhora no seu pranto, ou a felicitarei do seu triunfo? Não, Senhores, eu não temo de o decidir: a consolação, e o prazer da Senhora, excedeo, e sobrepojou a sua dor, e amargura. A prova he decisiva, e sem réplica. Maria tinha previsto muito antes todos os successos do Calvario; e a sua vontade sempre conforme, e unida perfeitamente á do Pai celestial, devia bem comprazer-se

(1) Psalm. 93. ℣. 19.

na extensão, e cumprimento de seus Divinos decretos. A gloria ultrajada do Eterno, e a nossa redempção pedião o doloroso sacrificio da vida de Jesu Christo, e poderia a Senhora negar-lhe seu justo consentimento, ou deixar de o conceder com plena satisfação, e complacencia? Que! Abrahão seria mais fiel, e obediente á voz de Deos em sacrificar seu filho, do que Maria Santissima em immolar seu unigenito? E aquelle mesmo Senhor, que não se dignou nascer della sem o seu consentimento, quereria morrer sem elle?

Não, não, Senhores, compadeceo he verdade, e condoeo-se vivamente de vêr padecer seu dulcissimo Jesus, mas comprazeo-se ainda mais de vêr a justiça de Deos desaggravada, e a nossa redempção felizmente concluida, e bem assim como a Santa Mãi dos Machabeos, que presenciando o doloroso martyrio de seus filhos, supportava com satisfação, e bom animo a vista de

seus tormentos: assim Maria Santissima supportava com prazer as suas dôres na morte de Jesu Christo, pela esperança firme de suas gloriosas recompensas: *Bono animo ferebat propter spem, quam in Deum habebat.* (1)

E que recompensas, ó Deos, não resultárão á Senhora destas virtudes sublimes, que praticou neste mysterio? Que abundancia de luzes, e de verdades se presentárão á sua alma benditissima em meio de suas dôres? Que agradavel perspectiva se descobre á sua contemplação: ao través das obscuridades, e dos horrores, que lhe offerecia o Calvario? Que graças vê distillar ao Ceo sobre a terra lavada do sangue de Jesu Christo? Que frutos, que doces frutos vê de antemão produzir o Santo Lenho da Cruz? Famosa Arvore de vida, cujas sementes preciosas não cahírão, e nem germinárão na terra ingrata, e es-

---

(1) Secundus Machab. C. 7.

pinhosa, que habitamos, nós não gostamos teus pomos deliciosos, nem podemos julgar de sua suavidade, mas por muito doces que elles fossem, não chegarião já mais a igualar a suavidade, e doçura dos frutos da bella Arvore da Cruz.

Patibulo infame, até então dos mais vis facinorosos, elle se converte em origem fecundissima de celestiaes doçuras. Até alli espectaculo de horror, e execração, depois objecto de respeito, de amor, e adorações de toda a terra. Antes instrumento de morte, e de maldição, hoje principio de vida, de benção, de felicidades. Jesus assim mesmo morto, e blasfemado naquelle triste madeiro recobra os sagrados direitos da suprema Divindade, he reconhecido, e acclamado pelo filho de Deos vivo, e attrahe o mundo todo ás suas adorações. Os astros obscurecidos, os Ceos cubertos de luto, a terra trémula, e agitada, os penedos do Calvario quebrados huns com os outros, tudo

dá hum solemne testemunho da innocencia, e Divindade de Jesus Crucificado, e toda a natureza amortecida reclama com grandes gritos a vida preciosissima de seu morto Creador. Todas as circunstancias em fim da sua morte fórmão prova incontestavel de sua suprema Divindade, e motivos de consolação para Maria Santissima.

Em meio das suas dores, o Ceo lhe faz conhecer as gloriosas consequencias desta morte dolorosa, e abre as suas vistas á scena mais agradavel, que o mundo havia visto desde a sua creação. Mostra-lhe o edificio magnifico da Igreja do Senhor, que vai ser edificado sobre fundamentos amassados no sangue da alliança; a Senhora vê então todas as Nações da terra chamadas, e acolhidas ao seio desta Mãi universal. Vê a immensa multidão de predestinados, os valorosos Athletas, que se avanção a conquistar todos os póvos ao conhecimento, e adorações deste Deos crucificado. Vê

os exercitos de Martyres, que vão morrer em seu obsequio, e escrever com seu sangue as verdades do Evangelho. Vê os Santos de todos os estados, de todas as condições, e de todos os Paizes, que vão recolher os frutos desta morte preciosa. Vê os oraculos cumpridos, as profecias completas, as figuras dissipadas, as ceremonias abolidas, o verdadeiro culto introduzido, a idolatria expirando, os idolos cahindo de seus altares, e o estandarte da Cruz elevado sobre a ruina de seus Templos arrazados. Ella divisa por entre as trévas do Calvario os principios, os progressos, os triunfos do Christianismo nascente; observa na mais doce complacencia os seus filhos, seus defensores, seus heróes, annunciando, servindo, e adorando ao Deos Crucificado. Vê finalmente com a maior satisfação os Ceos reconciliados com a terra, o seu antigo divorcio concluido, o homem quebrando suas cadêas, o peccado destruido, o Deos do

Calvario conhecido, o Deos do Ceo desaggravado.

Ah, Senhores! Que scena tão consolante, e agradavel á contemplação de Maria! Que bem compensadas forão as suas angustias, e as suas dôres. e que immenso pezo de gloria lhe attrahio a sua tribulação neste mysterio! Não, Senhores, o Ceo não distillou já mais tanta doçura, e tantas bençãos sobre algum coração attribulado, como orvalhou no Calvario sobre o coração da Santa Virgem. O mundo acabado de formar em todo o seu explendor, e formosura, não offereceo ás primeiras vistas de Adam recem-creado hum espectaculo tão bello, e agradavel, como as consequencias, e vantagens da morte de Jesu Christo presentárão ás vistas da bemditissima Senhora no meio das suas dores. Os mesmos Ceos abertos, e patentes aos olhos de Estevão apedrejado, não lhe offerecêrão talvez objectos mais consolantes, e agradaveis, do que os

mysterios do Calvario á contemplação de Maria. E vós, Sagrado Apostolo, quando fostes arrebatado ao Ceo, vistes vós lá cousas mais bellas, mais doces, mais consolantes, do que ella contemplou diante de Jesus morto?

Dissipai-vos pois, sombras obscuras, tristes imagens de terror do triste Golgotha, e deixai brilhar sobre elle as Leis da Cidade Santa; e tu, monte de Deos, monte pingue, aonde o Senhor se dignou espirar, e salvar a humanidade, eleva a tua eminencia sobre os outeiros eternos, porque em ti foi exaltado na Cruz o Redemptor da humanidade, e praticadas por Maria Santissima as virtudes mais sublimes, que já mais se exercitárão sobre a terra. Alli foi que a Senhora se vio na maior humiliação, e amargura pela morte de seu filho, e na maior consolação ao mesmo tempo pelas suas gloriosas consequencias. Alli nos gerou em fim nas suas dôres, e nos adoptou em filhos na pessoa de João.

Reconheçamos pois, Christãos, os extremos de amor, e piedade, que devemos a esta nossa Mãi amabilissima. Sejamos sensiveis, e reconhecidos á sua grande ternura. Felicitemos a sua humiliação, e as suas dôres, como fundamento da sua exaltação, e da sua gloria. Sejamos em fim seus verdadeiros devotos, seus bons servos, e seus filhos, para lhe tributarmos, como he justo, hum amor verdadeiramente filial, terno, devoto, constante; reconheçamos nella a nossa unica, amavel, e adoravel Mãi. Mãi, digo de misericordia, e de bondade; Mãi de clemencia, e de ternura; Mãi de graça, e de benção, Mãi finalmente piedosa, amabilissima, digna mil vezes, por mil titulos da nossa mais terna devoção, do nosso mais ardente amor, e dos justissimos louvores de todas as almas boas: *Mater mirabilis, et bonorum laude digna.* (1) Disse.

(1) Secundus Machab. C. 7.

# SERMÃO
## DA
# RESURREIÇÃO,

Prégado na Sé de Olinda.

*Jesum quæritis Nazarenum Crucifixum, surrexit.*

Buscais a Jesus de Nazareth crucificado, resuscitou.

Do Evangelho.

COnvertêrão-se em fim os suspiros, e gemidos da triste, e afflicta Raquel (1) em canticos festivos de consolação, e de alegria. Mudou-se o luto, e viuvez da solitaria Judith (2) em bençãos, e acclamações de glorioso triunfo. Trocou-se a injusta accusação da casta, e fiel Suzana (3) em testemunho bri-

(1) Matth. C. 2. ℣. 18.
(2) Judith. C. 18.
(3) Esth, C. 10., 12.

lhante de fidelidade, e de innocencia. Tornárão-se os sustos, e os desmaios da virtuosa (1) Esther em sólidos fundamentos de innocencia, e de gloria. Recobrou a Filha de Sião o antigo explendor, e formosura, de que havia sido despojada. Não he já mais tributaria a Princeza (2) das Provincias. Triunfa dos inimigos a Soberana das gentes. (3) Firma-se a nova alliança sobre a ruina da antiga. Sóbe o vendido José do carcere (4) para o throno. Sahe Jonas ao terceiro dia vivo, illeso, victorioso do seu tumulo nadante. (5) Rasgão-se finalmente os véos, desapparecem as sombras, verificão-se os oraculos, apparece a luz e a verdade; e para o dizer de huma vez, e não demorar a consolação de o proferir, resuscitou Jesu Christo immortal, glorioso, e triun-

(1) Thren. C. 1.
(2) Genes. C. 41.
(3) Thren. C. 1.
(4) Genes. C. 41.
(5) Jon. C. 2.

fante da morte, do inferno, e do peccado. Não ha mais que duvidar da verdade incontestavel deste glorioso mysterio. O Senhor, que o havia promettido, os Anjos, que o annuncião, as Santas mulheres, que o publicão, os Apostolos, que o attestão, os soldados, que fogem do Sepulcro, o terremoto, (1) que o abalou, a claridade, que o cerca, a pedra, que o tapava, a mortalha, que se mostra, o prazer, que se insinúa, tudo nos está dizendo: *Surrexit*: Resuscitou.

Que mysterio, Senhores, tão glorioso, e tão plausivel, e que torrentes de prazer não vai elle derramar no coração saudoso da afflicta Mãi, e da consternada Esposa do Triunfador Divino? Alegra-te pois, oh Igreja de meu Deos, e celebra com festivo prazer os teus triunfos. Despe já o triste luto, e veste o brilhante adorno de tua maior jucundidade; *Induere vestimentis glo-*



(1) Marc. C. 16.

*riæ tuæ.* (1) Enxuga o triste pranto de teus olhos, e estende as tuas vistas á multidão de teus filhos, que virão muito de longe receber as tuas bençãos, em quanto as tuas filhas primogenitas de tua fé sahem hoje do teu lado a publicar a tua gloria: *Filii tui de longe venient, et Filiæ tuæ de latere surgent.* (2) O adoravel Esposo, que choravas sepultado, resuscitou, como disse; vive, e reina glorioso. Elle te manda annunciar a sua Resurreição, não por ministerio dos grandes, sábios, e poderosos do mundo, mas pelas santas mulheres, filhas de tua adopção, e de tuas bençãos, que forão as primeiras ao Sepulcro. A ellas he que devemos as primeiras noticias deste glorioso mysterio, que faz o objecto singular da nossa fé, fundamento de toda a nossa esperança, penhor de toda a nossa felicidade, e testemunho decisivo, e invencivel da nossa Religião Divina. Permitti-me

(1) Isaias C. 52. V. 1.
(2) Isaias 52

pois, Senhores, que edificado, e compungido da devoção, e piedade destas almas generosas, que annunciárão primeiro a Resurreição, que applaudimos, eu examine, e contempie a grandeza de sua fé, de seu merecimento, e de sua gloria na publicação, e circumstancias deste glorioso mysterio.

Communicai-me pois aqui o vosso fervor, e as vossas luzes, oh venturosas pregoeiras da Resurreição de meu Redemptor Divino. Inspirai-me os vossos sentimentos, e mesmo as vossas palavras, para as poder annunciar bem fiel, e dignamente aos meus ouvintes. E tu, celeste influencia da verdade, e luz Divina vem secundar os meus desejos, e auxiliar minha fraqueza.

## PRINCIPIO.

LAmentava tristemente a sentidissima Virgem na sua mais viva dor, e saudade a cruel separação de seu sepultado Filho, e esperava com

ardentissimos desejos a sua Resurreição, e a sua vista. Chorava a triste Magdalena com outras Santas mulheres a muito dolorosa falta de seu amado Senhor. Sentião os saudosos Apostolos a dolorosa lembrança da paixão, morte, e sepultura de seu adoravel Mestre. Dobravão os Fariseos, e os Pontifices as suas cautelosas providencias sobre a guarda, e segurança do Sepulcro. (1) Persistião vigilantes os soldados bem armados junto a elle. Recordava o Povo simples a vida prodigiosa deste recommendavel Profeta justiçado. Vacilavão na fé os pusilanimes, esperavão os fiéis, blasfemavão os ímpios, congratulavão-se os Pontifices, triunfava a impiedade, em quanto o Santissimo cadaver do Senhor se escondia no Sepulcro. Os aleijados, e enfermos de toda a especie restabelecidos, e sarados, lamentavão a falta irreparavel do seu grande Bemfeitor. Elle he morto em fim, dizião

(1) Matth. C. 27. ℣. 65.

elles, o nosso Consolador, e o nosso Bem, que sarava as nossas enfermidades, e remediava os nossos males. Elle não existe mais, dirião outros, este Profeta Divino tão benefico, e tão amavel, que nos instruia, e tratava com tanta doçura, e bondade. Ah! como se tratou tão cruelmente o mais amavel dos homens! Como pôde attrahir contra si tanta indignação, e tanto odio! Como acabou tão depressa huma vida tão preciosa, e tão amavel!... Oh! Se elle resuscitasse, como esperão seus Discipulos! Que triunfo para elle! Que confusão para os seus inimigos! E que justificação, e prova tão convincente da doutrina, que prégava!..

Entre tanto, as piedosas mulheres, penetradas da mais terna, e dolorosa saudade, se convidavão mutuamente para ir ao Sepulcro ungir seu Corpo Santissimo. Parece-me ouvir dizer á Magdalena: vinde, fiéis companheiras, e parciaes da minha dor. Subamos ao monte Santo, e o

Senhor dirigirá os nossos passos pelos vestigios de sangue, que derramou pelo caminho, por onde passou com a sua Cruz: *Venite, ascendamus ad montem Domini, et docebit nos vias suas.* (1) O Senhor he nossa (2) protecção, e nossa guia, não receemos mal algum. O mesmo Anjo, que encaminhou a Judith (3) com segurança, por meio dos inimigos, nos livrará dos insultos dos soldados, e dos guardas do Sepulcro. Que sabemos? Talvez acharemos nós alguma boa noticia de sua Resurreição. O Senhor tinha promettido resuscitar neste dia. (4) Elle será fiel, como sempre, ás suas santas promessas. Vamos, não nos demoremos mais. A aurora vai principiando a luzir. Vamos testemunhar ao nosso amado Mestre o nosso reconhecimento, a nossa fé, e o nosso amor. Beijaremos a terra ensopa-

---

(1) Isaias C. 2. ỳ. 3.
(2) Psalm.
(3) Liber Judith.
(4) Matth. C.

da em seu sangue. Uniremos a elle as nossas lagrimas, e adoraremos o lugar, aonde estiverão os seus pés. (1) Vamos em fim, a ungir o seu Cadaver Santissimo, e se he necessario, vamos a morrer com elle: *Eamus, et moriamur cum eo.* (2)

Que incomparavel heroismo de amor, e fortaleza! Que? Senhores, humas mulheres fracas pela sua condição, e ainda mais pelo seu desfalecimento, que tem passado ha tres dias entregues á sua dor, e ás suas lagrimas, sem forças para levantar a grande pedra, que tapava o Sepulcro, e além disso munida do sello público, e rodeada de soldados vigilantes, valorosos, insolentes, sem defeza, ou auxilio, que as protegesse contra os perigos, e insultos de hum povo enfurecido. Humas mulheres, digo, tão fracas, tão desfalecidas, não recêão ir de noite, e em tal noite até á eminencia do Calvario, affrontar tantos perigos, ex-

(1) Psalm. 131. 7.
(2) Joan. C. 8. ỹ. 16.

pôr-se á ferocidade dos Magistrados, dos soldados, e dos algozes? Não, Senhores, estas almas generosas nada receão, nada temem. As mesmas difficuldades augmentão a sua intrepidez, e o seu fervor. As cautelosas pesquizas, e precauções dos Fariseos, o apparato terrivel do Sepulcro, a escuridade da noite, a distancia, e aspereza do caminho, a insolencia dos soldados, as lanças, e as espadas luzindo diante dellas, nada he capaz de embaraçar a execução dos seus designios. Que o povo indifferente reprove a sua resolução, que os Fariseos as maltratem, que os Magistrados as prendão, e as castiguem, que os soldados as insultem, as matem, as despedaçem, ellas não temem cousa alguma mais, do que perder a occasião de exercitar a sua fé, e o seu amor para Jesu Christo. Ao mesmo tempo que os Discipulos se entregão talvez ao somno, ou a huma dor esteril, quando limitão seus cuidados a occultar-se ao furor dos Fariseos, e estre-

mecem de susto de serem prezos, e punidos pelo haverem seguido, ellas só se animão, e se avançõo intrépidas ao Sepulcro sem consideração, ou respeito ás difficuldades, e perigos. Que resolução! Que fortaleza!

Assim he, Senhor Altissimo, que vós escolheis as cousas fracas, enfermas, e despreziveis aos olhos do mundo, para confundir as fortes (1) segundo a vossa palavra. Assim he que fazeis triunfar a vossa graça, e virtude nas nossas enfermidades. (2) Assim venceis, e humilhais aos Sizaras (3) valentes, e soberbos pelas fracas mãos das timidas Jaús. Destruis a soberba, e altivez dos robustos Holofernes (4) pelas humildes Judiths. Confundis aos sábios presumidos, e vaidosos da Grecia pela sabedoria modesta das Catharinas, formais os dogmas Santissi-

---

(1) I. Ad Corinth. C. 1. 27.
(2) S. Paul. ibi.
(3) Lib. Judith. C. 4. ℣. 22.
(4) Judith. C. 13. ℣. 8.

mos da Religião Divina pela prudencia das Pulcherias augustas, e manifestais finalmente o triunfo da vossa Resurreição, pelo testemunho, e ministerio de humas fracas mulheres.

Eu contemplo, e admiro com effeito a estas grandes Heroinas da caridade, e fortaleza, proseguindo animosas sua marcha até á eminencia do Calvario, conversando, e conferindo entre si sobre as circumstancias da morte do seu sepultado Senhor. Sim, nos diz o Evangelho, ellas conferião entre si conversando humas com as outras: *Et dicebant ad invicem.* (1) E que conversarião ellas, senão sobre aquellas grandes verdades, de que todas as faculdades de sua alma estavão cheias? Quem nos levantará, dizião, a grande pedra, que fecha o seu Sepulcro? *Quis revolvet nobis lapidem ab ostio monumenti?* Ah! vamos; dizia a Magdalena, o Senhor, que

(1) Marc. C. 16. v. 3.

nos inspirou este designio, fará prosperar os nossos justos intentos, nada he impossivel (1) para elle. Vamos. Eis-aqui vai o caminho, por onde o Senhor passou com a sua Cruz. Lá está o pretorio de Pilatos, aonde se mostrou açoutado, e coroado de espinhos ao povo desgraçado, que pedio a sua morte. Eis-alli a ensanguentada columna, aonde foi açoutado cruelmente. Além foi aonde deixou o seu retrato nas mãos da piedosa mulher, que lhe alimpou o sangue de seu rosto. Acolá foi aonde cahio debaixo do pezo de sua Cruz. Alli está a rua da amargura, aonde se encontrou com a triste Mãi. Foi alli mais adiante, aonde as mulheres chorárão de compaixão de o ver tão abatido. Por aqui he, que passou para o Calvario. Ainda se podem ver os sinaes, e vestigios de seu sangue. Todo o caminho está rubricado delle.

Ah! Com que confusão, e aba-

(1) Luc. C. 1. ℣. 37.

timento se foi arrastando por aqui até ao alto do monte? Com que doçura, e humildade se deitou sobre a grande Cruz para ser crucificado? Que dores, que convulsões não padeceo em sua crucifixão! Ainda me parece ouvir o éco das marteladas. Pois quando se levantou a Cruz ao alto, e se deixou cahir na cova!.. Não reparastes naquellas vistas de ternura, que estendia para nós do alto da sua Cruz? Nunca nos perdeo de vista, até o seu ultimo suspiro. Parece que a nossa dor, e saudade o penalizavão mais, do que os seus mesmos tormentos. Mas a dor da triste Mãi atravessou mais cruelmente o seu coração agonizante.

Que espantosos sinaes senão vítão no Calvario, quando expirou na Cruz! Ainda se gela o sangue só com a sua lembrança. Que triste fatalidade cegaria aos Fariseos, e Sacerdotes contra a sua vida innocentissima? Que inesperada mudança no povo, que o seguia, para pedir

á sua morte! Tantos enfermos, a quem havia sarado, tantos cégos, a quem tinha dado vista, tantos mudos, a quem tinha dado a falla, os mortos mesmos, que resuscitou, nada o pôde livrar de morrer em huma Cruz! Até os mesmos Discipulos o abandonárão na prizão! O desgraçado traidor se obstinou a entregallo; reconheceo logo o seu erro, e não deixou de morrer impenitente. Oh, se elle pedisse perdão ao bom Mestre, com que doçura, e bondade o receberia nos braços! Mas quem dissera, que Pedro.... Mas lá se divisa o Sepulcro: que repentino pavor! A sua primeira vista as intimída. Ellas se suspendem hum momento; o sangue se lhes esfria nas veias; o violento terremoto augmenta o seu terror, as guardas fugindo desconcertadas lhes parece accommettellas. Ellas desfalecem, desmaião.... Os Ceos se abrem logo sobre ellas, huma grande claridade as cerca, e reanima; hum Anjo lhes apparece todo ro-

deado de luz, elle as conforta, as consola, e lhes diz: piedosas mulheres, recobrai vossos alentos, animai-vos, não temais. Sei que buscais a Jesus de Nazareth, que aqui foi crucificado. Não está aqui, resuscitou. Certificai-vos vós mesmo com os vossos olhos, vêde, e examinai o lugar, onde foi depositado. Ide, correi á Cidade levar esta alegre noticia aos Apostolos, e a Pedro, dizei-lhes que o Senhor resuscitou, que vive, e reina glorioso, e que os irá vêr em Galiléa, como lhes havia promettido. (1)

Que alvoroço, que júbilo arrebatou, e transportou então a estas Santas mulheres! Com que excesso de alegria se apressão, correm, voão até aonde estavão os Apostolos. Em que extaticos transportes annuncião ellas por tudo a gloria da Resurreição! O Senhor resuscitou, gritão ellas. Nós somos testemunhas fiéis desta verdade. Nós vimos o Sepulcro

(1) Marc. C. 16 ℣. 7.

aberto, e vazio; os soldados fugindo espavoridos, o Anjo que nos fallou. Não ha mais que duvidar. O Senhor realizou suas promessas. Vive, e reina triunfante, e se dignou mandar annunciar a sua gloria por humas fracas mulheres.

Animados então com estas noticias tão alegres, e plausiveis, Pedro, e João correm logo ao Sepulcro a certificar-se por si mesmos, convencidos da verdade do mysterio o annuncião aos mais Apostolos, que com grande efficacia, e virtude o prégão por toda a parte: *Virtutemagna reddebant Apostoli testimonium Resurrectionis Jesu Christi.* (1) A pezar de todas as contradicções, ameaços, e castigos, Pedro, e os mais Apostolos annumcião altamente o Evangelho, fundando toda a verdade de sua doutrina na Resurreição de seu Mestre. Este, que vós crucificaste, (2) dizem elles, he o mesmo Filho de Deos, que resuscitou ao terceiro

---

(1) Acta Apost. C. 4. ℣. 33.
(2) Acta Apost. C. 3.

dia, de que nós somos testemunhas. Não resta pois outro partido que tomar mais, do que crer na sua missão, e Divindade, e abraçar a penitencia. Jesus resuscitou; logo elle he o Deos, a quem devemos adorar, concluem elles; logo a sua doutrina he a unica, que devemos abraçar; logo a Religião, que o adora, he a unica, que só devemos seguir.

Em vão se esforção os chéfes da Synagoga, para embaraçar a publicação deste mysterio. Em vão sobornão aos guardas do Sepulcro para negarem o successo. Damos-vos dinheiro, dizem elles, e dizei, que estando vós dormindo, vierão os seus Discipulos, e furtárão o seu corpo: *Damus vobis pecuniam, et dicite quia vobis dormientibus, venerunt Discipuli ejus, et abstulerunt eum.* (1) Mas que he o que dizes, desgraçada impiedade, pergunta o meu grande Agostinho: *Quid est quod loqueris, oh infe-*

(1) Matth. C. 28. ℣. 13.

*lix astucia*? (1) Verdadeiramente mentio aqui a iniquidade em teu damno, e confusão. Como produzis vós, insensatos miseraveis, como produzis testemunhas, que dormião? Como soubérão, dormindo, que os Discipulos o furtárão? E como podérão estes, tão tímidos como se havião mostrado, forçar hum corpo de guarda, e levantar a grande pedra, que tapava o Sepulcro, sem que o estrondo da manobra despertasse aos soldados, que dormião? E porque não castigastes vós a esses sentinellas dormentes, por abandonarem o seu posto, e dormir em huma guarda de tanta recommendação, e consequencia? Como não punistes vós, nem ao menos arguistes o attentado dos Discipulos em romper o sello gravado sobre a pedra, por authoridade pública dos Tribunaes, e Magistrados? Verdadeiramente dormieis vós muito mais, do que os soldados, quando conce-



(1) S. Aug.

bestes hum tão frivolo, tão inconsequente, e tão inverosimil recurso: *Vere tu ipse obdormisti, qui scrutando talia defecisti.* (1)

Em quanto porém estes ímpios, e obstinados Pontifices fluctuavão infatuados, e cégos em seus arbitrios, para embaraçar a publicação deste mysterio, as mulheres, os Apostolos, o povo o divulga altamente em toda a parte, e com a sua simples noticia os Judeos, e os Gentios se convertem a milhares, o número dos Discipulos, e dos crentes se augmenta, a Synagoga se confunde, o Evangelho se annuncia, o Christianismo se estende, a idolatria se rejeita, a verdadeira fé se abraça, a Religião Santa triunfa, e hum mundo todo idólatra se torna hum mundo Christão.

Congratulemos pois a nossa felicidade. Entremos nos justos sentimentos de alegria da Igreja nossa Mãi. Acompanhemos alegres o glo-

---

(1) S. Aug.

rioso triunfo do Senhor resuscitado. Cantemos em seu louvor hum novo Cantico, porque tem obrado maravilhas. Tratemos de resuscitar com elle a vida da graça, e da santidade. E se com effeito temos assim resuscitado, busquemos (1) os bens celestiaes, e não os terrenos, e enganosos; para que renovando o Senhor em nós os effeitos de suas misericordias, nos conceda com abundancia de graça festas ditosas neste mundo, e gloriosas eternamente no Ceo. Assim seja.



(1) Ep. ad Coloc. C. 3. ℣. 1.

# SERMÃO

DO

# SS. SACRAMENTO,

Prégado na Igreja de N. S. da Conceição da Bahia.

*Probet autem se ipsum homo, et sic de pane illo edat, et de calice bibat.*

Purifique-se o homem, e assim purificado coma daquelle pão, e beba daquelle Calis.

S. Paul. II. ad Corinth.

SE eu não temesse distrahir-vos... confesso, Senhor, e adoro na minha mais profunda submissão a vossa real presença nesse grande Sacramento, pão salutifero divino; pão de vida, e de entendimento; pão que nos desceo dos Ceos; pão dulcissimo dos Anjos, feito alimento dos homens; pão verdadeiramente

de filhos, que não deve ser distribuido por indignos: *Panis angelorum factus cibus viatorum; vere panis filiorum non mittendus canibus.* (1) Se eu não temesse distrahir-vos da justa contemplação do Divino Sacramento, fazendo-vos ver a cópia em lugar do original, eu poderia expôr ás vossas vistas mil imagens agradaveis de nossa solemnidade. Discorrendo pela successão dos seculos, eu poderia mostrar-vos aquelles velhos retratos, que o representárão muito antes. Vós o verieis figurado naquella arvore da vida, que o Senhor collocou no Paraiso, para nutrir de seu fruto saudavel ao homem innocente. Verieis o seu desenho no incruento sacrificio do grande Melchisedech, que offerece ao Senhor o pão, e vinho em representação anticipada do que celebramos hoje. Vêllo-hieis orvalhar desde as nuvens no celestial alimento, que nutria a Israel via-

(1) Sequent. mis.

jante para a terra promettida. Vós o conhecerieis bem nos pães da proposição, no antigo phase dos Hebreos, no cordeiro do deserto, nos azimos da antiga lei, nas primicias dos frutos, no banquete do deserto, no pão multiplicado sobre o monte, e em mil outras imagens.

Se podesse duvidar da vossa fé, provaria a sua verdadeira existencia com os oraculos do Evangelho, com as figuras da lei, com as decisões dos Concilios, com as resoluções dos Padres, com os milagres sem conto, com o testemunho dos póvos, com o grito universal de toda a Igreja. Poderia referir os elogios magnificos, com que o celebrão altamente os Padres de todos os Seculos, oraculos da humanidade; e seguindo as suas decisões desde o Christianismo nascente, poderia dizer com Santo Ignacio Martyr, que o Sacramento do altar he o principio efficaz de nossa immortalidade: *Pharmacum immortalitatis.* Com São João Chrysostomo: que elle he o

grande mysterio de paz: *Mysterium pacis.* Com o grande Concilio de Nicéa: que elle he o symbolo da nossa Resurreição: *Symbolum Resurrectionis.* Com Santo Ambrozio: que he o alimento dos Santos: *Esca Sanctorum.* Com o meu Santo Agostinho em fim, por omittir todos os mais: que elle he o sinal de nossa união com Deos, e o vinculo suavissimo da Divina Caridade: *Signum unitatis.* Podéra dizer.... Mas que, Senhores? Uniria eu aqui as minhas frias reflexões aos pensamentos sublimes de tantos, e de taes Panegiristas? Não, Senhores, contente de o adorar em minha humiliação profunda, eu deixo a vós, Espiritos Angelicos, celestes, que rodeais o seu throno altissimo, inaccessivel, sagrados habitadores da celestial Jerusalem, que o applaudis em vossos canticos ao som de vossas citharas, eu deixo a vós a vantagem singular de penetrar o véo, que o esconde aos nossos olhos, e de celebrar dignamente a gloria de

sua presença clara, manifesta, e gloriosa. A nós, miseros mortaes, indignos adoradores deste grande Sacramento, compete só a humiliação na sua real presença, e o cuidado de nos dispôr, e purificar para o receber dignamente: *Probet autem se ipsum homo, et sic de pane illo edat, et te calice bibat.*

Limitemos pois a estes grandes deveres as nossas piedosas reflexões sobre o Sacramento do altar, e consideremos nelle a Jesu Christo não só como presente ao nosso culto nas especies adoraveis; mas como intimo ás nossas almas na meza da communhão. Como presente nas especies, nós lhe devemos offerecer o sacrificio de huma fé viva, e respeitosa. I.° Ponto. Como intimo na communhão, nós lhe devemos consagrar huma disposição fiel, e verdadeira. II.° Ponto. Em huma palavra: as justas disposições, com que devemos assistir, adorar, e receber ao Divino Sacramento, eis-aqui o que vos desejo mostrar na presente oração.

Dignai-vos vir dirigir-me, ó Espirito Santissimo de sabedoria, e verdade, e communicar-me hum raio da vossa luz: *Veni, Sancte Spiritus, et emitte coelitus lucis tuæ radium.*

## PRINCIPIEMOS.

SEndo aquelle Sacramento o mysterio de fé por excellencia, segundo a bella expressão de Jesu Christo, elle pede justamente de nós o devido sacrificio de huma fé sempre viva, e respeitosa. Mas quando eu vos enculco esta generosa fé, com que o devemos contemplar naquelle throno, vós estais vendo já, que eu não fallo daquella fé inerte, indolente, e ociosa, que não produz algum effeito nos mesmos, que a professão; que se compadece com huma vida toda contraria ás suas inspirações, e ás suas maximas; que se desmente na prática; que crê o mesmo, que contradiz, e contra-

diz o mesmo, que confessa. Não fallo daquella fé morta, e inanimada, que não infunde em nós ha tantos tempos a vida da graça, e da innocencia. Não fallo, em fim, daquella fé constrangida, que parece existir em nós, como em perpétua tortura, destituida de seu lustre, desfigurada, e denegrida, como escrava infeliz, a quem forçamos a servir ás nossas mesmas paixões.

Não, Senhores, não he esta a nobre, e augusta fé, que Jesu Christo nos pede, que S. Paulo recommenda, e que eu vos persuado, para adorardes dignamente ao Senhor no Sacramento. E como ousaremos nós arrastar á presença de Deos mesmo huma tão bella virtude, assim desfigurada, espirante, morta mesmo, e assassinada pelos golpes mortaes de nossos crimes? Poderia o Senhor reconhecer em tal estado a esta bella porção da sua eterna verdade, e soffrer diante de si tão desfigurada, e abatida esta illustre directora de todas as mais virtudes? Isto

seria arrastar á presença mesma de Jesu Christo a victima mais agradavel a seus olhos, coberta toda de lodo, de abominação, e de immundicia.

Não, Senhores, não façais ao nosso Deos hum ultraje tão sensivel. Apartai de sua divina presença huma fé tão indigna, e tão disforme. O Senhor a desconhece, e a reprova. Huma victima tão indigna, bem longe de lhe agradar, não serviria que de augmentar a sua cólera, e provocar contra nós suas terriveis vinganças. Trazei sim á sua divina presença huma fé viva, e respeitosa; quero dizer, huma fé viva, que, a pezar da santa obscuridade, que encobre ao Senhor no Sacramento, saiba penetrar o véo, que o esconde á nossa vista, e divisar todo o lustre magestoso de sua Divina Magestade. Huma fé perspicaz, e luminosa, que ao través da nuvem dos accidentes, vê alli distinctamente, como S. João no Apocalypse, ao Cordeiro Divino adorado sobre o Throno; os assistentes, que o cer-

cão, prostrar aos seus pés suas coroas, e os Anjos a milhares offerecer-lhe as suas adorações, e os seus incensos. Huma fé animada, e penetrante, que divisa alli a Jesu Christo vivo, glorioso, e immortal; que vê a sua humanidade; que divisa alli as suas chagas, e todas as acções, e mysterios de sua vida, e de sua morte. Que o contempla alli mesmo recemnascido em Belém, educado em Nazareth, celebrado na Judéa, sarando aos enfermos, resuscitando aos mortos, comendo com os Discipulos, instituindo o Sacramento, morrendo em huma Cruz, resuscitando de seu tumulo, sobindo depois ao Ceo, e reinando eternamente. Trazei finalmente á presença do Senhor aquella fé victoriosa, que triunfa das paixões, e que he acompanhada das obras de huma verdadeira caridade: *Fides, quæ per dilectionem operatur.* (1)

Enchei-vos de huma fé, que vos

(1) Ep. ad Galat. C. 5. ℣. 6.

faça crer, como Abrahão, contra a mesma esperança, e vos torne promptos, como elle, a sacrificar ás ordens de Deos o que vos he mais amado. Huma fé, que vos faça dizer, como a S. Paulo: Senhor, que quereis que eu faça? E como David: Senhor, o meu coração está prompto para cumprir quanto fordes servido mandar: *Paratum cor meum, Deus.* Huma fé digna de que o Senhor vos diga ao coração, como á Cananéa: a tua fé te salvou: vai em paz. Huma fé, que possa dizer, como Martha: eu creio, Senhor, que vós sois o Filho de Deos, que viestes ao mundo. E exclame em fim com S. Thomé: *Dominus meus, et Deus meus.* (1) Eis-aqui, Senhores, a boa disposição, com que devemos chegar á presença do Senhor no Sacramento; não ingratos, e infiéis para o entregar, como Judas. Não forçados do preceito, como os convidados do

(1) Joan. 2. 28.

Evangelho; não sem a veste nupcial, como aquelle temerario, a quem o Senhor excluio da grande cêa; não em fim, conservando no coração o fermento da malicia; mas provados, e bem dispostos, como recommenda o Apostolo; cheios de huma fome interior, como diz o meu Santo Agostinho; attrahidos de hum desejo sincero, e ardente de gozar a presença do Senhor, e convidados mesmo interiormente entre o número daquelles, a quem a sabedoria chama em qualidade de amigos: *Venite, et comedite, amici.* (1)

Tal he, Senhores, a fé Christã, verdadeira, e generosa, com que devemos adorar ao Senhor no Divino Sacramento. Mas he esta a disposição, com que vós o adorais? Sentistes vós encher-vos de hum amor, e temor santo em sua presença magestosa? Experimentastes acaso em sua vista inundar-se o vosso espirito de huma luz celestial, renascer a

(1) Prov. C. 9. ℣. 5. Cant. 5. ℣. 1.

caridade em os vossos corações, e reinar a paz, e consolação nas vossas almas? Presentistes vós aqui as inspirações divinas, contemplastes as obras do Senhor, ouvistes as suas palavras, recolhestes suas bençãos, gostastes suas doçuras? Entrastes vós aqui, como a Magdalena em casa do Fariseo, para chorar vossos peccados aos pés de Jesu Christo; ou como o Publicano, penetrado de respeito, e humildade, a ferir o vosso peito a golpes de compunção? Meu Deos! (Triste, e dolorosa reflexão) Talvez quando vou entrando neste templo, e chegando a esse altar, vós dizeis, como dissestes do Discipulo traidor: ahi vem chegando o pérfido, e o ingrato, que me entrega: *Ecce apropinquat, qui me tradet.* (1) A vossa mesma presença fará pois minha desgraça; e acharei a minha condemnação aonde os vossos bons servos recebem o penhor de sua gloria. Não permit-

(1) Luc. C. 22. ℣. 21.

tais tal, meu Divino Redemptor, eu vos adorarei em espirito, e verdade, e me disporei para gozar os doces fructos de vossa real presença.

E na verdade, Senhores, se por huma fé verdadeira penetrassemos o véo, que nos esconde a gloria de Jesu Christo, e divisassemos alli a sua Soberana Divindade, quaes serião então os nossos sentimentos de amor, e de respeito? Que adorações tão sinceras, e humiliações tão profundas serião então as nossas? Com que ardor de caridade, com que sêde de justiça não buscariamos nós, meu Deos, a vossa amavel presença? Que suspiros tão affectuosos enviariamos nós a esse throno! Que viva dor de nossos crimes! Que fidelidade, que amor, que compunção encheria as nossas almas!

E com effeito, Senhores, se a nossa fé fosse verdadeiramente digna deste Soberano mysterio, seriamos nós tão insensiveis aos doces attractivos da presença do Senhor? Viriamos nós com tanta indifferença

para o vêr, e adorar? Veriamos ostentar á sua vista as nossas mesmas desordens, e adorar talvez diante delle o idolo da nossa triste paixão? Respeitemos pois melhor ao Deos, que adoramos. Tratemos de reconhecer, e adorar em espirito, e verdade sua divina presença com fé viva, e respeitosa, como vos tenho mostrado; e de o receber dignamente com justas disposições na meza da communhão, como passo a mostrar-vos.

## II. PARTE.

QUando o Divino Jesus limitasse os testemunhos de seu amor, e bondade ao beneficio só de nos assistir no Sacramento, sem se dignar além disso de nos nutrir docemente de sua carne, e de seu sangue; isto seria ainda assim huma fineza incomparavel, digna infinitamente do nosso reconhecimento, e de nossas acções de graças. Mas di-

gnar-se não só de nos assistir, mas de nos nutrir de si mesmo, e de nos unir; e nos encorporar a si; eu não sei que se possa imaginar hum excesso semelhante, e hum motivo tão forte para excitar a nossa ternura, e para nos obrigar a recebello com huma disposição digna desta graça singular, e obrigação incomparavel.

Sim, dizia o grande S. João Chrysostomo, considerai bem este grande beneficio do Senhor para comvosco; e vêde a honra, e exaltação, a que foi servido elevar nossa humildade, em nos admittir á sua divina meza: *Cogita, quali sis dignus honore, quali mensa fruaris.* (1) Vêde qual he o Senhor, que vos convida, qual o celestial alimento, com que se digna nutrirvos, e quaes em fim as disposições, e os desejos, com que deveis participar do seu divino banquete. Muitos dizem, continúa o Santo Padre: oh, se eu merecesse vêr a santissi-

(1) Joan. Chryshom. de Euchar. 60.

ma humanidade do Senhor, a sua face adoravel, ou ainda os seus vestidos, e o seu mesmo calçado: *Quot nunc dicunt, vellem ipsius formam videre, figuram, vestimenta, calceamenta.* (1) Consolai-vos. Vós podeis satisfazer vossos desejos com gloriosas vantagens. Chegai áquelle altar, recebei o Divino Sacramento na meza da communhão com boas disposições, vós gozareis ao Senhor, tocareis a sua humanidade, e a recebereis dentro de vós: *Ecce eum vides, ipsum tangis, ipsum manducas.* (2) Não he necessario fazerdes longas viagens para o vêr, e contemplar; em meio de vós está aquelle, que desejais communicar, e conhecer. Chegai áquelle altar, vêde, contemplai, e conhecei quanto o Senhor he bom para aquelles, que o buscão. Recebei-o bem dispostos nos justos sentimentos de compunção, e de amor, e sentireis embriagar-vos da abun-



(1) Idem Homil. 60. ad Populum.
(2) Ibi.

dancia ineffavel da sua divina meza, e saciar-vos das torrentes das suas castas delicias: *Inebriabuntur ab ubertate domus tuæ, et torrente voluptatis tuæ potabis eos.* (1)

Não vos lamenteis pois de não verdes claramente a sua humanidade, de não viver junto a elle no tempo, em que viveo sobre a terra; e muito menos ainda de não vêr os seus vestidos. A sua presença corporal não vos seria tão util, nem vos uniria tanto a elle, como o Divino Sacramento. Alguns o vírão, e tratárão inutil, e infelizmente; e outros o communicárão, e tocárão para sua condemnação. Os Fariseos ouvindo-o, e conversando com elle se obstinárão no peccado; os algozes tocando a sua carne, e banhando-se em seu sangue, consummárão a sua ultima desgraça. Não tendes pois que invejar aquelles, que vivêrão com elle no tempo de sua vida mortal. Não vos julgueis

(1) Psalm. 35. V. 9.

menos felices, do que aquelles, que tiverão a honra de o receber em sua casa; nem por este motivo invejeis a sorte de Martha, e de Maria, a do Fariseo, a de Zacheo, e de outros muitos, que acolhêrão a este hospede Divino. Muito mais, do que a sua presença, e visita nos concede o bom Senhor no Sacramento; não só entra em nossa casa, e na nossa alma; mas nos encorpóra, diz Chrysostomo, une, e edentifica a si mesmo: *Se ipsum nobis commiscet.* (1) Julgar-vos-hieis felices de vêr só os seus vestidos, continúa o Santo Padre: *Tu quidem vestimenta cupis videre*: o bom Senhor vos concede muito mais; e não só o podeis vêr, mas tocar, communicar, e receber dentro de vós: *Ipse tibi concedit non tantum videre, verum et manducare, et tangere, et intra te sumere.* (2)

Que ineffavel extremo de amor, e de bondade! Que pastor houve já

(1) Chrysostom. Homil. ad Pop. 60.
(2) Id. ibi.

mais, que chegasse a nutrir suas ovelhas com o seu proprio sangue? *Quis pastor oves proprio pascit cruore*? Só o Divino Jesus por hum novo prodigio de bondade podia levar o seu amor até o ponto de nos alimentar com o seu sangue divino naquelle adoravel Sacramento: *Ipse nos proprio sanguine pascit.* Que grandes disposições nos devem depois disto premunir, para recebermos dignamente este alimento divino? Tu só, bella innocencia, eminente santidade, perfeita reunião de todas as virtudes, tu só podias ser aqui nosso recurso, e dispôr-nos de algum modo, para podermos receber a hum Senhor tão amavel no Sacramento do altar. Sendo este figurado no doce fruto da vida, de que só era permittido ao homem innocente nutrir-se no Paraiso, parece que só quem tivesse conservado huma perfeita innocencia, se poderia alimentar daquelle Divino Pão. Mas se este se limitasse só a esta pequena porção de almas santas,

que não tivessem perdido a sua primeira graça, como poderião ser chamados á grande cêa do Senhor os bons, e máos? *Vocaverunt bonos, et malos.* (1) Como seria o Sacramento o remedio dos peccados, se elle se concedesse só a quem nunca os tivesse commettido? Não se desanime pois o peccador, para deixar de receber a Santa Eucharistia. Procure trazer a ella huma disposição verdadeira; examine-se, confesse-se, e purifique a sua alma com verdadeira penitencia; e venha depois receber aquelle pão, e beber daquelle Calis: *Probet autem se ipsum homo, et sic de pane illo edat, et de calice bibat.*

Mas vir receber ao Senhor sem esta disposição; ter sempre hum mortal fastio a este pão dos escolhidos; nauzear-se, como os Hebreos no deserto, da comida deste manná celestial, renunciar o banquete do Senhor, como aquelles convidados pa-

(1) Matth. 22. 3. 4. 5. 6.

ra sua grande cêa ; atrever-se vir a ella sem a veste nupcial ; passar tantas solemnidades , sem chegar á meza da communhão ; chegar finalmente a ella , como arrastados , e por força do preceito ; são estas as justas disposições , que o Senhor pede de vós ? Exporá elle com tão grande excesso de bondade a sua carne , e o seu sangue , só para recolher de vós o desprezo , e o desgosto ? He receber dignamente ao Sacramento , o confundir o pão da vida , com o alimento da morte ? Unir hum manná do Ceo com as viandas do Egypto ? Comer o pão dos escolhidos na mesma meza dos réprobos ? Colloçar a arca Santa no mesmo altar de Dagon ? Receber em fim ao Deos de Santidade em huma boca , que está exhalando o máo cheiro da corrupção interior ? E depositallo finalmente em hum coração dominado da impureza , e de todas as paixões ?

Não he assim , almas fieis , e verdadeiramente Christãs , que vós

recebeis ao Senhor no Sacramento. Penetradas de huma viva dor de vossas culpas, de huma fé verdadeira, de huma caridade ardente, devoradas da fome, e sêde de justiça, e abrazadas nos desejos de receber dignamente ao Senhor, que vos convida, vós lhe presentais vossos suspiros, e recebeis com suas divinas bençãos os frutos deliciosos de huma verdadeira communhão. Vinde pois, almas boas, humildes, e penitentes, saciar-vos das delicias daquella divina meza. Vinde vós, doce Jesus, renovar em nós estes gloriosos effeitos de vossa real presença, e de huma verdadeira communhão. Vós, Senhor, que podeis tudo, e que tudo conheceis; *Tu, qui cuncta scis, et vales*; dignai-vos por vosso amor de nos admittir benigno áquelle eterno banquete, aonde os vossos escolhidos gozão eternas delicias: *Cohæredes, et sodales fac Sanctorum Civium.* Amen.

# SERMÃO
## DAS LAGRIMAS
### DE
# NOSSA SENHORA,

Prégado na Sé de Olinda.

*Lachrimæ ejus in maxillis ejus.*

As lagrimas corrião pela sua face.

Jerem. Thren. Cap. I.

SEnsivel á justa dor, que estas tristes palavras inspirão, e annuncião; cercado das imagens fúnebres, que hum apparato de luto, e de sangue infunde no meu espirito, não divisando na minha perturbação mais, que espectaculos, e motivos de dor, e de amargura; obrigado a interromper vosso silencio, e fallar-vos de hum assumpto o mais doloroso, e o mais difficil, ai de

mim, Senhores, que rigoroso destino me chama hoje aqui, e que me obrigais vós a ponderar? Hum homem extraordinario, que acaba de morrer, e que põe com a sua morte toda a natureza em luto, e em confusão! Hum Profeta innocentissimo, sacrificado cruelmente ao furor de seus mortaes inimigos! Hum justo irreprehensivel reputado entre os scelerados, e punido como o maior de todos elles! Hum bemfeitor universal, hum Redemptor, hum Salvador, vendido, prezo, flagellado, escarnecido, crucificado, morto pelos mesmos, a quem tinha vindo remir, bemfazer, glorificar! Hum Deos creador, omnipotente, immenso, glorioso, Santissimo, ultrajado, e offendido pelo mais horroroso, e mais atroz de todos os attentados! Jesus em fim, este Profeta, este justo, este bemfeitor, Redemptor, Salvador, homem, e Deos juntamente expirando sobre o patibulo o mais infame, e doloroso de huma Cruz! Maria Santissima

vendo, e compadecendo amargamente todos os tormentos cruelissimos deste Divino padecente, seu filho, suas delicias, seu Salvador, e seu Deos! Christãos, amados ouvintes, são isto acaso delirios da fantasia, ou verdades infalliveis da nossa Religião?

Mas, oh dor! Oh desengano! O luto da Igreja Santa, a tristeza que reflectem estas sagradas paredes, o silencio apenas interrompido por alguns brandos gemidos; a dor que nos desanima, o grito interior, que nos desperta, tudo nos annuncia altamente na morte de Jesu Christo a dor incomparavel de Maria sua Mãi, que presencêa esta morte dolorosa, e a chora amargamente em huma triste soledade.

A' vista pois de hum assumpto tão doloroso, e ineffavel, que poderei eu dizer-vos, que possa corresponder á sua sublimidade? Vós, Senhores, viestes aqui sem dúvida contemplar o tormento da Senhora, e unir as vossas lagrimas ás suas.

Desejais ouvir hum discurso favoravel ás vossas disposições, que desperte, e affervore em vós os sentimentos da mais sensivel piedade. Mas eu não posso, perdoai-me, eu não posso satisfazer os vossos justos desejos. Se eu não estou penetrado do meu doloroso assumpto, como posso inspirar-vos sentimentos, que não tenho? E se estou penetrado como vós, e sou igualmente sensivel á morte do nosso commum Senhor, que posso eu fazer mais, do que choralla comvosco no vosso mesmo silencio? Como poderei pintar o mais justo, e penetrante de todos os sentimentos no mais illuminado, e mais terno de todos os corações, pelo mais doloroso, e lamentavel de todos os motivos? Como descrever huma compaixão a mais justa de huma alma a mais sensivel á vista do supplicio o mais cruel, do padecente o mais amavel? Como fazer-vos vêr as lagrimas, que se escondem á nossa comprehensão, ainda mais do que ás nossas vistas?

Como retratar em fim a mais augusta, a mais santa, e a mais gloriosa de todas as creaturas na situação mais humilhante, dolorosa, e inconsolavel de todas?

Mas vós me ordenais em fim o difficil sacrificio de minhas tristes palavras. Eu me esforço pois a obedecer-vos, mas eu o farei simplesmente, e sem algum artificio. Nem vós deveis esperar, nem eu vos posso expôr mais, do que huma ponderação simples, natural, e verdadeira das lagrimas da Senhora. Seria profanar a grandeza, e magestade de hum mysterio tão sagrado, e tão augusto vestillo dos frívolos ornatos de huma eloquencia mundana. A lingoagem só da dor, e da Religião convém ao meu assumpto, mas que assumpto em fim? Nada mais do que a simples exposição das palavras do meu texto: *Lachrimæ ejus in maxillis ejus.* O motivo, e amargura das lagrimas da Senhora na sua triste Soledade, he quanto dezejo offerecer ás vossas piedosas attenções.

Grande Virgem, doce Mãi do nosso morto Senhor, e de seus tristes filhos orfãos; a sua assistencia visivel nos faltou com a sua vida; mas vós nos restais ainda. Tristes pupillos sem pai, e sem protecção, nós não temos recurso sobre a terra mais, do que á vossa piedade. Exercitai-a pois aqui em meu favor. Obrigado, como estou, a descrever a vossa dor incomparavel, e a entrar nos sentimentos do vosso Coração Santissimo, como o posso conseguir sem a vossa permissão, e sem o vosso auxilio? Mas como póde este faltar-me em hum dia, em hum lugar, em hum mysterio, em que vós sois o meu assumpto, a minha esperança, e o meu recurso. Penetrai pois o meu coração dos sentimentos do vosso, para que chore comvosco a morte de vosso filho no resto da minha vida: *Fac me tecum pie flere, crucifixo condolere, donec ego vixero.*

## PRINCIPIO.

O Processo criminal do Divino réo innocentissimo; os clamores, as accusações, as calumnias, e a sentença proferida contra elle, tinhão feito grande estrondo em Jerusalem, e na Judéa, para se poderem occultar ao conhecimento, e compaixão de sua Mãi piedosissima. Ella tinha presentido os conselhos, as inspirações, e as intrigas de seus inimigos para o prenderem. Soube quanto o Senhor padeceo no Horto, e na casa dos Pontifices. Ouvio os gritos do povo, que pedião o seu sangue, e a sua morte. Compadeceo vivamente na sua alma os açoutes, as irrisões, e os improperios de sua coroação. Contemplou o parallelo, em que pozerão a Jesus com Barrabás, e a preferencia atrocissima dada a este insigne facinoroso sobre o Divino Senhor innocentissimo. Tinha-o visto passar pelo meio da Cidade

com a sua Cruz sobre os hombros. Acompanhou constantemente os seus passos ao Calvario: observou todas as suas acções, palavras, e movimentos. Vio o apparato terrivel de sua crucifixão. Vio correr todo o seu sangue. Vio-o expirar em fim; e recolheo os seus ultimos suspiros.

Os espantosos fenomenos, que acompanhárão a ultima respiração do Senhor agonizante, as trévas espalhadas sobre a face da terra, o terrivel terremoto, que a fez estremecer com violencia, o choque horrivel dos penhascos quebrados huns com os outros, e o testemunho universal da natureza, tudo erão tristissimas circumstancias capazes de opprimir do seu horror, e do seu pezo a outra qualquer pessoa, que não fosse a constantissima Virgem. Mas insensivel a tudo, a Senhora não adverte, não attende, não contempla mais, do que a morte de seu filho, e a ingratidão, e a impenitencia daquelles, por quem o Senhor tinha morrido. Que toda a terra

estremeça com horriveis concussões, que os astros escondão a sua luz, que toda a natureza sensivel, e amortecida dê testemunho estrondoso da morte do seu author, que o Universo em fim pareça voltar ao seu primeiro cáos, Maria toda abysmada, e absorta na sua dor vehementissima, não occupa o seu espirito mais, que da paixão da morte, e da saudade de seu filho amabilissimo. Sem se distrahir hum só momento deste doloroso objecto, adora submissamente os juizos do Senhor, submette a propria vontade ás suas ordens supremas; contempla sem distracção o sangue precioso de Jesus desprezado, e calcado no Calvario, e a desgraça daquelles, que não se aproveitarião delle.

Que torrentes de amargura sente correr na sua alma nesta triste reflexão? Que aguda espada de dor penetra o seu coração ternissimo, e quantas vezes lhe pede a triste consolação de suas lagrimas, que congeladas no peito por sua dor

intensissima, se recusão largo tempo aos seus desejos. Mas bem assim como a nuvem sombria, que depois de negar á terra sequiosa a chuva, que esta lhe pede, se desentranha depois em hum chuveiro abundante, tanto mais impetuoso, quanto foi mais retardado, assim a triste Senhora, não podendo mais conter as suas lagrimas, as deixa correr em fim com a maior impetuosidade, e abundancia. E como poderia ella negar este justissimo tributo á morte de seu amado? Como se póde pensar, que aquella, que pôde ser fecunda, sendo Virgem, para o fazer nascer, o podesse vêr morrer com huma dor esteril, e infecunda em lagrimas. Não, Senhores, a sensibilidade, e a razão; a natureza, e a graça; a ternura natural, e a caridade Divina; a qualidade de Mãi, e o merecimento infinito de hum tal filho, reunindo a sua força no coração da Senhora, não lhe podião negar nas suas lagrimas hum testemunho sen-

sivel de sua grande dor, e saudade. Chorou pois, e chorou muito naquella noite fatal, e as lagrimas corrião copiosamente de seus olhos: *Plorans ploravit in nocte, et lachrimæ ejus in maxillis ejus.*

Assim podesse a inconsolavel Senhora mostrar os seus sentimentos em palavras dignas delles; mas este justo allivio se difficulta muito mais á sua grande amargura. Ella esforça em fim seus alentos fugitivos, para dizer ao menos: ai Filho! Ai doce Filho, Salvador, Senhor, Deos meu, consolantes esperanças, *e desejos dos montes, e dos outeiros eternos*, aonde vos escondeis ás minhas vistas? Aonde vos acharei? Como me obrigais a sobreviver á vossa morte? Como poupastes o meu sangue, sendo tão divinamente pródigo do vosso? Seria inutil, he verdade, a minha morte, e o meu sangue, para satisfação, e desaggravo da Divina justiça offendida; que o pedia de hum valor infinito, elle me serviria po-

rém para me conformar com a vossa sorte, e ter a doce consolação de me sepultar juntamente comvosco no mesmo tumulo. Mas como me lembro ainda de alguma consolação? Não, amado Filho, e Senhor; multiplicai sobre mim novos tormentos, fazei-me sentir ainda mais torrentes de amargura; *saciai-me de opprobrios*; (1) prolongai ao vosso gosto o meu desterro; derramai sobre a minha alma diluvios de fel, e de absinthio; fechai como vos agradar, o Ceo aos meus suspiros; trabalhos, humiliações, martyrios... Mas a sua dor a suffoca, emmudece.

Recordava porém no seu silencio todos os grandes motivos, que podião augmentar a sua justa dor, e saudade na morte de seu Divino Jesus. A formosura do seu rosto, o ar de sua presença, a doçura de suas vistas, a regularidade de suas acções, a ternura de seu

---

(1) Thren. C. 3. ℣. 30.

coração, a sua innocencia, a sua santidade, os seus beneficios, os prodigios, tudo, tudo se offerecia então ás suas piedosas reflexões. Contemplava reunidos na sua imaginação todos os passos, e mysterios da Santissima vida do Senhor desde o presepio até á Cruz, e o via no mesmo tempo recem-nascido em Belém, adorado dos pastores, reconhecido pelos Reis, perseguido por Herodes, descançando nos seus braços, nutrido aos seus peitos, sugeito ás suas ordens, sensivel ao seu amor, dócil ás suas palavras, benefico para todos, infinitamente amavel em todas as circumstancias da sua vida Santissima. Ah! E quanto era amavel, benefica, preciosa esta vida de Jesus! Diria em seu coração a triste, e saudosa Mãi, quanto devia prolongar-se a sua tão interessante duração! Porque nos privou tão cedo de sua posse preciosa? Parece que não mediou algum tempo entre o seu nascimento, e a morte, expirou em fim, não vive

mais. Já não terei a doce consolação de o vêr a toda a hora; de o communicar, de o ouvir, de o abraçar, como se dignou permittir-me no tempo, em que era vivo. Tempo feliz, e abbreviado! Ai elle não voltará mais. O Senhor resuscitará, eu o creio, e o espero; mas terei eu ainda, como d'antes, o mesmo facil accesso a todo o instante á sua presença gloriosa? Dignar-se-ha elle ainda de me dar occasião de exercitar em seu serviço a minha escravidão, e humildade? Eu o verei resuscitado; mas eu o gozarei por pouco tempo. Subirá glorioso aos Ceos; mas ficarei sem elle saudosa em prolongado desterro.

Eterno Pai, diz ainda, *vós sois justo*, Senhor, *e rectos vossos juizos.* (1) Eu adoro em tudo isto vossos decretos eternos. Eu vos louvo, Senhor, e eu vos rendo as graças pelo grande sacrificio do sangue de vosso Filho, e pela graça sin-

(1) Psalm. 118.

gular das minhas humiliações. Seja bemdita para sempre vossa infinita bondade. A vossa justiça he satisfeita, e a vossa gloria triunfa. Esta victima Divina tem applacado já a vossa justa vingança; e a vossa infinita grandeza, he em fim desaggravada na morte de vosso Filho. Fazei pois, Senhor Altissimo, que tendo sido exaltado da terra na sua Cruz, faça extrahir todas as gentes ao seu conhecimento, e louvor como havia promettido. Fazei que a destruição do peccado, e salvação dos peccadores, seja o fruto sublime da terra banhada no seu sangue. Salvai, Senhor, aos peccadores pela virtude da Cruz, para que veja toda a carne, como prometteis na Escritura, a salvação de seu Deos, salvai-os, Senhor, que são vossas creaturas, libertos do vosso Filho, e resgatados em seu sangue.

Mas ah! Dolorosa reflexão! O Senhor os quer salvar, e elles se obstinão a perder-se. Offerecer-lhes o perdão, e elles o não querem rece-

ber. Jesus he morto por elles, e os desgraçados ingratos continuão a offendello. A morte de hum Deos Redemptor não os contém, não os compunge. O peccado reina ainda sobre a terra. Huma redempção tão copiosa se torna de todo inutil para a maior parte dos homens, vendidos á iniquidade, depois de serem comprados, segundo a expressão de Paulo, pelo grande preço do sangue de Jesu Christo. Oh Deos! Que dor tão amarga, e penetrante para hum coração tão illuminado, e tão sensivel, como o de Maria Santissima, que conhecia tão perfeitamente o preço da redempção, a malicia do peccado, e a desgraça infinita da eterna privação do Summo Bem!

Aqui he, aonde a dor da Senhora he excessivamente superior a toda a ponderação, e a sua grande alma se vê, como submergida nos abysmos da mais cruel amargura. Aqui he, aonde o espirito humano se confunde, os Profetas emmudecem,

e aonde a Escritura parece não poder ministrar alguma imagem perfeita desta dor incomparavel. As penalidades de Job reduzido á extremidade de seus males; as angustias de Saul em Gelboé, pedindo a morte por allivio; as lagrimas de Jeremias sobre as ruinas do Templo; a viva dor dos Hebreos no seu desterro; a consternação de David na morte de Absalão, e Jonathas; a do Sacerdote Eli vendo mortos os seus filhos, desbaratado o exercito, e captiva a arca Santa, tudo quanto padecêrão os Martyres do Christianismo nos carceres, nos cadafalsos, nos incendios, nada póde comparar-se á dor incomparavel de Maria, vendo que tantos desgraçados se não havião de aproveitar do sangue da redempção.

He possivel, discorreria a Senhora, que morrendo Jesus por todos os peccadores, fique algum desgraçado, que se não queira aproveitar desta morte preciosa? He crivel, que o demonio triunfe ainda depois

della da maior parte dos homens, e tyrannize ainda em sua dor, a escravidão a tantos captivos desgraçados? A mais doce liberdade se lhes offerece, e elles a não querem acceitar! As portas do Ceo se lhes franqueão, e o inferno se enche ainda de tantos, e tantos miseraveis! Oh cegueira! Oh desgraça! Oh dor muito mais inconsolavel, do que a da morte mesma de Jesus! Sim, Christãos, esta he a dor sobre toda a dor vehementissima, que mais cruelmente penetrou a grande alma de Maria; e a sua grande fortaleza, que lhe deixou presenciar todos os tormentos de seu Filho, parece succumbir a esta prova. O sangue se lhe congela nas vêas; seu coração desfalecido se cobre de huma agonia mortal; seus olhos parece não poderem mais vêr a luz; o seu rosto desmaiado mostra na sua palidez as torrentes de amargura, que se derramão na sua alma. Todo o alento, que lhe resta, he só para padecer, e chorar amargamente.

Mas não mais, oh grande Virgem. A vós não he, a quem compete aqui chorar sem consolação. Sempre innocente, sempre pura, e sempre isenta de peccado; vós não tivestes parte alguma no attentado enormissimo da morte do vosso Filho. A nós, miseraveis peccadores, réos desgraçados de seu sangue, a nós he, a quem pertence chorar com viva amargura, e abandonar-nos toralmente a huma dor sem limites. He só a nós, desgraçados aggressores deste deicidio cruel, a quem elle se attribue justamente, e a quem compete reparallo com lagrimas de penitencia. He finalmente a nós, a quem se pede esta vida innocentissima, que o nosso peccado tirou ao vosso Filho Divino. A nossa ingratidão . . . Mas que novo accidente diviso, Senhora, na vossa face? Vós me olhais com horror, e indignação, como aggressor deste deicidio. Vós me estais accusando, como ao réo detestavel desta ingratidão, e impenitencia, que he causa da vossa maior dor,

e amargura. Parece-me ouvir dizer-vos. *Tu es ille vir.* Tu és o réo do mesmo crime, que annuncias. Tu és o aggressor cruel, que fizestes derramar aquelle sangue, e fazes correr estas lagrimas por tua impenitencia: *Tu es ille vir.* Tu, sim, tu mesmo tens renovado muitas vezes o doloroso processo da paixão, e morte do meu Filho. Tu o vendeste, como o discipulo traidor, pelo preço ainda mais vil de teus brutaes appetites. Tu lhe preferiste cousas ainda mais indignas, do que o povo ingrato lhe preferio em Barrabás: *Tu es ille vir.* (1) As suas bofetadas, os seus açoutes, são obras de tuas mãos impuras, avaras, e sanguinosas, tu... Ah! Santa Mãi dos peccadores, não me carregueis mais de confusão. Eu reconheço, e confesso todo o horror de minha culpa. Eu sou, he verdade, esse mesmo, que dizeis, e muito peor do que o dizeis. Vós sois ainda mui-

(1) Secundus Reg. C. 12. ℣. 7.

to indulgente comigo na vossa diminuta accusação; e a vossa piedade brilha ainda até na indignação justissima, que mostrais contra os meus grandes peccados. Mas vós sois Mãi dos peccadores, e não confundireis hum miseravel, que reclama a vossa grande piedade. Eu sei, que o Senhor não desprezará hum coração contrito, e humilhado, e como o rejeitareis vós, sendo, como sois, piedosissima? Esta qualidade me anima, e na minha confusão eu recorro ao vosso amparo, reclamo a vossa protecção, e me acolho em fim á sombra, e ao abrigo deste escudo. Eis-aqui pois, a minha defeza, e o meu recurso. He a imagem mesma, e o sangue de vosso Filho. Vêde, se o conheceis?

Mas ah! Mãi piedosissima, parece-me ouvir dizer-vos: *Non est species ei, neque decor.* Não se divisa nelle algum vestigio, ou semelhança de sua antiga formosura. Essa he antes a imagem do mais desprezivel, mais abjecto, e mais indigno

dos homens: *Despectum, et novissimum virorum.* (1) Não se conhece o seu rosto escondido, coberto todo de sangue: *Quasi absconditus vultus ejus.* Esse he verdadeiramente o seu sangue, mas não a cópia fiel daquella humanidade perfeitissima, que a virtude do Altissimo formou no indigno ventre de sua escrava humilde. Não, não he essa aquella cabeça augesta, throno da sabedoria do Padre, que formou designios tão incomprehensiveis de misericordia, e de salvação. Não são esses aquelles olhos graciosos, brilhantissimos, que lançárão para mim vistas tão ternas, tão misericordiosas, e tão amaveis; nem essas aquellas mãos tão liberaes, e tão beneficas, que espalhárão tantas bençãos. Eu o não reconheço pois nesse retrato. Desde os pés até á cabeça não diviso parte sã. Tudo he huma só chaga.

Sim, dolorosissima Senhora, a minha perturbação, e a minha dor

---

(1) Isaias.

me enganava, e vós me desabusais. Esta não he com effeito a imagem fiel do vosso Filho. Ella representa mais fiel, e expressamente a este miseravel peccador. Esta he a cópia natural, e verdadeira do mais indigno dos homens, do maior dos peccadores, de mim mesmo. Eu me reconheço em fim neste retrato. Este sangue, ai de mim! Miseravel desgraçado! Este sangue foi extorquido á violencia de meus golpes, e eu ouço ainda os seus gritos contra mim. Esta cabeça inclinou com o pezo de meus crimes, e accusa na sua inclinação a minha arrogancia, e soberba. Estes olhos se fechárão por não supportarem mais a vista de meus delictos. Esta boca emmudeceo para confundir a dissolução de minha lingua. Estas mãos, este peito, estes pés, todo este corpo lacerado representa bem ao vivo meus sentimentos, minhas acções, e meus passos injustos, e criminaes. Sim, eu me reconheço neste espelho, e nesta imagem, tal como na verdade tenho sido. Eu me

horroriso, e me confundo. Quizera esconder-me á mesma luz, ás vistas de todos os viventes, e fugir dos meus remorsos, e da minha confusão. Mas para onde fugirei, senão para vós, doce Mãi de piedade, refugio dos peccadores? Para onde fugirei, senão para vós, meu Deos, meu amado Redemptor? Onde me esconderei da face da vossa ira... Eis-me aqui pois aos vossos pés contrito, humilhado, e vivamente arrependido dos gravissimos peccados, que contra vós commetti. Perdoai-me, bom Jesus, pela vossa misericordia. Pequei, Senhor, contra vós. Peza-me.... Ajudai-me, Christãos, na minha dor; e pois que todos peccamos, choremos, clamemos todos: meu Deos, meu Senhor, meu Pai Divino, dulcissimo, clementissimo, peza-me de vos haver offendido. Reconheço a minha culpa; proponho desaggravar-vos, e servir-vos fielmente na minha verdadeira emenda. Perdoai-me pois, Divino Pai, pela vossa grande piedade, e pela vossa misericordia.

# SERMÃO

DO

# SS. SACRAMENTO,

Prégado na Sé da Bahia.

*Non sicut manducaverunt Patres vestri manna, et mortui sunt.*

Não assim como o manná, que nutrio aos vossos Pais, e os não livrou da morte.

Do Evang.

ASim o disse nosso Senhor Jesu Christo, fallando daquelle Santissimo Sacramento. Querendo darnos delle huma idéa perfeita, o Senhor não adoptou alguma comparação, ou semelhança entre as muitas imagens, que o havião figurado. Inculcando a sua virtude incomparavel, não foi servido dizer-nos, que elle era huma oblação mais pura, do que o sangue de Abel; hum sacrificio mais

perfeito, do que o de Melquisedech; huma victima mais digna do Senhor, do que o antigo Cordeiro; hum pão mais saudavel, e mais pingue, do que o de Elias; hum banquete mais augusto, do que o de Assuéro; hum Sacramento em fim mais incomprehensivel, mais divino, do que tudo, quanto o Senhor havia feito desde a origem dos Seculos. Para significar a singularidade incomparavel desta nova maravilha: elle exclue toda a comparação, ou semelhança; e só se digna dizer-nos, que o Sacramento Eucharistico não he como o antigo manná, que nutrio a Israel sem o preservar da morte: *Non sicut manducaverunt Patres vestri manna, et mortui sunt.*

Como querendo dizer aos Judeos, com quem fallava: vós vos gloriais altivos das graças, e privilegios, com que o Senhor especializou vossa nação, e de dignou favorecer-vos. Decantais a singularidade da lei, a santidade do culto, a magestade do Templo; a magnificencia dos ritos,

a pompa dos sacrificios, a multiplicidade das victimas, as escrituras, as profecias, as promessas, e outros muitos beneficios, e prodigios de bondade, com que o Senhor vos protegeo no Egypto, no deserto, no Sinai, em Canaan, e em mil outros lugares, theatros de sua gloria, e de vossa exaltação. Humilhai-vos. Eis-aqui hum prodigio todo novo, huma maravilha sem exemplo, e huma graça muito maior, que tudo isso. Huma nutrição santificante, que encerra em si todo o sabor, e delicias; huma meza gloriosa annunciada por David, e Salomão; huma oblação toda pura, promettida em Malaquias; hum sacrificio incruento, huma victima divina, hum mysterio, hum Sacramento altissimo, ineffavel, de que vós conservais apenas as imagens, e promessas nas vossas mesmas escrituras, e os filhos do Evangelho gozarão a realidade: o Sacramento em fim do meu corpo, e do meu sangue, que hade nutrir, e santificar a hum povo mais

favorecido, e amado, do que o vosso, cujos Pais se nutrirão do manná, sem deixarem de morrer: *Non sicut manducaverunt Patris vestri, &c.*

E com effeito, Senhores, não são já as sombras, e as figuras, que hoje devem excitar o nosso culto. Não são os antigos prodigios, que espantárão a Israel, e estabelecêrão sua gloria entre todas as naçôes; não he o sangue das victimas, não a carne do cordeiro, não o manná figurativo, ou o banquete do deserto, que hoje nutre docemente aos filhos da adopção: he hum Sacramento infinitamente superior a tudo isto; huma nutrição mais saudavel, hum banquete mais divino, a que nada póde comparar-se. He o grande sacrificio da nova instituição do Homem Deos, a maior de suas grandes maravilhas, o compendio, e reunião de todas ellas; o prodigio do amor de Jesu Christo, a memoria de sua vida, o legado de sua morte, o penhor da sua gloria, nossa consolação, nossas delicias,

todo hum Deos, e todo o bem, que se faz nosso alimento. Eis-aqui o prodigio especial, e sem exemplo, que reconhece a nossa fé, inflamma o nosso amor, e faz o objecto de nossas adorações. Prodigio incomprehensivel sim; mas cuja incomprehensibilidade o não faz menos crivel á nossa fé, e cuja credibilidade o não faz menos incomprehensivel á nossa contemplação. Prodigio da Omnipotencia, e grandeza do Senhor, prodigio de sua misericordia, e bondade; prodigio em fim, e eis-aqui o meu assumpto; prodigio todo novo, e singular do amor do nosso Deos, de que não ha semelhança em tudo quanto o Senhor executou desde o principio dos tempos. Limitemos, Senhores, a este ponto as nossas piedosas reflexões sobre este grande mysterio.

Eu não prometto, Senhores, nem posso aspirar mesmo a preencher a vasta extensão do meu assumpto; nem elle seria digno da vossa Divina presença, e Magestade, meu

Divino Redemptor, se podesse ser decifrado pelas luzes obscuras de minha fraca razão. Eu quizera bem antes adorar-vos em hum silencio respeitoso, do que obscurecer a grandeza de hum mysterio tão alto com as frias reflexões de meu espirito. Mas vós, Senhor, *poderoso sois para fazer abundar em mim a vossa graça, e dar-me nella toda a sufficiencia, que me falta.* Em vós pois he que eu confio, e de quem espero o meu auxilio.

## PRINCIPIEMOS.

COntemplando com David os beneficios de Deos para o seu povo, e os estupendos prodigios de sua Mão Omnipotente, eu não posso deixar de exclamar com este Santo Profeta: *Quam magnificata sunt opera tua, Domine!* (1) Quanto são magnificas, e maravilhosas, Senhor, as vossas obras! Ellas provocão por

(1) Psalm. 91. ℣. 6.

si mesmo o nosso espanto logo na primeira scena, que a Omnipotencia nos descobre. O Senhor quer mostrar o seu infinito amor para com os homens, e eis-ahi o mundo todo creado, e coberto de seus effeitos. Apparece logo a luz. Descobre-se a terra fixa no meio dos ares. Estendem-se as esféras, e brilhão os grandes astros em toda a sua extensão. O homem acabado de formar goza todas as delicias da natureza, e da graça. O infeliz desobedece ao preceito do Senhor, e ei-lo ahi miseravel, despojado de seus dons, e opprimido de maldições, e de miserias. Seus filhos igualmente rebeldes, e desgraçados, cobrem a terra de desordens, e ahi vai todo o mundo, na sua primeira idade, submergir-se em hum diluvio. Noé escapando na sua arca restabelece o Universo, e brevemente toda a terra, recobrando a sua primeira fórma, se cobre de vegetaveis, e viventes. Esquecem-se logo as maravilhas de Deos, desprezão-se as tradições, multiplicão-se

as desordens, adoptão-se novos Deoses, dilata-se a idolatria. Sahe do paiz dos Chaldeos hum homem justo, que vai ser chéfe de hum povo fiel, e religioso, depositario da fé, e das promessas.

Mas que prodigios, oh Deos, vão distinguir este povo entre todas as nações! Estabelecido em Canaan, escravo, e desterrado no Egypto, elle recobra a liberdade, passando a pé enxuto entre as ondas do mar. As nuvens obsequiosas lhe chovem o alimento, os rochedos se liquidão para lhe saciar a sêde, as muralhas de huma praça se precipitão para lhe franquear a passagem, a columna luminosa lhe precede, o Tabernaculo o acompanha, os inimigos se lhe rendem, o Senhor o glorifica, o abençôa, e se declara altamente em seu favor. Quem poderá declarar as maravilhas, que acompanhão, e protegem a este povo feliz! Sua entrada em Canaan, seu estabelecimento firme, sua propagação prodigiosa, sua theocracia, suas

leis, seus ritos, seus sacrificios, suas victorias, seus Profetas, seus Heróes! Que testemunhos tão brilhantes do amor do nosso Deos, e que motivos tão fortes, para me fazer exclamar com o Santo Rei David: *Quam bonus Israel Deus*! Oh, e quanto he bom, quanto he amoroso, e amavel o Deos de Israel nas suas obras!

São com effeito magnificas, e portentosas estas antigas maravilhas da bondade, e amor de nosso Deos; mas nada póde comparar-se com os prodigios de amor, que manifesta naquelle adoravel Sacramento. Sim, Senhores, em todos esses effeitos das bondades do Senhor eu reconheço, e admiro hum amor Omnipotente, fecundissimo em maravilhas; mas que todas ellas lhe não custárão cousa alguma. Huma facilidade summa brilha na sua instantanea producção. Nenhuma difficuldade, ou resistencia lhe póde oppôr o nada, para lançar de si todas as cousas. Huma só palavra do Senhor creou tudo em hum momento: *Disse*, e logo *tudo foi*

*feito*; *mandou*, *e tudo foi creado.* (1) Nada podia resistir á força victoriosa de seu braço omnipotente. Tudo quanto quiz fazer, o fez com summa facilidade: *Omnia*, *quæcumque voluit*, *fecit.* (2)

Mas naquelle adorável Sacramento, oh Deos! Que resistencias, que contradicções, que difficuldades se lhe oppõe? Que, Senhores! O Altissimo, a quem o mesmo nada obedeceo para lançar tudo de si, parecendo obedecer elle mesmo á voz do Sacerdote, para se collocar nas suas mãos! O que tem o seu throno sobre os Querubins, dignar-se abater sua grandeza, para se humilhar até nós! Hum Deos tão zeloso de sua gloria expondo-a sem reparo ás nossas irreverencias, e aos nossos ultrajes! Occultando a Divindade, para mostrar só a humiliação! Limitando a grandeza para se proporcionar ao nosso nada! Reduzindo toda a sua immensidade

---

(1) Psalm. 32. ℣. 9.
(2) Psalm. 113. ℣. 3.

ao breve circulo de huma hostia! Obscurecendo a sua luz inaccessivel em huma nuvem de accidentes! E reduzindo a sua Omnipotencia a huma inacção perpétua! A creatura em fim nutrindo-se da substancia do seu mesmo Creador! Jesu Christo vivo, glorioso, immortal, dando-se sem commutação, e sem reserva a todos quantos o querem receber? A fé contradizendo aos sentidos, e adorando a verdade nas mesmas contradicções! Aqui he, oh Deos Eterno, onde toda a razão se anniquila, toda a humana sabedoria se confunde, e nós faltos de palavras, e humilhados diante de mysterios tão sublimes, e ineffaveis, apenas podemos exclamar com o Apostolo: oh altura inaccessivel da sabedoria de Deos, quão incomprehensiveis são os teus juizos! *Oh altitudo divitiarum sapientiæ, et scientiæ Dei, quam incomprehensibilia sunt judicia tua, Domine!* (1)

Todavia, Senhores, em todas

(1) Ad Roman. C. 11. V. 33.

as antigas maravilhas, que o Senhor executou, eu vejo como interessada a sua gloria, para se manifestar exteriormente. Isto he hum Deos immenso, invisivel, simplicissimo, optimo, summo, maximo, que quer copiar sua grandeza nas suas mesmas creaturas. Se tira o mundo do nada, se o affoga no diluvio, se o restabelece promptamente, se fórma em fim as grandes revoluções do Universo, tudo isso são effeitos suavissimos de sua Omnipotencia, para a fazer conhecer, e adorar. Se desordenou as leis da natureza, se fez suspender o Sol, se consolidou, e dividio as aguas á passagem do seu povo, se liquidou os rochedos, se arrazou grandes muralhas, se destruio grandes exercitos, se elevou, e anniquilou as Monarquias, se executou em fim grandes prodigios, tudo isto se encaminhava á manifestação da sua gloria, e tudo parece ter feito pelo amor de si mesmo: *Omnia propter semetipsum operatus est Dominus.* (1)

(1) Proverb. C. 16. ℣. 4.

Mas naquelle adoravel Sacramento eu não vejo mais, do que o nosso proveito, o nosso bem, e hum amor infinitamente benefico do Senhor para com os homens. Nada vejo, que pareça glorioso para Deos, tudo vejo interessante, e proveitoso para nós. Se se expõe naquelle altar, he para nos assistir amoroso, para suavisar nosso desterro, para compadecer os nossos males, para attender ás nossas súpplicas, para nos enriquecer dos seus dons, para nos santificar com suas graças. Se se disfarça em accidentes de pão, he para nos nutrir sem horror da sua carne, e do seu sangue. Se nos esconde a sua gloria, he para nos não atterrar com o seu pezo immenso. Se nos encobre as suas luzes, he para nos não cegar com os seus raios. Se nos occulta a sua immensa grandeza, he para se accommodar á nossa capacidade, para nos dar confiança de nos chegarmos a elle, e para não termos horror á sua tremenda Magestade. Oh

bondade incomprehensivel de meu Deos! Oh prodigio ineffavel de amor, e de ternura!

Não, Christãos, o Senhor não tinha feito já mais cousa alguma semelhante, nem o havia praticado, assim com outra alguma Nação: *Non fecit taliter omni nationi.* (1) O seu mesmo Israel tão favorecido, e tão amado, não gozou já mais, como nós, a sua real presença. Apenas se manifestou confusamente em obscuras imagens a poucos Patriarcas, e Profetas; e isso foi mais por ministerio dos seus Anjos, do que mediatamente por si mesmo. O Senhor parecia então mais empenhado em fazer respeitar sua grandeza, do que em manifestar sua ternura. Mas neste grande Sacramento, bom Deos! Que doçura, que suavidade, que franqueza nos manifesta o Senhor! Elle não troveja, não fulmina sobre os temerarios, que vem insultar aqui o seu respeito. Não manda,

(1) Psalm. 147. ℣. 20.

como antigamente, os seus Anjos, para punir aos profanadores do seu Templo, e da sua presença Magestosa. Não faz aqui ostentação mais, do que da sua ternura. Parece mesmo insensivel ás nossas irreverencias, Quasi poderia presumir-se, que elle as não vê, nem as conhece. Não parece o Deos forte, e poderoso, que se fazia respeitar na Arca, e no Tabernaculo com castigos exemplares. He o Cordeiro Divino, que se mostra como morto sobre o throno sem acção, sem movimento, e parece ter as mãos atadas para os castigos.

O Senhor he sempre aqui mesmo hum Deos de tremenda magestade, mas que a manifesta só na grandeza invisivel de seus dons. He sempre o *Deos* de *Sinai*, e de *Israel* terrivel nos seus castigos; mas em lugar de raios de vingança, faz *distillar aos Ceos huma chuva voluntaria* de graças, e beneficios *sobre a sua herança.* (1) He sempre

(1) Psalm. 67. ℣. 9. 10.

o Sol de justiça; mas que reconcentra os seús raios na nuvem dos accidentes. As columnas do Ceo tremem de hum profundo respeito diante de sua gloria. Os Anjos cobrem seu rosto, por não poderem supportar a intensão de suas luzes. Os Anciãos do Apocalypse prostrão as suas coroas aos pés de seu throno brilhantissimo. As Dominações, as Potestades, as Virtudes, e todos os Espiritos celestes fórmão naquelle altar, com tudo quanto he mais sagrado no Empyreo, invisivelmente a sua corte; mas o Divino Senhor esconde aos nossos olhos o apparato exterior da sua gloria, e nos encobre a sua resplandecente face, para nos não cegar com o seu resplandor brilhantissimo; e só nos quer mostrar o seu amor infinito, superior no Sacramento a todas as suas obras.

Cada qual dellas parece annunciar expecialmente algum dos seus attributos. A creação do Universo mostra a sua Omnipotencia; a ordem, e armonia dos astros publí-

ca a Sabedoria; o sustento dos viventes manifesta a Providencia; a punição do peccado, e o premio da virtude attesta a sua Justiça; mas o Divino Sacramento decide do seu Amor, e nos faz conhecer mais claramente a sua ternura, e bondade. Nas outras suas grandes obras o Senhor he hum Deos Omnipotente, Omnisciente, Providentissimo, Justissimo; aqui he hum Deos infinitamente Benefico, Indulgente, Amante, Misericordioso; ou melhor, a mesma Beneficencia, Indulgencia, Amor, e Misericordia incomprehensivel, infinita, que nos assiste, nos nutre, nos santifica, e nos une, e encorpora intimamente a si mesmo.

A Escritura Santa, querendo exprimir o reciproco amor de Jonatas, e David, nos diz, que toda a alma de hum estava unida, e como grudada á do outro: *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David.* (1) No Divino Sacramento não

(1) Prim. Reg. C. 18. ℣. 1.

só nos unimos intimamente a Deos, mas ficamos todos nelle, e o Senhor fica em nós: *In me manet, et ego in illo.* Fica, digo, em nós, não por simples assistencia externa, e esteril; mas íntima, efficaz, e productiva de frutos abundantissimos: *Qui manet in me, et ego in eo, hic fert fructum multum.* (1) E que frutos com effeito não produz o Sacramento naquella alma venturosa, que o recebe dignamente? Que luzes! Que suavidade! Que doçura não respira, e não sente! Que fragrancia de virtudes não exhala? Que dons, e preciosidades não encerra? Cheia toda do seu Deos, ella não ama, não teme, não deseja, não recorda, não contempla mais, do que o bom Senhor, que se digna visitalla. Na posse deste summo Bem, a sua fé se illumina, a caridade se inflamma, a esperança se firma, as virtudes se aperfeiçoão, a gloria se anticipa. Ella sente, co-



(1) Joan. 15. ℣. 5.

mo de si confessava o meu Santo Agostinho, fugirem muito longe della as paixões envergonhadas, e sem força. O mundo, e os seus encantos desapparecem a seus olhos, e Deos só faz todas as suas delicias. Meu Deos, exclama então com o Rei Profeta, que torrentes de consolação, e doçura preparais na communhão ás almas venturosas, que vos amão: *Quam magna multitudo dulcedinis tuæ, Domine, quam præparasti diligentibus te.* (1)

Vinde pois, Jesus dulcissimo, doce alimento Divino, vinde nutrir a minha alma em huma boa communhão. Vinde saciar a minha fome, refrigerar os ardores de minhas tristes paixões; vinde illuminar o meu espirito, e inflammar meu coração no vosso Divino amor. Eu reconheço, Senhor, que não sou digno de vos receber na minha alma miseravel, immunda, e peccadora; mas vinde, Senhor, purificalla, e

---

(1) Psalm. 30. ℣. 20.

ser o seu ornamento. Eu vos desejo receber, a pezar da minha indignidade, e do meu nada; vinde pois receber, acceitar, purificar, e reduzir a ovelha, que reclama o vosso amor, e vigilancia. Bom Pastor, doce alimento, que nos nutris de vós mesmo, fazei que sejamos dignos de vos receber em nossas almas, compadecendo-vos de nossa triste miseria: *Bone Pastor, panis vere, Jesu, nostri miserere.* Saciai-nos, protegei-nos, e santificai-nos, para vos receber dignamente nesse grande Sacramento: *Tu nos pasce, nos tuere.* Fazei finalmente, que vos sirvamos, amemos, e glorifiquemos no mundo, e vos gozemos felices nessa habitação celeste, e Patria gloriosa dos vossos servos fiéis, que vivêrão eternamente: *Tu nos bona fac videre in terram viventium.* Amen.

# SERMÃO
## DAS
# ALMAS,

Prégado na Igreja da Misericordia da Bahia.

*Sancta ergo, et salubris est cogitatio pro defunctis exorare.*

He santa, e saudavel a lembrança de rogar a Deos pelas almas dos defuntos.

L. II. Machab. C. 12.

REferindo estas palavras do antigo Testamento no livro dos Machabeos, eu reconheço, Senhores, que não disse cousa alguma, que vos faça novidade. Todos vós estais persuadidos, eu o creio, desta verdade orthodoxa, e conformes nos justos sentimentos, que ellas por si mesmas nos inspirão. Não careceis, graças ao Ceo, não careceis, que eu vos prove hum dogma de reli-

gião, que vós fazeis tão sensivel neste testemunho público de vossa justa piedade. Este lúgubre apparato, este tumulo, os tristes, e suaves canticos, que acabão de ferir nossos ouvidos; o tremendo sacrificio consummado ainda agora sobre aquelle altar; os sentimentos de misericordia, que respirão estas sagradas paredes; hum ar de religião, que se insinua docemente em os nossos animos; huma tristeza saudavel, que se descobre na vossa face, tudo havia prevenido, muito antes que eu fallasse, a minha persuasão, e a vossa fé sobre o dogma do Purgatorio, e utilidade dos suffragios.

A Escritura nos seus oraculos; a tradição nos seus testemunhos; a Igreja nas suas práticas; os Padres nos seus escritos; os de Trento nos seus canones; a caridade nos seus sentimentos; a justiça nas suas leis; a nossa consciencia nos seus gritos; o nosso interesse nos seus lucros; tudo nos está clamando a huma voz: he santa, e saudavel a lembrança

de rogar a Deos pelos defuntos ; *Sancta ergo, et salubris est cogitatio pro defunctis exorare.*

Que lembrança com effeito tão santa, e saudavel, como a de rogar a Deos pelas almas dos fiéis, que padecem no fogo do Purgatorio ? Surprendidas pela morte, sem haverem expiado plenamente toda a pena dos seus crimes; privadas da liberdade, para poderem obrar alguma acção meritoria, com que possão libertar-se; fechadas nos carceres profundos do abysmo, donde não podem surgir por suas proprias forças; submergidas, e abysmadas nas chammas, que não podem supportar, nem extinguir; indignas de gozar ainda do summo Bem, porque suspirão, e se recusa aos seus suspiros; atormentadas de presente, gloriosas de futuro; que situação tão dolorosa, e tão digna de excitar a nossa mais viva compaixão a seu respeito ! Que dolorosos gemidos, e clamores não empregão para interessar a nossa commiseração, e auxilio

ao seu presente mal, e ao seu futuro bem!

E que exercicio tão interessante, e glorioso para nós, e para ellas! Generosos corações, animados da doce paixão de fazer bem; almas sensiveis, e fiéis executoras das misericordias do Senhor sobre a terra; que fazeis gloriosa profissão de favorecer, e proteger aos miseraveis; eis-aqui hum exercicio bem digno de occupar os vossos nobres sentimentos. Vós sois a esperança, e o recurso destas almas, que implorão o vosso auxilio. Concedei-lho compassivos, e rogai a Deos por ellas. Isto he o que eu quizera bem persuadir-vos na presente oração; mostrando, segundo as palavras de meu texto, quanto he santo, e saudavel para os vivos, e os mortos o exercicio piedoso de rogar a Deos por elles: *Sancta ergo, et salubris, &c.* He santo para os mortos, porque os livra de suas penas. I. Reflexão. He saudavel para os vivos, pelos grandes bens, que lhes resul-

tão de interceder por elles. II. Reflexão. Devemos pois rogar a Deos pelas almas dos defuntos, pelo muito, que ellas, e nós enteressamos nos nossos justos suffragios. Adoravel Protectora deste Templo, doce Mãi de misericordia, eu a reclamo aqui; rogando-vos, que me alcanceis de Deos a graça, de que necessito, para tratar dignamente o meu assumpto. Alcançai-ma, grande Virgem, por vossa grande piedade em obsequio das almas, cuja causa aqui defendo.

## PRINCIPIEMOS.

HE o Purgatorio hum lugar summamente tormentoso, e terrivel, fabricado pela mão do Omnipotente para plena satisfação da sua offensa; hum carcere escurissimo, hum tanque de labaredas, huma fornalha de fogo mais activo, que abraza, sem consumir aquellas almas, que nesta vida não satisfizerão a Deos com-

pletamente. Nesta prizão tão penosa padecem as almas dos fiéis aquellas duas penas acerbissimas, que juntas com a eternidade, farião todo o rigor do Inferno; quero dizer, a pena dos sentidos no fogo, que as atormenta; e a pena do damno juntamente na privação do summo Bem. E que rigoroso tormento, oh Deos! Prizão terrivel, carcere horrendo, noite contínua, fogo ardentissimo, dura privação de Deos, com que viveza de imagens poderei eu figurar o rigor, com que atormentais essas almas soffredoras! Em comparação daquelle fogo, he como suave viração o da fornalha de Babylonia, (1) e o que devorou em breve espaço as Cidades de Pentapoles. (2) Em respeito das lagrimas, que alli se chorão, he o pranto de Jeremis riso, e o de Raquel consolação. A' vista do desejo ardentissimo, que as almas alli tem de vêr a Deos, he huma tranquilla

(1) Daniel C. 3.
(2) Genes. C. 19.

posse a saudade, que teve Jacob de vêr ao seu José, e Absalão a David. (1) Em comparação finalmente daquellas penas, diz o meu Santo Agostinho, tudo quanto se póde padecer de mais terrivel no mundo, he allivio, he refrigerio, he nada: *Dolor, et gemitus, et omne tormentorum genus, quod in hoc seculo excogitari possunt, nihil sunt respectu poenae Purgatorii.* Figurai vós mesmos na vossa imaginação tudo quanto se tem padecido no mundo desde o seu principio. Todas as penalidades de Job, as amarguras de Tobias, as angustias de Saul em Gelboé, o captiveiro, e cegueira de Sansão, os tormentos dos sete Irmãos Machabeos, os incendios, em que Roma vio arder os seus Martyres, os martyrios de todas as victimas da fé, e tudo mais, que no mundo se padeceo, e póde padecer, pois a tudo excede, diz Santo Agostinho meu Padre, o tormento do

(1) Genes.

fogo do Purgatorio: *Ille Purgatorius ignis durior est, quam quidquid in hoc seculo poenarum possit videre, sentiri, et cogitari.*

Ah! Senhores, *horrendum est incidere in manus Dei viventis!* (1) Horrenda cousa he cahir nas mãos de Deos vivo! Diz o Apostolo S. Paulo; tremenda cousa he offender a este Deos zeloso, e justissimo, e cahir depois nas suas mãos, sem ter satisfeito á sua justiça offendida. Dizei-o vós, almas predestinadas, e soffredoras; almas amadas de Deos, mas prohibidas de vêr a sua Divina face; almas herdeiras de hum Reino eterno, mas desterradas longe da vossa feliz herança: vinde dizer aos vivos o quanto he pezada comvosco a mão de Deos, que vos castiga. Vinde expôr aos nossos olhos esse fogo abrazador, que vos consome, e fazei soar em nossos ouvidos esses prantos, e clamores, a que vos obriga não tanto

---

(1) Ad Hebr. 10. ℣. 31.

a violencia do fogo, que vos cerca, quanto a chamma do amor Divino, que arde dentro de vós, e a pena de estares longe do nosso Deos.

E com effeito, Senhores, que pena para huma destas almas, ver-se ainda castigada por Deos, ausente de Deos, indigna de Deos! Que tormento o ver-se ainda ré de offensas contra o seu amado Senhor; indigna de sua vista, separada dos Anjos, esquecida dos homens, companheira dos demonios! Oh, se podesse eu retratar-vos vivamente estas penas tão terriveis! Descei vós mesmos com a consideração a esse lugar de tortura, e admirai o que alli padecem estas almas. Que objecto tão digno de commiseração, e piedade! Que multidão de captivos vejo no meio das chammas, estendendo as mãos para que nos compadeçamos de seus males, e os façamos sahir daquelle carcere! Eis-alli a alma de vosso pai, que vos estende os braços a implorar o vosso auxilio: lá se divisa a da vossa mãi, que vos lança

vistas dolorosas, pedindo os vossos suffragios: eis-alli o vosso irmão, o vosso amigo, o vosso complice, que reclama a vossa compaixão, e piedade. Attendei aos seus clamores, e ouvi a efficacia, e ternura, com as palavras do Profeta: *Oh vos omnes, qui transitis per viam, attendite, et videte.* (1) Oh vós os que passais distrahidos por cima de nossas sepulturas, attendei, e vêde se ha dor, como a nossa dor: *Si est dolor, sicut dolor meus.* Condoei-vos pois de nós, ao menos os que sois nossos irmãos, nossos amigos: *Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei.* (2)

Assim clamão as almas do Purgatorio, para despertar o nosso fatal descuido. Mas não só a nós dirigem os seus clamores; a vós muito especialmente, bemaventurados Cidadãos da Patria Celestial, envião estas almas os seus gemidos com as

---

(1) Thren. C. 1. ℣. 12.
(2) Job. C. 19. ℣. 11.

palavras da esposa : *Adjuro vos, filiae Jerusalem.* (1) Sagradas filhas da Jerusalem Celeste, nós vos rogamos, que pois gozais já da gloriosa presença do nosso amado, lhe façaes presente a nossa saudade, e o nosso amor : *Ut nuntietis ei, quia amore langueo.* (2) E que outra cousa occupa estas almas bemditissimas mais, do que o amor intenso de seu Deos, e o desejo ardentissimo de o vêr, e possuir? Desde que ellas se apartárão de seus corpos, conhecêrão, oh meu Deos, que só vós sois todo seu bem, capaz de preencher os seus desejos, e constituir a sua felicidade. E quantas vezes em meio de suas chammas se querem elevar até á vossa presença, e se sentem suspender por huma occulta força! Quantas vezes se lhes finge divisar a luz precursora de seu suspirado livramento, e querendo seguir o impulso, que as chama para vós, se lhes representa ouvir:

(1) Cant. C. 2. 7. C. 3. 5. C. 3. 8.
(2) Ibi.

*Adhuc sustinete modicum.* Esperai ainda hum pouco. E até quando, Senhor? Quando apparecerei na presença de meu Deos! *Quando veniam, et apparebo ante faciem Domini!* (1)

Senhores, nas nossas mãos está o livrarmos estas almas de suas penas, e abbreviar o seu desterro. De nossas orações, e sacrificios pende o seu suspirado livramento. Compadeçamo-nos pois do seu estado. Que beneficio tão grande para ellas, como he livrallas da companhia dos demonios para a presença de Deos; tirallas do Purgatorio para as fazer ir ao Ceo! Se tanto estimou Absalão voltar para a Côrte de David; se com tanta efficacia pedia o rico avarento, que Lazaro lhe molhasse a extremidade da lingua com huma gota de agoa, para o refrigerar em meio de suas chammas, em quanto estimará huma alma do Purgatorio o beneficio incomparavel de lhe ex-



(1) Psalm. 41. ℣. 3.

tinguir todo o seu fogo, e tiralla de seu desterro para a Côrte Celestial do Rei dos Reis, para a íntima presença de Deos mesmo! Que beneficio, que triunfo converter o fogo do Purgatorio não só em suave viração, como na fornalha de Babylonia; mas a extinguillo totalmente. E isto, oh ineffavel misericordia de meu Deos! E isto com hum sacrificio tão facil, com huma Missa, com huma indulgencia, com huma Bulla de defuntos, com huma esmola, com hum jejum, com qualquer acção de piedade feita por amor de Deos em beneficio das almas!

E deixarieis vós, Christãos, de resgatar por tão pouco a huma alma do Purgatorio? Se visseis a hum homem em meio de hum grande fogo, pedindo-vos, que o livrasseis delle, e o podesseis fazer com muita facilidade, não correrieis vós apressadamente a livrallo? E se soubesseis, que este homem, assim livrado por vós, hia ser valído de

hum grande Rei, ou herdar hum grande Imperio, não estimarieis vós em muito a felicidade de o salvar do mesmo incendio, por lucrar nelle hum verdadeiro amigo, e generoso protector? Ah! E com quanta mais razão deveis vós interessar-vos em livrar do Purgatorio a huma alma, que vai a ser no Ceo favorecida de Deos, valída de Deos, e muito amada de Deos? Resolvamo-nos pois, Senhores, a interceder pelas almas do Purgatorio, e se o não fazemos pelo seu proveito, e seu bem; façamo-lo ao menos pelo nosso interesse, e pelo bem, que nos resulta da nossa intercessão.

## II. PARTE.

SE o exercicio de rogar a Deos pelos defuntos he tão proveitoso, e favoravel para elles, eu me persuado, Senhores, que elle he ainda muito mais interessante, e mais util para nós. As almas do Purgatorio carecem muito dos nossos suffragios,

he verdade, para as alliviar de suas penas temporaes; porém nós carecemos muito mais ainda de sua intercessão para evitarmos as eternas. Ellas padecem de presente, mas estão certas, e seguras, que hão de gozar algum dia de Deos na eternidade. Estão já persuadidas de sua predestinação, e confirmadas em graça. Estão purificando-se, como o ouro no fogo, para entrarem sem mancha naquella Cidade Santa, aonde não póde ter entrada alguma cousa impura. Estão apurando os seus quilates, para resplandecerem como pedras preciosas na Jerusalem Celeste. São almas em fim amadas de Deos, e destinadas para Deos. Porém nós homens enfermos, como se explica o Apostolo, *carregados ainda dos vasos do nosso barro*, e gemendo com o pezo do nosso corpo terrestre: nós que ignoramos ainda qual será nosso destino: nós em fim cercados de tantos inimigos de nossa alma, opprimidos do pezo de tantas culpas, quanto carecemos mais

da intercessão destas almas, e as devemos obrigar a interceder por nós a Deos? Que interesse para nós mais vantajoso, do que fazer ir ao Ceo huma alma, que haja de interceder por nós na presença do Senhor? E deixaria esta alma, a quem vós tirasseis do Purgatorio, deixaria, digo, de ser agradecida ao seu libertador? Deixaria de rogar a Deos por elle, e de pagar com huma efficaz intercessão a misericordia, que praticastes com ella? Seria possivel, que fosse ingrata a quem lhe fez tanto bem? De nenhum modo, Senhores, porque isto seria conservar o vicio da ingratidão naquella Cidade Santa, aonde não entra algum vicio. Não, porque isto seria faltar á caridade, e á justiça na presença do mesmo Senhor das virtudes. Mas poderia ao menos esquecer-se de quem a tinha libertado? Não, porque não he terra de esquecimento a terra de promissão; nem são do fabuloso Lethes as agoas daquelle rio, *cujo ímpeto alegra a Cidade de Deos.*

Crêde-me, Senhores, este novo habitador do Ceo não seria certamente, como aquelle copeiro de Faraó, que tirado do carcere para o lado de seu Rei, se esqueceo em meio de sua felicidade do triste José seu bom Profeta, e companheiro, a quem deixára na prizão. Seria antes como o mesmo José, que elevado ao throno, e á graça de seu Principe, chama a si os seus Irmãos, para os fazer participantes de sua felicidade. Seria em fim hum fiel intercessor, que terieis no Ceo para rogar a Deos por vós, e vos alcançar as suas graças. E com effeito, Senhores, com que zelo cuidais vós, que solicitaria esta alma no Ceo a vossa felicidade? Com que satisfação, e agrado não receberia as vossas súpplicas, para as apresentar a Deos, allegando, como o moço Tobias a seu Pai, os beneficios, que recebêra de vós? E com que justa confiança vos poderieis vós entregar á sua protecção, e ao seu amparo? Meu Deos, se vós, Senhor, por

huma graça singular me fizesseis conhecer, que eu tinha livrado do Purgatorio a huma daquellas almas, que alli havia padecido, com que fé, e confiança a invocaria eu! Com affectos de ternura lhe repetiria eu aquillo mesmo, que dizia José ao seu comprezo companheiro: *Memento mei . . . ut facias mecum misericordiam.* (1) Alma feliz, e gloriosa, a quem eu, tão peccador como sou, vos anticipei a posse da felicidade, que gozais, lembrai-vos agora de mim no lugar do vosso feliz descanço. Condoei-vos da minha triste miseria no meio da vossa gloria. Tende compaixão de mim, como eu a tive de vós; e praticando comigo a mesma misericordia, rogai ao nosso bom Senhor, a quem já gozais presente, que eu o vá louvar comvosco: *Memento mei, dum bene tibi fuerit, ut facias mecum misericordiam.*

Mas não seria necessario, que

---

(1) Genes. C. 4. V. 14.

lhe pedissemos o seu auxilio, e protecção. Ella nos conheceria muito bem, e teria o cuidado de rogar a Deos por nós. Contariamos seguros com a sua protecção; e descançariamos tranquillos sobre os seus bons officios. Mas ainda quando nada disto assim fosse, como na verdade he. Quando proveito algum não conseguissemos da protecção daquella alma, nem algum bem nos resultasse da caridade, que praticamos com ella; que cousa mais gloriosa, e mais interessante para nós, do que o dar gloria a Deos, e fazer, que o Senhor seja conhecido, glorificado, e amado? Ah! E que melhor meio de conseguir estes fins, do que enviar para o Ceo, que o conheça, o ame, e glorifique? Mas podem as almas do Purgatorio conhecer bem ao Deos de luz, naquella região de trévas? Poderáõ amar ao Senhor tanto como a luz da fé, como com o lume da gloria? Poderáõ celebrar em seu desterro as solemnidades da Patria, e cantar os canticos de Sião

na terra alheia? Não, Senhores, os seus canticos são ais, e são gemidos; as suas solemnidades são vigilias; o seu amor he grande, mas não perfeitamente consummado; o seu conhecimento de Deos he vivo, mas não claro, intuitivo, glorioso.

Para que pois este conhecimento seja claro, para que o seu amor seja perfeito; alegres as suas solemnidades; suaves, e jucundos os seus canticos; roguemos ao Senhor, que as tire da Babylonia purgante; do seu doloroso desterro para a suspirada Patria; que faça em fim substituir nellas a obscuridade da fé, a evidencia da visão clarissima beatifica, e aos seus ardentes desejos a gloriosa fruição do Summo Bem. Para que deste modo o Senhor seja eternamente louvado por todas as almas justas, que descancem em gloriosa paz eternamente: *Requiescant in pace.*

# SERMÃO

DOS

PASSOS DE N. SENHOR

# JESU CHRISTO,

Prégado na Igreja das Religiosas de Santa Clara da Bahia.

*Bajulans sibi Crucem exivit in eum, qui dicitur Calvariæ locum.*

Tomando a Cruz sobre seus hombros, foi com ella dando passos para o lugar do Calvario.

S. João 19. 17.

QUe mysterio de dor, e de tristeza encerrão estas palavras, que causão tanta commoção, e amargura em todos os corações sensiveis, e compassivos? Quem he este recommendavel padecente, cuja cruel condemnação faz mover tantas intrigas, inspirar sentimentos tão di-

versos, e dividir em opiniões toda a Judéa? Quem he este Augusto Réo innocentissimo, cujo supplicio doloroso faz cobrir os Ceos de luto, abalar os fundamentos da terra, imprimir o sentimento até nas creaturas insensiveis, desordenar os elementos, e pôr toda a natureza em confusão? Que doloroso patibulo se prepara para o fazer morrer sobre elle na infamia, e na tortura? Para que lhe fazem conduzir sobre seus hombros huma tão pezada Cruz, estando elle tão desfalecido, e meio morto? Porque crimes tão atrozes póde elle merecer huma conspiração tão cruel, e tão injusta? Donde póde proceder tanta severidade em os seus Juizes; tanto odio nos seus accusadores; tanta sêde do seu sangue; tanto empenho na sua morte; tanta acceleração na sentença; tanto favor, e crueldade na sua execução? He pois tudo isto dirigido a Jesus de Nazareth? A este Bemfeitor universal, ao Filho de Deos vivo? Santos Profetas de Israel, Justos da terra,

consternados espectadores desta execução sanguinolenta, que julgais vós á vista della? Ou que posso eu miseravel peccador dizer em hum assumpto tão inaudito, e tão doloroso?

Senhores, se eu prégasse hoje aos desgraçados authores deste horrendo attentado; se fallasse em Jerusalem aos impios Ministros da antiga Synagoga, ou ao Povo Hebreo; eu levantaria a minha voz, como S. Pedro em outra occasião, e lhes diria a grandes gritos: povo insensato, e desgraçado, que furor, e crueldade te céga, e te precipita? Reflecte por hum momento na vida, que vais sacrificar. Tu conspiras, infeliz, tu conspiras cégamente contra o teu Creador; renuncias o teu Redemptor Divino; espalhas o sangue do Justo; matas o Author da vida; proferes, e pedes graça contra elle a favor de hum homicida; e te vais fazer réo de hum sangue innocentissimo, que cahirá sobre ti, e teus desgraçados filhos?

Essa Cruz, que lhe preparas, fará a tua mais terrivel punição, e essa morte consummará a tua desgraça. Repara pois no deicidio, que vais a executar; retracta o teu desacordo, e faze penitencia do teu crime. Assim fallaria eu pois no meio da Judéa. Mas em hum auditorio Christão, que tem prevenido já as minhas reflexões; em hum concurso piedoso, que adora no pacientissimo Jesus o seu Senhor, o seu Deos; que reconhece nesta morte o altissimo mysterio da Redempção universal; que contempla neste sangue o preço do seu resgate; que observa nesta Cruz o instrumento de sua salvação; e nestes passos em fim a misericordia, e bondade do Senhor, que he servido resgatar-nos por hum preço tão custoso; que posso eu accrescentar ás suas luzes, ou aos justos sentimentos de sua Religião, e piedade?

Não, Senhores, eu não saberei dizer-vos cousa alguma, que vós não tenhais premeditado. Vós po-

deis melhor sentir, do que eu posso explicar, o grande mysterio, que nos chama, e nos compunge. Eu quizera bem antes chorar comvosco em o meu silencio, do que expôr-vos o motivo, que deve fazer correr as minhas, e as vossas lagrimas. Mas forcejando em fim contra a minha indignidade, e adoptando as vossas mesmas idéas, e os vossos sentimentos, eu passo a expôr aos vossos olhos os dolorosos passos do nosso adoravel Redemptor para o Calvario. Eu o farei porém com a justa simplicidade, que pede hum assumpto tão relevante, e tão augusto. Sem pompa, sem artificio vos fallarei puramente a simples, e ingenua linguagem do sentimento, da Religião, e da verdade. Muito feliz, oh meu Deos, se soubesse exprimir vossos opprobrios, mais pelos meus sentimentos, que pelas minhas palavras. Muito feliz, se a minha viva dôr interromper, e suffocar no meu coração contrito, e penitente as minhas expressões

frias; mas vós, Senhor, lhes podeis dar todo o calor, e toda a força para poderem tocar aos meus ouvintes. A vossa palavra só por si he viva, e efficaz, e mais aguda, e penetrante, do que a espada de dois gumes, diz o vosso Apostolo, que penetra o íntimo dos nossos corações, e chega a dividir a alma de si mesma. Não permittais pois, bom Senhor, que ella perca na minha boca, em damno dos que me ouvem, esta sua força, e virtude. Falle comigo, e por mim o vosso sangue, a vossa Cruz, a vossa graça, em cujos auspicios, e virtude

## PRINCIPIO.

COmpletas todas as Profecias ácerca do Messias esperado; passado o Sceptro de Judá ás mãos dos Principes estranhos, segundo o vaticinio de Jacob; no fim das famosas semanas, que havia profetizado Daniel; se effeituou em Jerusalem o caso mais doloroso, e memoravel,

que vírão todos os seculos: a condemnação, e morte de Jesu Christo. Este Bemfeitor universal, que havia atroado a Judéa do estrondo de seu Nome, e de seus grandes prodigios; tratando, e favorecendo com doçura a todos quantos chegavão a elle; e espalhando beneficios ás mãos cheias, sem abrir já mais a sua boca, que não fosse para proferir oraculos de salvação, e vida eterna; tendo consummado trinta e tres annos de trabalhos, de pobreza, e das virtudes mais heroicas, de que já mais se havia visto exemplo, ou formado idéa; inflammado em fim nos desejos de consummar a redempção do homem proscripto, e excluido dos Ceos desde o primeiro dia de sua mesma creação; tendo verificado em sua conducta Divina tudo, quanto delle estava escrito nos Profetas; chegado o dia eternamente memoravel de consummar seu sacrificio: se abandonou em fim ao furor dos inimigos, que lhe maquinárão a morte.

Pilatos, o tímido, o desgraçado Pilatos, tendo feito em vão alguns esforços para lhe conservar a vida; cedendo em fim ás instancias tumultuosas do povo, e dos Sacerdotes, que pedião a gritos, o sangue, e morte do adoravel Redemptor, o entregou á discrição deste povo enfurecido, e firmou em fim com sua mão trémula, e repugnante a sentença fatal de sua condemnação. Já o motim socegou. O povo infelicissimo julga que tem conseguido hum glorioso triunfo: a Synagoga se applaude; os Sacerdotes se alegrão; a execução se apressa; e se dividem os discursos. Está conhecida já, dizião huns, a impostura, e falsidade deste pertendido Profeta, que nos soube enganar tanto tempo com os seus prestigios; e apparentes milagres, descobrio-se a verdade. Os perspicazes Pontifices o conhecêrão melhor, do que o vulgo grosseiro. Elle não enganou, dizião outros, mais do que a plebe mais estúpida; porém os Escribas sábios,

os illuminados Fariseos, as pessoas principaes, os homens grandes da Côrte, os Tribunaes, e Magistrados, não se deixárão surprender com a sua hypocrisia, e fanatismo. Que elle faça agora hum milagre, dizem outros, para se livrar de nossas mãos, e não morrer crucificado, elle... mas suspendamos, Senhores, a triste ponderação destes blasfemos discursos, e digamo-lo sinceramente em huma palavra só: estes miseraveis homens discorrião da mesma sorte a respeito do Divino Salvador, que nós vemos discorrer todos os dias aos espiritos fortes, e perseguidores da virtude.

Mas não percamos de vista o nosso Divino Padecente. Sigamos attentamente os seus dolorosos passos: elle he em fim lançado fóra do Palacio de Pilatos. Huma Cruz de excessivo pezo, e grandeza estava já prevenida para o forçar a conduzilla ao distante lugar de seu supplicio. Que justissimas escusas podia o bom Jesus allegar para o

dispensarem desta violencia impraticavel. Eu quizera bem, podia elle dizer, eu quizera bem poder-vos obedecer, e cumprir o vosso gosto em conduzir a minha Cruz; mas vós vêdes muito bem a minha impossibilidade. Eu me acho exhausto de forças; apenas acabo ainda agora de padecer hum doloroso tormento de açoutes, em que perdi muito sangue; hum momento de repouso se me não tem concedido desde a hora, em que fui prezo. Isto he impraticavel para mim o conduzir tão grande pezo no estado, em que me vejo. Se me obrigais a levallo, eu não poderei vencer a extensão do caminho; morrerei no meio delle; e vós não tereis o gosto, e satisfação de me crucificar vivo. Dispensai-me, eu vo-lo peço, dispensai-me desta nova circumstancia de castigo. Bem atormentado estou; já podeis estar satisfeitos; que mais quereis que eu padeça? Poucos instantes me restão já para viver. A minha morte vai

satisfazer promptamente os vossos desejos, e a vossa indignação contra mim. Dispensai-me por piedade; e que o meu desfalecimento mortal excite em vossos animos alguma compaixão para comigo.

Assim podia escusar-se o dulcissimo Jesus. Mas elle não trata de evitar alguma circumstancia de tormento; parece que não póde saciar-se de opprobrios, como estava escrito em hum Profeta. E semelhante ao Cordeiro, que não abre a sua boca na occasião da tosquia, como se explica Isaias, o Senhor não profere huma palavra. Recebe com profunda submissão a pezada Cruz, que lhe mandão tomar sobre seus hombros; e sem deixar ouvir huma só voz, lhe diria em hum silencio divinamente eloquentissimo: vem a meus braços, ó Cruz suspirada ha tantos tempos; eu te escolhi para o meu supplicio; eu te tenho desejado ardentemente; e eu te abraço agora com huma satisfação igual aos meus grandes desejos. Nas-

ci para morrer em teus braços, e devo preencher este destino. Tu me serás muito penosa, he verdade, mas muito consolante ao mesmo tempo; porque em ti se cumpriráõ todas as grandes promessas, que meu Pai tem feito aos homens. Em ti se firmará a promettida alliança de Deos com os peccadores; tu serás o instrumento de sua felicidade; eu te tirarei todo o horror, que inspiras, e consagrarei com o meu sangue o teu opprobrio. Vamos pois ao Calvario. Mas ah, Senhores, que espectaculo se offerece aqui aos meus olhos? Reparai, Christãos, não vêdes o grande concurso, que sahe do palacio do Governador da Judéa? Não ouvís o confuso estrondo das vozes, que sôão em toda a praça? Observai o que succede. Lá sahe do fatal Pretorio huma multidão de povo, e de soldados, que fazem abrir caminho a hum triste Padecente, que he mandado justiçar. Lá vem sahindo a passos lentos, e em que estado, oh Ceos!

curvo, e abatido gravemente do pezo de huma Cruz; a cabeça inclinada, e cingida de hum grande circulo de penetrantes espinhos; os cabellos cahidos ao acaso, e ensopados em sangue, que corre pelo rosto unido a hum copioso suor frio; os olhos pástos em terra, fazendo vêr a confusão de sua alma; as mãos ensanguentadas segurando a grande Cruz; huma corda ao pescoço, e á cintura; a tunica pegada com as chagas ao seu corpo, os pés descalços, e banhados em sangue, que corre de todo elle. Neste dolorosissimo estado, Eterno Pai, vós vêdes a vosso Filho, e vós lhe pedis, e acceitais hum sacrificio tão violento, e tão custoso.

Antigos Profetas de Israel, se he certo, que vós previeis distinctamente este incomprehensivel tormento, e humiliações de Jesu Christo; se he certo que vós o previstes caminhando desta sorte para o Calvario com a sua Cruz ás costas, para morrer pregado nella, como

he possivel, que vos atrevesseis a pedir ao Ceo huma redempção tão custosa! Como não quizestes antes ficar excluidos para sempre de poder entrar no Ceo, e padecer o cruelissimo castigo da privação do Summo Bem, do que querer ser resgatados por tão excessivo preço! Ah! Vêde bem a situação deste Divino Redemptor, acompanhado de algozes, rodeado de inimigos, abandonado dos Discipulos, e blasfemado da plebe, carregado dos delictos, e peccados de todo o genero humano; feito por este motivo de alguma sorte odioso ao Padre, entregue ao seu desfalecimento, e á sua dôr: que passos tão dolorosos não dá para o Calvario. Como se apressa a multidão para ganhar a eminencia do monte, e presenciar a sua morte, e a vêr o fim deste tão recommendavel Padecente? Elles se apressão pois; que digo eu, o concurso se suspende! Que he isto! Estarão deixando descançar o afflictissimo Jesus? Não, Senhores; isto he que

elle cançado, e opprimido, cahio debaixo de sua Cruz, e se esforça em vão a levantar-se para proseguir o seu caminho. Bem assim como a victima, que penetrada de feridas, e exhausta de forças, e de sangue, esforça hum pequeno resto de seu fugitivo alento, para evitar a morte, que se apressa nos mesmos esforços, que faz para evitalla, o pacientissimo Jesus augmenta cada vez mais o seu desfalecimento em cada passo, que dá para o lugar do seu supplicio. Elle forceja porém para proseguir o seu caminho; mas isto he mais hum moribundo, que se arrasta, do que hum padecente, que se move.

Ah! Senhores, isto foi na verdade hum espectaculo bem triste, e doloroso, o vêr sahir a David de sua Côrte descalço, consternado, e chorando com os que o acompanhavão, buscando a eminencia do monte, para evitar a perseguição, e a morte, que lhe maquinava hum filho rebelde, depois de o haver in-

sultado com as mais cruéis injúrias. Mas toda a comparação he inferior, e indecorosa para exprimir a consternação mortal de Jesu Christo, caminhando com a sua Cruz para o Calvario. Elle parece expirar em cada passo, que dá; muito mais sensivel ainda ás injúrias, que recebe, ás blasfemias, que ouve, aos desprezos, que soffe, ao odio, que experimenta, do que ás dores agudissimas, de que se acha traspassado, e atormentado ainda mais interiormente pala amargura de sua alma. Que allivio ministrará o Ceo ao seu grande tormento! Elle lho ministrará com effeito. Mas bem assim como aquelle, que para alliviar o enfermo de huma sêde devorante, lhe ministra na bebida envenenada hum allivio mais cruel, e doloroso, do que o mesmo mal, que padecia, assim eu contemplo aqui a Jesu Christo recebendo no encontro de sua Mái adoravel huma consolação mais triste, e dolorosa, do que os seus mesmos tormentos,

Isto he na verdade muito doce, e agradavel a hum Filho, e tal Filho, á vista de huma Mãi, e tal Mãi. Isto são duas pessoas muito amadas, e amantes na verdade; mas que não ministrão aqui a seu pezar senão golpes mais sensiveis.

Sim, Senhores, Maria Santissima, penetrada vivamente de huma dôr agudissima do estado de seu Filho amabilissimo, não póde reprimir mais tempo a sua viva dôr, e saudade. Quer ainda vêr huma vez ao seu amado, e recolher em sua alma os seus ultimos suspiros. Rompe pela multidão do povo, chega, observa, contempla a sua humiliação, e o seu estado: que dôr! Que communicação de sentimentos nas vistas dolorosas, e reciprocas destes amantes ternissimos? Inconsolavel Senhora, que viestes vós a vêr em o vosso Filho? Que dizeis? Que vos parece? Ah! Como a vejo immovel, consternada, mostrando na palliJez de seu rosto o gêlo, e amargura mortal, que se

derrama em sua alma. Ella se esforça em vão para poder dizer ao menos: ah! Filho, doce Filho.... Mas a sua dor a suffoca, e não póde interromper com huma palavra só o seu profundo silencio. Padece, soffre, agoniza; mas não allivia a sua dor com hum só ai, ou hum só suspiro. Apenas póde contemplar o seu amado; quer abraçallo ainda, dizer-lhe alguma palavra, ministrar-lhe algum allivio, conduzir a sua Cruz, dividir os seus tormentos, morrer mil vezes com elle, ou melhor, morrer por elle. Mas esta consolação se recusa totalmente aos seus designios. Que tormento! Que martyrio! Ah! não desacreditemos aqui esta vivissima dor de Jesu Christo, e de Maria com alguma comparação, ou semelhança. Pezar encarecido de Jacob na imaginada morte de José; consternação de Tobias nos cuidados de seu filho; desfalecimento de Job em suas adversidades; angustias de Saul tendo perdido a batalha, e pedindo a morte por allivio;

e todos os mais successos tragicos, que refere a Escritura, fugi da nossa lembrança; vós sois demaziadamente consolantes em comparação da dor da Santissima Virgem no encontro de seu Filho conduzindo a sua Cruz. Mas eu vejo a Jesu Christo já alliviado do tormento do seu pezo. O ditoso Sireneo livra ao cançado Senhor de se arrastar com ella no resto do seu caminho; mas longe de ser compaixão, ou piedade a que suggerio aos inimigos do Senhor este arbitrio, foi hum excesso maior de sua crueldade, e de seu odio contra elle. Bem assim como aquelles Sacerdotes, que affagavão, e nutrião com mais cuidado a victima, para a poder sacrificar mais vigorosa, e robusta; da mesma sorte os algozes temendo, que o Senhor expirasse antes de chegar ao Calvario, o livrão do pezo da sua Cruz, para lhe conservar a vida, que pertendem tirar com mais violencia pregado na mesma Cruz no lugar de seu supplicio.

Jesus em fim se apressa para poder chegar a elle, espalhando com seu sangue em toda a extensão do seu caminho mil effeitos suavissimos de misericordia, e bondade. Aqui lança suas vistas dolorosas á Cidade, e ao Templo; e se enternece vivamente de sua futura assolação; alli deixa o seu retrato nas mãos da piedosa mulher, que lhe alimpa compassiva o suor, e sangue de seu rosto. Além repete novamente as suas quédas, e une a sua face com a terra; acolá instrúe as piedosas mulheres, que choravão movidas á compaixão de o vêr tão humilhado; e por tudo espalha em fim novos effeitos de ternura até chegar ao Calvario.

Mas antes que o Senhor chegue a este monte fatal, e de dar por nós a vida, tratemos, Christãos ouvintes, de implorar a sua graça, e entrar na sua amizade, e recolher as suas bençãos. Vamos testemunhar-lhe a nossa dor, e compaixão em seus tormentos. Vamos em fim dar-

lhe as ultimas provas do nosso amor, e protestar, que não temos parte com os algozes na effusão de seu sangue, e na conspiração da sua morte. Mas isto he singularmente a vós, felices Esposas deste Divino Amante, escolhida porção de sua herança, a quem toca hoje com mais singularidade o testemunhar ao Senhor a vossa fé, e a quem grita singularmente a piedade. Virgens prudentes, preparai as luzes da vossa fé; ahi vem o vosso Esposo, apressai-vos a recebello, e acompanhallo: *Prudentes Virgines, aptate vestras lampades: ecce Sponsus venit, exite obviam ei.* Ahi tendes pois ao Esposo Divino, que vos busca, e que vem firmar comvosco seus eternos Desposorios. Mas ai de nós! em que estado se offerece elle ás nossas vistas! Como se digna ainda buscar-nos, e lembrar-se ainda de nós, estando para perder a vida por momentos! Oh Dulcissimo Jesus, Divino Pai, terno Amante, amabilissimo Esposo de nossas almas, como

poderemos contemplar-vos em tanto abatimento, sem vos amar com a mais viva ternura, sem nos confundir da nossa insensibilidade, e sem morrer de dor aos vossos pés de vos vêr por nós tão humilhado. Oh! dai-nos, Senhor, a vossa Cruz; e fazei-nos antes morrer nella, ou abraçados com ella. Salvai, Senhor, a vossa vida Santissima, e não padeça em vós o innocente para poupar o culpado: não padeça o Creador para salvar a creatura. Isto he muito, Senhor, querer salvar a tanto custo creaturas tão ingratas como nós. Oh! deixai-nos antes perecer em a desgraça, do que comprar a nossa felicidade com huma tão bella vida, com morte cruel, e com hum sangue tão precioso, e tão Divino. Suspendei pois, Senhor, os vossos passos para a morte por creaturas tão insensiveis ao vosso amor, e tão indignas de huma redempção tão copiosa. Ai de nós, se vós morreis: e ai de nós, se não morreis. A vossa vida, Senhor, nos he infinita-

mente preciosa, e amada; a vossa morte nos he infinitamente interessante, e saudavel. Vivei, Senhor; elle he justo; mas ai! eu me attrevo a dizello: morrei, Senhor, elle he indispensavelmente necessario para a nossa salvação: Continuai o sacrificio, concluí a redempção do vosso povo; firmai a nova alliança de Deos com os peccadores, abri-nos a porta do Empireo; reconciliai a terra com o Ceo; e morrei para este fim no Calvario. Hoje não seráõ já os vossos passos entre nós tão dolorosos; não achareis já neste auditorio Ministro, que vos sentenceê; Fariseos, que vos insultem; espectadores, que vos desconheçaõ; inimigos, que vos offendaõ; algozes que vos crucifiquem. Achareis hum povo fiel, que vos adora: servos que vos acompanhaõ; piedosas mulheres, que chorão amargamente ainda mais os seus peccados, do que os vossos tormentos. Achareis finalmente Esposas, que vos adorão, que abração a vossa

Cruz; que pedem a vossa graça, e clamão pela vossa misericordia. Mas antes que expireis, dai-nos, Senhor, a vossa benção, e perdoai os nossos peccados; porque nos peza muito de os termos commettido; e protestamos a emenda. Perdoai-nos, Senhor, pelos vossos Passos, pela vossa Cruz, pelo vosso Sangue, pela vossa Morte, pela vossa Misericordia.

# SERMÃO
## DO
# CALVARIO,

*Duxérunt eum, ut crucifigerent.*

Conduzirão ao Senhor ao Calvario para o crucificarem.

S. Matth. 27. 31.

QUe he isto, Senhores! Que he isto! Que susto me faz gelar o sangue, e suffocar a voz dentro do peito! Que terrores combatem o meu espirito? Que fantasmas me perturbão, e me atterrão! Que me quer dizer este sangue, que se offerece de toda a parte á minha idéa, e o triste cadafalso, que acompanha por tudo a minha perturbação, e a minha fantasia! Aonde estou eu! Que destino me conduz, e que motivo faz unir neste lugar tão nume-

toso concurso! Ai de mim! Que ouço, que vejo, que contemplo! Eu estendo os olhos por todos os objectos, que me cercão, e recolho de todas as partes novos motivos de terror, e suspensão. Huma Cruz, que se me representa em toda a parte! A morte de hum grande Justo, que se attribue ao meu crime! As minhas mãos banhadas em hum sangue innocentissimo, cujos gritos me atroão, e me estão sempre accusando! O meu coração devorado de remorsos! As imagens do Calvario presentes sempre á minha idéa! Vós mesmos, que me attendeis, emmudecendo em vossa amarga tristeza! O desfalecimento, e a dôr pintada no vosso rosto! Que he isto, Senhores! Que me querem dizer estes mysterios!

Não, Senhores, não póde ser leve o motivo, que excita tantos horrores. Isto he o caso mais espantoso, que virão todos os Seculos, dizia hum grande Filosofo de Athenas: ou padece violencia o Deos

Creador de tudo: ou vai a desconcertar-se a máquina do Universo: *Aut Deus naturæ patitur, aut mundi machina dissolvetur.* Descubramos pois a significação destes inigmas. Rompamos o véo de obscuridade, que nos encobre o espirito destes terriveis mysterios. Reconheçamos o effeito de todas as Profecias. Terra, terra, ouve a voz do Senhor, e dá em hum alto estampido testemunho ao Deos, que te creou. Ceos, estendei o vosso luto. Ossos de todos os Profetas, reanimai vossos alentos: clamai ás Ilhas de longe, e em os cantos da terra. Prégai o grande Mysterio da reparação do homem, e a obra maior da eternidade. O Deos de Abrahão, e de Jacob, o Deos de todo o creado, o Deos de grandeza, e magestade, o Deos vivo, que adoramos, (ai de nós réos desgraçados!) vai a morrer em huma Cruz.

Huma Cruz! (quem o dissera!) Huma Cruz, o escandalo para os Judeos, a loucura para os Gentios!

Huma Cruz, que fazia malditos, pela voz da Escritura, aos que padecião nella! Huma Cruz, que ainda vista de longe inspirava terror á humanidade, e fazia conter aos scelerados em o seu dever! Huma Cruz em fim, o cadafalso infame dos facinorosos, dos ladrões, dos assassinos! eis-aqui, Christãos ouvintes, o throno destinado ao Rei immortal dos Seculos, ao Principe da paz, ao Filho de Deos vivo. Aqui tendes em fim o grande Mysterio, e o cruel espectaculo, que em hum dia, como hoje, fez confundir os elementos, espantar aos mesmos Ceos, desolar as suas portas, e pôr toda a natureza em confusão. Aqui tendes o tragico fim dos beneficios, e trabalhos de hum Deos homem; a famosa decisão da Synagoga, o cumprimento de todas as Escrituras, e o fruto fatal dos nossos crimes. A este fim, meus Irmãos, se encaminhavão os passos dolorosos de Jesus para o Calvario. Vós o vistes conduzir a sua Cruz, cahir muitas

vezes por terra, opprimido de seu pezo, e espalhar em toda a parte com o seu sangue os effeitos de sua beneficencia, e ternura. Vós o ides ver agora morrer em a mesma Cruz. Eu prégo pois a Jesus Crucificado. Não adornarei a minha triste oração com algum artificio, ou ornato de alguma eloquencia vã. Seguirei fielmente aos Evangelistas, e a mesma simplicidade, com que elles nos descrevem a historia sanguinolenta da morte do Redemptor. Elles nos dizem simplesmente, que o Senhor foi conduzido ao Calvario para ser crucificado: *Adduxerunt eum, ut crucifigerent.*

Esta mesma simplicidade regulará minhas idéas, e não accrescentarei cousa alguma a esta simples narração: o Senhor foi crucificado no Calvario. Vou pois expôr aos vossos olhos o modo, e as circumstancias dessa dolorosa execução. He tudo quanto me proponho a expôr ás vossas piedosas attenções.

## PRINCIPIO.

CHegado em fim o fatal dia de luto, e de tristeza, dia de terror, e confusão, dia de trévas, e de horrores, dia eternamente memoravel da morte de Jesu Christo; tendo este Divino Redemptor verificado tudo quanto delle estava escrito; tendo sido por cumprimento de todas as Profecias sacrificado como Abel, vendido como José, ligado como Sansão, flagellado como Job, perseguido como David, condemnado a huma morte torpissima, como tinha vaticinado Jeremias; insultado, escarnecido, e pizado aos pés, como o infimo dos homens. Jesus, o innocentissimo Jesus, saciado de opprobrios, e coberto de sangue, e confusão, chega em fim com a sua Cruz á eminencia do Calvario. O monte he bem depressa coberto de espectadores, que a fama dos milagres deste Redemptor Divino havia

attrahido á Côrte da Palestina: Gregos, Latinos, Barbaros, Romanos, Judeos, Gentios, Nacionaes, e Estrangeiros, todos concorrem em grande número a observar a morte deste homem extraordinario, cuja conducta divina havia feito tanto estrondo na Judéa. Os algozes se apressão, os ministros se presentão, os soldados se ordenão ao redor do seu patibulo, e o povo espera com impaciencia o fim da execução. Jesus desfalecido, e humilhado he o pertendido réo, que vai servir de espectaculo áquella grande assembléa. Elle lança ainda as suas vistas saudosas ao Templo, e se enternece vivamente da fatal assolação, a que vai ser reduzido. Templo amado, diria elle entre si, Santa Sião, Cidade favorecida, Patria ingrata, Nação especializada de minha maior ternura, que depois de assassinares os Profetas, que enviei a teu soccorro, me lanças fóra de ti, e me fazes condemnar a huma morte de Cruz, tu serás para sempre reprovada. Os Gen-

tios succederáõ em o culto do teu Deos, e recolheráõ as bençãos promettidas a teus Pais, que tu renuncías neste dia. Virá tempo, em que chores inutilmente a tua impiedade, e que te vejas deserta, e contemplada como a maldição do universo. Mas ah! Christãos! os algozes interrompem as piedosas reflexões de Jesu Christo, e não perdem hum momento para apressar a sua morte. Sigamos seus movimentos. Meu Deos, que agitação! que alvoroço! que tumulto! Em quanto huns conduzem as escadas, outros preparão as cordas, os cravos, a Cruz, e todos os instrumentos da fatal execução. Arrancão violentamente ao Senhor a tunica pegada com o sangue congelado ao seu corpo Santissimo, e fazem de todo elle huma só chaga. Mandão-lhe imperiosamente, que se lance sobre aquella Cruz, em que deve ser pregado. Pasmai, oh Ceos, á vista deste passo doloroso, e quebrai com a vehemencia da dôr as vossas portas. Jesu Christo, o Deos

de todo poder, e magestade obedece promptamente ao mandato dos homens mais vis da plebe. Lança-se naquelle leito de dôres, e estende, diz Santo Agostinho, as suas mãos ao povo sempre incrédulo, contradicente, e insaciavel de seu sangue.

Estas mãos pois, que havião sarado a tantos enfermos, e resuscitado os mortos com o seu contacto, e que havião espalhado em toda a parte tantas bençãos; e estes pés, que havião dado tantos passos dolorosos a buscar-nos; estas partes tão delicadas, e sensiveis pela multidão de nervos, que alli vão reunir-se, e pela miudeza mesma, e contextura de ossos, e de juntas, e de tudo que he mais proprio para augmentar a dor: estas mãos, digo, que devião fazer a mais sensivel doçura de nossos osculos, são promptamente pizadas, rotas, penetradas pelo ferro, á força de duros, e repetidos golpes de martello. Os ossos, a carne, os musculos, as vêas, as arterias, tudo he despedaçado. Que

dores, que convulsões, que tortura, meus ouvintes! O sangue corre em fio destas quatro fontes copiosas. O corpo experimenta o tormento mais agudo, e desfalece pela intenção das dores. O monte sôa, e retine altamente dos écos das martelladas. Muitos dos circumstantes desmaião á vista deste espectaculo. E Jesus fica suspenso por quatro chagas, pendente de hum madeiro entre o Ceo, e a terra, á face do universo.

Que situação, oh Ceos, tão humilhante, e dolorosa! Que reunião de amarguras, e tormentos! O sangue correndo de todas as partes desta humanidade santissima; a sede devorando-lhe as entranhas, os desmaios cobrindo o seu coração agonizante de amargura, e de gêlo; o rosto coberto de sangue, de pó, e de confusão; a cabeça penetrada de agudissimos espinhos; os olhos affogados em o pranto; as irrisões, e blasfemias ferindo os seus ouvidos: e o Eterno Pai como abandonando ao Senhor em seu desfalecimento,

Ah! que allivio se poderá imaginar a Jesus agonizante? Se elle quer alliviar a dôr insupportavel das mãos, que se rasgão com o pezo do seu corpo, e descançar sobre os pés, estes se rompem violentamente, e envião agudissimas dores a todo o corpo pelas vêas, e arterias, que alli vão terminar-se. Se quer alliviar os pés, e descançar nas mãos a sua delicadeza, não podendo supportar o pezo, sente o mesmo tormento. Se quer levantar os olhos ao Ceo, os espinhos da corôa penetrão até o centro da cabeça. Se estende as suas vistas pela numerosa assembléa, que o cerca, elle descobre inimigos, que celebrão alegremente a sua morte: tudo nelle he dor, he amargura, he tormento: desde os pés até á cabeça não ha nelle parte sã: tudo está ensanguentado, e denegrido: tudo he huma só chaga.

Correi, oh póvos, de longe a vêr este grande espectaculo, que Jerusalem offerece á vossa vista. Vinde, filhos de Adão, recolher estas ban-

ções copiosas, que Jesus agonizante espalha sobre vós todos. Santos Profetas de Israel, vinde vêr o objecto doloroso de vossas grandes promessas. Justos penitentes, peccadores, póvos da gentilidade, todas as nações da terra, vinde lavar-vos aqui no sangue da alliança, que se espalha por vós todos, e he pizado no Calvario aos pés dos scelerados. Vinde, correi, apressai-vos... mas que vozes, que risadas ferem aqui os meus ouvidos? *Vah, qui destruis Templum Dei, et in triduo illud reedificas!* Este he (dizião rindo, e blasfemando os Chéfes da Synagoga) este he o que dizia, que podia destruir o Templo do Senhor, e reedificallo em tres dias. Se elle he o Filho de Deos, como declara, que desça agora da Cruz, e todos creremos nelle. Pérfidos, miseraveis, desgraçados, e não tendes vós provas decisivas desta Suprema Divindade, que pertendeis disputar-lhe? Os cégos recebendo a vista, os mudos fallando claramente, os enfer-

mos restituidos á saude, os mortos sahindo de seus tumulos, e tantos outros prodigios, de que vós sois testemunhas, não bastão para convencer-vos? As vossas mesmas Escrituras não dão claro testemunho da Divindade do Senhor? Não tendes vós admirado sua conducta Divina, e seus grandes beneficios? Mas elle salvou a outros, replicão ainda os malvados, e não póde salvar-se a si mesmo: *Alios salvos fecit, se ipsum non potest salvum facere.* Miseraveis decisões, falsos juizos do mundo, quanto vós sois despreziveis! Jesu Christo se mostra sempre insensivel a estas blasfemias, e ultrajes. Elle se occupa unicamente da salvação dos peccadores. Estende-lhes seus braços amorosos para os abraçar. Inclina sua cabeça para os chamar a si; e não attendia, diz o grande S. Leão, que morria ás mãos dos homens, mas que morria só para salvallos: *Non attendebat quia ab ipsis, sed quia pro ipsis moriebatur.* Sua voz desfalecida apenas se

póde fazer ouvir já aos circumstantes. Elle esforça porém os seus ultimos alentos, para dizer ao Padre; mas o que? Meu Pai, perdoai aos meus inimigos, porque não sabem o que fazem: *Pater, dimitte illis, quia nesciunt, quid faciunt.*

Que bondade! Que doçura, oh meu Deos! Que dizeis, doce Jesus? Pódem elles ignorar o mal, que fazem? Podem desconhecer o seu crime? Não clama a vossa innocencia? Não clama a humanidade? Não clama a justiça? Não clamão as turbas, o povo, e toda a natureza em gritos? Ah! Não lhes perdoeis, Senhor; recebão o fruto do seu crime: *Venha a morte sobre elles: desção vivos ao inferno*: pereção todos aquelles, que conspirão cruelmente contra vós... Mas que digo, ó bom Deos? Eu me amaldiçoei a mim mesmo, eu sou réo do mesmo crime, eu me uní aos vossos mesmos algozes, e vos crucifiquei tantas vezes, quantas vos tenho offendido. Eu reconheço o meu crime.

Eu o quero reparar pela penitencia, e me vou acolher á sombra da vossa Cruz. Mas, que vejo! Que mortal pallidez em o seu semblante! Seus olhos já não podem ver a luz, e se cobrem de huma nuvem! O peito vai a inchar-lhe em a mortal agonia! A cabeça cahe desfalecida sobre o peito! Jesus, o nosso Jesus, o nosso Pai, o nosso Bemfeitor, o nosso amigo, o nosso Deos (ai de mim!) morre nos braços da Cruz, expirou já.

Brados de toda a natureza, gritai ao Universo, que he morto em fim o seu Author. Ossos de todos os Profetas, sahi de vossos Sepulchros, reanimai vossos alentos, clamai ás Ilhas de longe, e em os cantos da terra, e annunciai ao mundo resgatado, que morreo em huma Cruz o seu grande Redemptor. Duros rochedos do Calvario, despedaçai-vos de dôr, e de sentimentos. Mortos, sahi de vossos tumulos. Véo do Templo, rasga-te de alto a baixo. Astros, escondei as vossas luzes. Ceos,

estendei o vosso luto. Homens em fim, por cujo amor quiz morrer este Pai universal, em que cuidais? que fazeis? Peccadores, miseraveis peccadores, que o tendes offendido, vinde vêr a vossa obra; vinde admirar o vosso Deos. Ai de mim! Que he o que vejo! Desgraçado peccador, tu triunfaste em fim: Jesus cahio debaixo do teu odio contra elle: o Senhor he morto em fim, e morto ás tuas mãos. Parece que não tens já que temer de sua justa vingança. Que pódes tu recear de hum offendido, que não vive? Pecca pois, oh desgraçado. Enche á tua vontade a medida dos teus crimes; sacía a tua malicia, pecca, homem miseravel, e inimigo de Jesus. As suas mãos pregadas em o duro lenho parece que não podem defender-se de tuas hostilidades. Os seus pés pregados no patibulo não lhe permittem fugir aos teus golpes. Mas que digo eu? Teme, oh peccador desgraçado, hoje mais que nunca os castigos de teu Supremo Juiz.

Aquelle Deos assim mesmo morto, como está, ainda he o mesmo Senhor, que te vê, e que te julga. Aquelles olhos assim mesmo fechados ainda estão sondando em o teu coração a tua impenitencia. Aquellas mãos pregadas com duros cravos ainda tem forças para castigar-te. Aquelle sangue em fim ainda pede justiça contra os teus attentados. Mas ai, meu doce Jesus, eu me engano. Eu não ouço mais que gritos de misericordia, e perdão. Ouço huma voz interior em a minha alma, com que nos estais dizendo: *Popule meus, quid feci tibi?* Meu povo, amado povo, em que te offendi, ou desgostei? Eu te amei, e te amo ainda. Oraculo consolante, doce palavra, tu fazes renascer a minha confiança, e animar a minha dôr. Eu posso pois salvar-me ainda. O meu Salvador morto mesmo he sempre o meu Salvador. Elle morreo para salvar-me. Eu me quero aproveitar de hum beneficio tão grande. Quero applacar os Ceos pela minha peni-

tencia. Quero reconciliar-me com o meu Deos. Quero chorar, emendar, e reparar os meus peccados. Sim, meu Divino Redemptor, attendei os meus suspiros, tende misericordia de mim, perdoai-me por quem sois.

Christãos, que me attendeis, vós dividis sem dúvida os meus sentimentos. Os motivos são communs, a nossa sorte he igual, todos somos peccadores, todos somos réos daquelle sangue: reparemos todos o nosso grande peccado. Prostremo-nos todos aos pés de Jesu Christo em sentimentos communs de dôr, e de compunção. Todos peccamos em fim: choremos, clamemos todos. Meu Deos, meu Pai, mil vezes meu Pai, meu Salvador, meu Jesus, a quem amo, a quem adoro, em quem creio, e confio: meu Deos, eu tenho sido em fim vosso inimigo; eu tenho sido hum rebelde, hum ingrato, hum pérfido, hum scelerado, hum assassino contra vós. Eu o reconheço, e confesso; mas eu quero reparar os

meus peccados pela minha penitencia. Não me rejeiteis, Senhor, não me reproveis, não me condemneis, eu vo-lo peço pela vossa misericordia. Peza-me, Senhor, de vos ter offendido, por serdes quem sois, meu Supremo Senhor, meu Creador, meu Salvador, e meu Pai clementissimo, amabilissimo. Eu vos não offenderei mais, e espero que me perdoeis pela vossa misericordia.

FIM.

# INDICE

## Dos Sermões conteúdos neste Quarto Tomo.


*Sermão do Coração de Jesus*, . . . . . Pag. 5.
*Sermão das Quarenta Horas*, 30.
*Sermão do SS. Sacramento*, . 55.
*Sermão da Festa das Dores de Nossa Senhora*, . . . . 75.
*Sermão da Resurreição de Nosso Senhor Jesu Christo*, . 95.
*Sermão do SS. Sacramento*, . 116.
*Sermão das Lagrimas de Nossa Senhora*, . . . . . 138.
*Sermão do SS. Sacramento*, . 162.
*Sermão das Almas*, . . . . 182.
*Sermão dos Passos de Nosso Senhor Jesu Christo*, . . 202.
*Sermão do Calvario*, . . . 226.

# INDICE

Dos Sermões contendos neste Quarto Tomo.


Sermão do Coração de Jesus, . . . . . Pag. 5.
Sermão das Quarenta Horas, . 30.
Sermão do SS. Sacramento, . . 55.
Sermão da Festa dos Dores de Nossa Senhora, . . . . . 75.
Sermão da Resurreição de Nossa Senhor Jesu Christo, . . 95.
Sermão do SS. Sacramento, . . 116.
Sermão das Lagrimas de Nossa Senhora, . . . . . 138.
Sermão do SS. Sacramento, . . 164.
Sermão das Almas, . . . . 182.
Sermão dos Passos de Nosso Senhor Jesu Christo, . . . 202.
Sermão do Calvario, . . . . 226.